

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação de Mestrado

Museus rurais:
um estudo sobre patrimônio rural no Museu Gruppelli, Pelotas/RS e no Museu Histórico de Morro Redondo/RS

Maurício André Maschke Pinheiro

Pelotas, 2025

Maurício André Maschke Pinheiro

Museus rurais:

um estudo sobre patrimônio rural no Museu Gruppelli, Pelotas/RS, e no Museu Histórico de Morro Redondo/RS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para o Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Coorientadora: Profa. Dra. Olivia Silva Nery

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

P654m Pinheiro, Maurício André Maschke

Museus rurais [recurso eletrônico] : um estudo sobre patrimônio rural
no Museu Gruppelli, Pelotas/RS e no Museu Histórico de Morro
Redondo/RS / Maurício André Maschke Pinheiro ; Diego Lemos Ribeiro,
orientador ; Olívia Silva Nery, coorientadora. — Pelotas, 2025.
148 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória
Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Patrimônio rural. 2. Ruralidades. 3. Bens patrimoniais. I. Ribeiro,
Diego Lemos, orient. II. Nery, Olívia Silva, coorient. III. Título.

CDD 363.690981

Elaborada por Alex Serrano de Almeida CRB: 10/2156

MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO

Museus rurais: um estudo sobre patrimônio rural no Museu Gruppelli, Pelotas/RS e no Museu Histórico de Morro Redondo/RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 18 de setembro de 2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Orientador

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (MAE – USP)

Prof(a). Dr(a) Elizabete Castro Mendonça

Doutor(a) em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ)

Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS)

Dedico este trabalho à minha família e aos moradores da zona rural de Pelotas/RS e Morro Redondo/RS

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e serenidade concedidas ao longo desta caminhada. Sem sua presença constante, nada disso teria sido possível.

À minha família, pelo amor incondicional, apoio e presença em todos os momentos. Vocês foram essenciais para que eu chegassem até aqui, me inspirando com seus exemplos e fortalecendo minha caminhada com carinho e compreensão.

À Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pelo acolhimento e pelas oportunidades de aprendizado, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para minha formação acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa, contribuindo de forma decisiva para minha formação e meu crescimento profissional.

Aos meus orientadores, Diego e Olívia, pela orientação dedicada, paciência e pelo incentivo ao longo de toda a pesquisa. Suas contribuições, conselhos e conhecimento foram essenciais para a construção deste trabalho e para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Aos meus amigos José Paulo e Vinícius, pela amizade, apoio incondicional e pelas constantes palavras de incentivo. Vocês foram fontes de motivação e inspiração, e tiveram um papel fundamental para que eu superasse os desafios ao longo desta trajetória.

Às minhas amigas Pamela Pereira e Pamela Perleberg, pela amizade, carinho e confiança no meu trabalho em todos os momentos de escrita deste trabalho.

Aos meus colegas Henry e Laiana, pela parceria, amizade e compreensão nos momentos decisivos desta caminhada.

Ao Museu Gruppelli e ao Museu Histórico de Morro Redondo, às suas equipes e colegas, pelo acolhimento, pela colaboração e pela partilha de saberes que enriqueceram profundamente esta pesquisa e fortaleceram meu vínculo com o patrimônio e a memória local.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, seja com palavras de incentivo, apoio prático ou compartilhamento de experiências. Agradeço imensamente por fazerem parte desta trajetória.

“Esses bens não foram selecionados pela ciência, pela academia e nem por um órgão do governo. Esse patrimônio foi circunscrito, nomeado, através de uma visão nativa de patrimônio, ou seja, eles elencaram aquilo que deveria permanecer à longo prazo, nós apenas organizamos e sintetizamos tecnicamente essa visão de patrimônio que era anterior, da própria comunidade. Isso é importantíssimo para pensar patrimônio”. (RIBEIRO, 2021).

Resumo

PINHEIRO, Maurício André Maschke. **Museus rurais**: um estudo do patrimônio rural no Museu Gruppelli, Pelotas/RS, e no Museu Histórico de Morro Redondo/RS.

Diretor: Diego Lemos Ribeiro, Codiretor: Olivia Silva Nery. 2025. Xxx f. Tese

(Maestría en Memoria Social y Patrimonio Cultural) – Instituto de Ciencias Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

Esta dissertação tem como objetivo analisar como o patrimônio rural se expressa na região da Serra dos Tapes, a partir dos conceitos de musealidade e patrimonialidade, com foco nos acervos do Museu Gruppelli, localizado na zona rural de Pelotas/RS, e do Museu Histórico de Morro Redondo/RS. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando como principal instrumento metodológico entrevistas presenciais com agentes sociais diretamente envolvidos na fundação e manutenção dos museus estudados. Analisa-se o papel desses museus rurais enquanto espaços de memória e ação social, destacando suas origens, formas de organização, práticas museológicas e vínculos com a comunidade local. A partir da perspectiva da museologia social, são discutidos os processos de patrimonialização que consolidam o rural como uma categoria patrimonial própria, marcada pela ressonância cultural, pela valorização de saberes tradicionais e pela articulação entre identidade, território e memória. O estudo evidencia que os museus investigados atuam como agentes dinâmicos na preservação e interpretação do patrimônio rural, reforçando a importância da participação comunitária na construção de narrativas museológicas enraizadas no meio rural. Conclui-se que a preservação do patrimônio rural vai além da conservação de objetos e espaços físicos, envolvendo uma complexa rede de relações sociais, culturais e identitárias que mobilizam comunidades locais. Os museus rurais analisados revelam-se fundamentais para promover a valorização da história e das práticas rurais, contribuindo para o fortalecimento da identidade regional e para a sustentabilidade cultural da Serra dos Tapes.

Palavras-chave: Patrimônio Rural; Ruralidade, Bens patrimoniais.

Resumen

PINHEIRO, Maurício André Maschke. **Museos rurales**: un estudio sobre patrimonio rural en el Museo Gruppelli, Pelotas/RS, y en el Museo Histórico de Morro Redondo/RS. Director: Diego Lemos Ribeiro, Co-directora: Olivia Silva Nery. 2025. Xxx f. Tesis (Maestría en Memoria Social y Patrimonio Cultural) – Instituto de Ciencias Humanas, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.145f.

Esta disertación tiene como objetivo comprender cómo se expresa el patrimonio rural en la región de la Sierra de Tapes, a partir de los conceptos de musealidad y patrimonialidad, con enfoque en los acervos del Museo Gruppelli, ubicado en la zona rural de Pelotas/RS, y en el Museo Histórico de Morro Redondo/RS. La investigación adopta un enfoque cualitativo y exploratorio, utilizando como principal instrumento metodológico entrevistas presenciales con agentes sociales directamente involucrados en la fundación y mantenimiento de los museos estudiados. Se analiza el papel de estos museos rurales como espacios de memoria y acción social, destacando sus orígenes, formas de organización, prácticas museológicas y vínculos con la comunidad local. Desde la perspectiva de la museología social, se discuten los procesos de patrimonialización que consolidan lo rural como una categoría patrimonial propia, marcada por la resonancia cultural, la valorización de saberes tradicionales y la articulación entre identidad, territorio y memoria. El estudio evidencia que los museos investigados actúan como agentes dinámicos en la preservación e interpretación del patrimonio rural, reforzando la importancia de la participación comunitaria en la construcción de narrativas museológicas enraizadas en el medio rural. Se concluye que la preservación del patrimonio rural va más allá de la conservación de objetos y espacios físicos, involucrando una compleja red de relaciones sociales, culturales e identitarias que movilizan comunidades locales. Los museos rurales analizados se revelan fundamentales para promover la valorización de la historia y las prácticas rurales, contribuyendo al fortalecimiento de la identidad regional y a la sostenibilidad cultural de la Serra dos Tapes

Palabras clave: Patrimonio Rural; Ruralidad, Bienes patrimoniales.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa dos municípios que fazem parte da Serra dos Tapes/RS	26
Figura 2: Mapa distrital de Pelotas	27
Figura 3: Primeiro gabinete dentário da localidade	34
Figura 4: Barbearia	35
Figura 5: Fachada do Museu Gruppelli	36
Figura 6: Objetos do trabalho rural	37
Figura 7: Paisagem ao redor do Museu	44
Figura 8: Entrada do Museu de Morro Redondo	46
Figura 9: Acervo do Museu de Morro Redondo	49
Figura 10: Café com Memórias	76
Figura 11: Escola José Brusque	82
Figura 12 : Seu Vicente Ferrari cortando cabelo	85
Figura 13: Senhor mexendo o tacho	86

Sumário

Prólogo	5
Introdução	12
Capítulo 1: Serra dos Tapes: museus e as suas características	16
1.2. Museu Etnográfico da Colônia Maciel	19
1.3. Museu da Colônia Francesa	
1. 4. Museu Gruppelli	21
1.5. Museu Histórico de Morro Redondo	27
Capítulo 2: Museologia e patrimônio rural	31
2. 1 A museologia social em pauta nos museus	32
2..2. Debatendo com os conceitos de musealidade e patrimonialidade	39
2.3. Patrimônio rural e ressonância: um patrimônio agenciado pelas pessoas	44
Capítulo 3: Explorando o Patrimônio Rural: Metodologia, Agentes e Elementos	50
3. 1. Notas metodológicas: narrando sobre a pesquisa	50
3.2 Os agentes sociais do patrimônio rural	53
3.3. Patrimônio rural e seus elementos	54
Considerações finais	110
Referências bibliográficas	114

Prólogo

Durante minha graduação, tive a oportunidade de explorar um tema que sempre esteve presente em minha vida: o patrimônio rural. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) focou-se na reflexão sobre esse patrimônio, tendo como referência o Museu Gruppelli e seu entorno. Situado no sétimo distrito de Pelotas, na Colônia Municipal, o Museu Gruppelli foi inaugurado em 1998, fruto da vontade de memória da comunidade local. Esse museu é um reflexo da musealidade da população local, apresentando a cultura material que é intrínseca aos modos de vida da região.

Como morador da zona rural de Pelotas, tenho uma conexão pessoal e profunda com as materialidades expostas no Museu. Esses objetos fazem parte do meu cotidiano e da minha comunidade, representando os modos de vida e trabalho da minha região. Durante minha participação no Projeto de Extensão Revitalização do Museu Gruppelli, trabalhei com diversos objetos utilizados na colônia. Esses objetos não são apenas itens históricos, mas sim testemunhos vivos de costumes, tradições e modos de viver da comunidade. A valorização desses elementos, a partir das narrativas contadas pelas pessoas, ressalta sua relevância e importância para a identidade local.

Este trabalho se tornou crucial para o próprio Museu Gruppelli, pois destaca a importância do patrimônio rural preservado por este para a sociedade. Esse patrimônio, quando valorizado, pode significar desenvolvimento para a comunidade em que está inserido, trazendo público para conhecer os lugares, e alavancar o turismo rural. Além disso, as próprias ações que os museus realizam, como palestras, festas e eventos, promovem debates sobre os assuntos da realidade da região e assim se buscam soluções para os desafios da comunidade. Diversas perguntas surgiram ao longo do estudo: como as pessoas enxergam esse patrimônio? Quais são os referenciais de patrimônio para os visitantes? Quais elementos devem ser preservados, no contexto rural, para os moradores locais?

No estudo buscou-se refletir sobre a percepção das pessoas em relação ao Museu Gruppelli e sua localização rural. A investigação revelou três dimensões do patrimônio: o discurso do museu, o público visitante e os moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial. A bibliografia compilada para esse estudo contribuiu para o amadurecimento do conceito de patrimônio rural, tendo como referência a perspectiva dos sujeitos que vivem e se apropriam desses patrimônios, sobretudo aquela reunida e operacionalizada ao longo do mestrado. Concordamos com o antropólogo Lorenç Prats (2005, p. 26) ao mencionar o sentido do patrimônio cultural: “Um recurso permanente ao passado para interpretar o presente e construir o futuro, de acordo com ideias, valores ou interesses, compartilhados em maior ou menor grau. Estamos no coração da reprodução social.”

Minha vivência no espaço rural, seja por residência ou por estudo aprofundado na região, reforça essa conexão com o patrimônio. O TCC no curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), revelou o patrimônio rural como um conjunto de bens e atividades, materiais e imateriais, que refletem os modos de vida dos moradores rurais, entrelaçados com o território. Desta forma, a partir desses resultados, novas perguntas surgiram. Agora, no mestrado, pretendo investigar ainda mais essas questões que me parecem intrigantes, sobre o patrimônio rural na região do Museu Gruppelli, em Pelotas/RS, e expandir minha pesquisa até o município de Morro Redondo/RS.

Introdução

A noção de patrimônio rural tem se ampliado e diversificado, refletindo a complexidade das vivências e memórias associadas às áreas rurais. Este estudo se propõe a explorar as diversas manifestações do patrimônio rural, com foco específico no patrimônio rural musealizado nas regiões do sétimo distrito de Pelotas/RS e no município de Morro Redondo/RS. Em um cenário no qual o rural se entrelaça com aspectos culturais, históricos e econômicos, é essencial entender como as comunidades locais percebem e valorizam seus bens culturais¹. Cabe mencionar que não se trata de um patrimônio qualquer, mas referenciais de patrimônio que já foram institucionalizados pelos processos de musealização. Museus como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo desempenham um papel crucial na preservação e disseminação dessas heranças, funcionando como mobilizadores e ativadores dessas memórias. Além disso, o patrimônio local está diretamente ligado à participação ativa dos moradores, que não apenas compartilham suas histórias e objetos, mas também se engajam na revitalização e manutenção desses espaços. Assim, este estudo visa revelar como essas dinâmicas contribuem para uma compreensão mais abrangente e inclusiva do patrimônio rural, promovendo um diálogo entre tradição e inovação.

Nesse sentido, a questão-problema da pesquisa é: como as diferentes tipologias de bens culturais presentes no Museu Gruppelli e no Museu Histórico de Morro Redondo, ao serem abordadas sob os ângulos da musealidade e patrimonialidade, se manifestam a partir do conceito de patrimônio rural?

A seleção de bens materiais e imateriais relacionados ao modo de vida nas zonas rurais de Pelotas e Morro Redondo é fundamental para a consolidação de uma categoria ampliada de patrimônio rural. Essa categoria vai além dos bens culturais, sociais e ambientais, abrangendo a produção agrícola e a economia local. Ela reflete a interseção entre identidade comunitária, a preservação de tradições locais e o papel ativo da população na salvaguarda e valorização do patrimônio. Não se trata de um

¹ A definição de bens culturais perpassa pela abordagem antropológica de cultura. Como esclarece Bosi (1992), o termo cultura, na sua forma mais substantiva, tanto se aplica às labutas do solo, da agricultura, como a qualquer trabalho feito pelo ser humano desde sua infância. No campo antropológico e social, o significado de cultura mais geral não mudou no decorrer dos séculos, significando “o conjunto de práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (Bosi, 1992, p. 16).

patrimônio qualquer, mas sim de um patrimônio musealizado, que foi selecionado pelas próprias comunidades.

A estruturação dessa categoria na região estudada se dá pela articulação entre bens materiais, como edificações históricas (museus rurais, antigas indústrias, armazéns, cemitérios), e práticas agrícolas tradicionais (cultivo de frutas e produção de vinhos), juntamente com bens imateriais, que incluem saberes e fazeres locais (depoimentos orais, bailes e festas comunitárias). Esses elementos, em conjunto, promovem uma ressignificação do conceito de patrimônio cultural, expandindo-o para incluir modos de vida rurais, práticas sociais e a construção coletiva da identidade em torno do território.² Essa abordagem destaca como a comunidade e os agentes sociais desempenham um papel ativo no reconhecimento e na preservação desses bens, consolidando o rural como uma categoria patrimonial distinta e integradora.

O objetivo geral deste estudo é compreender como o patrimônio rural se expressa na Serra dos Tapes, a partir dos conceitos de musealidade e patrimonialidade, focando nos acervos do Museu Gruppelli e do Museu Histórico de Morro Redondo/RS. Os objetivos específicos incluem: analisar as principais características dos museus localizados na região da Serra dos Tapes, destacando suas origens, formas de organização, acervos e relações com a comunidade local; analisar a relação entre a museologia social e o patrimônio rural, destacando os processos de patrimonialização, os agentes sociais envolvidos e os conceitos de musealidade e patrimonialidade como ferramentas para compreender a atuação dos museus em contextos rurais; e investigar o patrimônio rural por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, identificando os agentes sociais envolvidos em sua construção e os elementos materiais e imateriais que o constituem na região estudada.

Estudos anteriores sobre o patrimônio rural nessa região contribuem para a concepção desta pesquisa, principalmente pelos resultados e novas indagações apontadas. As primeiras pesquisas direcionadas para o patrimônio rural dessa região foram realizadas pelo historiador Fábio Vergara Cerqueira. Em diferentes trabalhos o autor se dedicou a analisar as questões de memória, de imigração, de identidade e

² “Território” e “comunidade” são solidariamente essenciais, por sua vez como fonte de materiais colocados em cena pelo museu (o patrimônio no sentido mais amplo do termo que substitui aqui a noção restritiva de coleção), como quadro físico e humano da atividade produzida, quer seja endógena ou exógena, enfim como destinatários desta atividade no econômico e no social, que deve se exercer a proveito do desenvolvimento (Varine, 2008, p.17).

cultura material das regiões rurais ao redor de Pelotas. Segundo Cerqueira (2010, p. 878):

Estas regiões podem ser percebidas como paisagens culturais marcadas por tradições étnicas singulares, que influenciam a relação com o espaço natural e construído, com os objetos, as relações cotidianas entre as pessoas e inúmeros traços culturais, como a gastronomia.

O autor sublinha a interconexão entre cultura e paisagem, destacando como as práticas culturais são enraizadas no ambiente físico e social. Ao considerar as paisagens culturais como marcadas por tradições étnicas singulares, Cerqueira sugere uma abordagem que valoriza a diversidade cultural e reconhece a complexidade das interações entre seres humanos e seus ambientes vividos.

A geógrafa Kelen Silva (2009) busca “destacar as construções sociais em torno do patrimônio rural” e cria um quadro a partir das cartas patrimoniais para buscar entender o que constitui o patrimônio rural. Nessa perspectiva, a autora não apenas analisa o que é considerado patrimônio rural, mas também como esse conceito é moldado e reinterpretado ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais e culturais.

Na pesquisa do historiador Cristiano Gehrke (2013), o autor se dedicou a investigar a memória italiana na região do oitavo distrito de Pelotas, mais precisamente na Vila Maciel, identificando, por meio de fotografias, as características étnicas dos descendentes italianos.

O museólogo Diego Ribeiro (2021, p. 25) vem desenvolvendo uma série de investigações sobre a região e sobre o patrimônio rural. Para o autor, no próprio território no qual acontecem essas relações entre pessoas e o território, o patrimônio se torna uma experiência narrada, vivida e imaginada pelas próprias comunidades, não como expectadoras, mas como protagonistas de suas memórias sociais e dos seus referenciais de patrimônio. Essa perspectiva é importante porque desloca o foco da preservação do patrimônio de uma abordagem externa e, muitas vezes, institucionalizada para uma abordagem mais comunitária e participativa. Nesse sentido, os trabalhos e apontamentos realizados por Ribeiro (2021) baseiam as reflexões desta pesquisa, pois são valorizadas as vozes e as experiências das próprias comunidades, reconhecendo seu papel central na construção e manutenção de sua herança cultural.

Na mesma direção, o museólogo José Paulo Brahm (2022) dedicou-se, ao longo de sua trajetória profissional, ao estudo do patrimônio rural, nomeadamente àquele pertencente à comunidade do Gruppelli e seu museu. Em sua tese de doutorado, o autor (Brahm, 2022, p. 282) traz uma definição de patrimônio rural da região:

O patrimônio rural inclui construções artificiais (casas, galpões, objetos de trabalho e lazer, vestimentas, utensílios), construções naturais (fauna, flora, açudes, arroios, cachoeiras) e construções imateriais (modos de vida, preparo e consumo de alimentos típicos, lendas, contos, músicas, cheiros, manifestações religiosas e linguísticas).

Ao não dividir em categorias rígidas, Brahm (2022) sugere uma visão integradora que valoriza tanto os elementos tangíveis quanto intangíveis, enfatizando a importância de preservar e compreender a complexidade cultural e ambiental das regiões rurais e enxerga essas categorias pela perspectiva da emoção patrimonial.

Durante a graduação, contribuí com as reflexões sobre o conceito e uma possível definição de patrimônio rural que buscou abranger a riqueza cultural, histórica e social das comunidades no campo. Esse conceito se baseou na compreensão de que o patrimônio rural não se limita apenas aos bens materiais, mas também inclui as práticas, tradições e modos de vida que caracterizam a vida rural.

Agora, no mestrado, meu objetivo foi aprofundar essa discussão, investigando as especificidades do contexto da ruralidade que podem ser integradas a esse conceito. Pretendo explorar como diferentes dimensões da ruralidade, como as práticas culturais, as relações sociais e as dinâmicas econômicas, contribuem para a definição e a vivência do patrimônio rural, além de também compreender melhor e aprofundar as categorias de musealidade e patrimonialidade.

É fundamental considerar as singularidades de cada comunidade rural, suas histórias e suas interações com o meio ambiente, além das transformações que ocorrem com o passar do tempo. Isso implica reconhecer a diversidade das ruralidades, que podem incluir desde formas tradicionais de cultivo até manifestações culturais locais que refletem a identidade dos habitantes.

Além disso, analisei como os museus rurais e outros espaços de memória desempenham um papel crucial na preservação e na valorização do patrimônio rural, proporcionando um ambiente para a reflexão e o diálogo sobre as especificidades da ruralidade. Ao fazer isso, espero contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva do patrimônio rural, que respeite e valorize as vozes e experiências das

comunidades que o habitam. O legado que pretendo deixar com o meu trabalho está diretamente ligado à valorização do patrimônio rural a partir das vivências, memórias e ações das comunidades locais. Ao documentar e refletir sobre os museus da Serra dos Tapes, busco não apenas registrar acervos e memórias, mas também fortalecer a consciência de que o patrimônio não é algo distante ou fixo, e sim uma construção coletiva, viva, sensível ao tempo, às pessoas e ao território.

A relevância social da pesquisa reside justamente em contribuir para que os museus rurais sejam reconhecidos como espaços de produção de conhecimento e de fortalecimento da identidade local. Com este trabalho, espero colaborar para que esses museus não sejam apenas depositários de objetos, mas espaços de encontro, escuta e protagonismo social.

Minha pesquisa poderá servir de instrumento para que museus, educadores, agentes culturais e moradores refletam sobre as formas de preservar, narrar e mobilizar o patrimônio rural. Ela oferece caminhos para pensar museus com e para as pessoas, nos quais a museologia social ganha força como ferramenta de transformação.

Se o patrimônio é, sobretudo, ação, como diz a perspectiva da patrimonialidade e da ressonância, minha dissertação busca justamente mobilizar essas ações: seja pela valorização dos agentes locais, pela escuta dos seus discursos, pela reativação de memórias, ou pela proposta de práticas educativas e comunitárias que renovem o sentido do patrimônio rural musealizado no presente.

Em termos teóricos e conceituais, esta dissertação está baseada nos estudos da Museologia Social, nas discussões interdisciplinares sobre memória e patrimônio, englobando pesquisas da Antropologia, da Museologia, da História e da Arqueologia. Dentro os conceitos norteadores, está a compreensão de como o patrimônio cultural frequentemente revela uma transformação significativa na maneira como entendemos e valorizamos esse conceito. Ribeiro (2023, p. 24) observa um "esgarçamento operacional" da categoria de patrimônio, indicando uma transição de uma visão focada em objetos materiais concretos, como conchas e tachos, para uma compreensão mais ampla que inclui a "potência subjetiva e imaginativa" desses referenciais. Essa mudança reflete uma ampliação da definição de patrimônio, que agora abrange não apenas os objetos físicos, mas também as imagens, as projeções e os significados que eles carregam.

Esse processo de ampliação é importante para entender como o patrimônio cultural se transforma em uma experiência narrada e vivida pelas próprias comunidades. Ribeiro (2022, p. 25) sugere que o patrimônio não é apenas um testemunho estático de eventos passados, mas uma parte ativa da experiência comunitária. As comunidades não são meros espectadores, mas protagonistas de suas memórias sociais e referenciais de patrimônio. Isso implica uma reconceituação do patrimônio como algo que é constantemente reconstruído e reinterpretado pelas comunidades que o vivenciam.

Gonçalves (2003, p. 27) propõe que o patrimônio "não é usado somente para simbolizar, representar ou comunicar, é bom para agir". Esta visão destaca o papel ativo do patrimônio na sociedade. Ao invés de ser apenas um símbolo ou uma representação do passado, o patrimônio pode influenciar ações e comportamentos no presente. Este se torna um meio pelo qual as comunidades podem afirmar sua identidade, promover a coesão social e engajar-se em práticas que reforçam suas tradições e valores.

Este papel ativo do patrimônio é também corroborado pela Constituição Federal Brasileira de 1988, no art. 216, em que está definido patrimônio cultural como "bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". Esta definição reforça a ideia de que o patrimônio é fundamental para a construção da identidade coletiva e individual, bem como para a memória e a ação social.

Nos casos que analisarei, como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo, a abordagem do patrimônio como prática viva e agenciada pelas pessoas será essencial para compreender como comunidades rurais se apropriam do patrimônio como ferramenta de ação e transformação social.

A análise desses casos será útil para os propósitos da dissertação porque permitirá observar na prática como o patrimônio rural pode ganhar ressonância. Além disso, possibilita compreender como agentes sociais (moradores, fundadores, voluntários, lideranças comunitárias) constroem discursos patrimoniais, selecionam o que deve ser lembrado e ativam esse passado no presente, o que contribui diretamente para pensar o papel da patrimonialidade em contextos rurais.

Dessa forma, os estudos de caso não apenas ilustram a teoria, mas se tornam espaços vivos, oferecendo caminhos para se pensar políticas públicas, práticas museológicas e metodologias participativas voltadas à valorização do patrimônio rural.

A concepção contemporânea de patrimônio enfatiza a participação ativa das comunidades na criação e manutenção de seus próprios referenciais culturais. Ribeiro (2022, p. 25) argumenta que o patrimônio se torna uma "experiência narrada, vivida, imaginada e clicada" pelas comunidades, enfatizando o papel ativo das pessoas na sua construção e na sua vivência. Esse enfoque destaca a importância de reconhecer e valorizar a contribuição das comunidades na definição e gestão do patrimônio cultural.

A discussão teórica sobre o patrimônio cultural deve considerar não apenas os aspectos materiais e imateriais dos bens patrimoniais, mas também a dinâmica participativa e a influência que o patrimônio exerce na identidade e na ação social. O patrimônio é, portanto, uma construção social dinâmica que envolve a interação contínua entre objetos, memórias, identidades e práticas comunitárias.

A partir da segunda metade do século XX, especialmente após a Convenção da UNESCO de 1972 e as experiências críticas dos anos 1980, como o Movimento da Nova Museologia, o conceito de patrimônio cultural começou a se expandir significativamente no Ocidente. Passou-se a reconhecer não apenas os monumentos e bens materiais ligados à história oficial, mas também saberes, práticas e referências do cotidiano de grupos e comunidades. Nesse processo, emergiram duas categorias fundamentais para esta pesquisa: a patrimonialidade e a musealidade.

A patrimonialidade, conforme propõe Gonçalves (2007), refere-se ao conjunto de relações, discursos e práticas que transformam algo em patrimônio. Ou seja, um bem não é patrimônio por essência, mas por atribuição. Essa atribuição está ligada a processos de ressonância social, quando determinado objeto, prática ou lugar mobiliza memórias, afetos e identidades. Assim, a patrimonialidade é menos uma qualidade intrínseca e mais um processo de significação social, que envolve disputas de memória, pertencimento e poder simbólico.

Por sua vez, a musealidade, como apontam Desvallées e Mairesse (2013), é a qualidade que torna algo passível de musealização. Ela envolve os critérios e sentidos que justificam a inserção de um objeto ou prática em uma narrativa museológica, traduzindo escolhas culturais, afetivas e políticas. Segundo Chagas (2009), a

musealidade se manifesta quando um bem cultural é “extraído de sua função original e ressignificado no contexto museal” — seja ele um objeto, uma prática ou mesmo um saber.

Inseridas no contexto dos museus comunitários rurais, como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo, essas categorias permitem compreender como as comunidades locais atuam como agentes de patrimonialização e musealização, selecionando aquilo que consideram digno de ser preservado, narrado e transmitido. Trata-se, portanto, de pensar a patrimonialidade e a musealidade como formas de agência cultural, que dialogam com a ampliação do patrimônio e com o reconhecimento de novas subjetividades e novos territórios patrimoniais.

Para investigarmos o patrimônio rural e dar conta dos objetivos do trabalho, utilizaremos uma abordagem de pesquisa exploratória, conforme definição de Gil (2007), visando a uma maior familiaridade com o problema e permitindo a consideração de variados aspectos. A principal ferramenta de coleta de dados será a entrevista, adotada pela sua capacidade de captar narrativas sobre o processo de criação de museus. As entrevistas serão semiestruturadas, seguindo a metodologia, e o grupo de depoentes será composto por pessoas diretamente envolvidas na criação dos museus estudados. A escolha desta fonte, e da metodologia de História Oral, está baseada na compreensão de que as narrativas orais são “um ato delicado de escutar aqueles que nos emprestam a sua voz, as suas memórias, e que esperam de nós ouvidos atentos” (Rovai, 2015, p. 4).

As entrevistas foram conduzidas nos próprios museus, utilizando gravações em áudio que foram posteriormente transcritas. A escolha de realizar as entrevistas nos museus visa aproveitar o ambiente para enriquecer a coleta de dados, conforme Motta (2015) sugere, permitindo que os bens patrimonializados e musealizados comuniquem-se com a sociedade através do tempo e das especificidades sociais.

Os museus rurais da região da Serra dos Tapes, como o Museu Gruppelli (Pelotas/RS) e o Museu Histórico de Morro Redondo, foram escolhidos como lócus da pesquisa por representarem iniciativas de base comunitária que articulam memória, identidade e território. Esses espaços não apenas guardam objetos; eles são resultado de um processo social de patrimonialização e atuam como mediadores culturais entre o passado e o presente. Investigar museus nessa configuração permite compreender como o patrimônio rural é narrado, preservado e mobilizado por agentes

locais, cumprindo com o objetivo de analisar as características dos museus da Serra dos Tapes e sua relação com a comunidade.

A escolha metodológica de escutar os fundadores desses museus parte do princípio da centralidade dos agentes sociais nos processos de patrimonialização. Os fundadores são sujeitos que estiveram diretamente envolvidos na criação, organização e ressignificação desses espaços. Por meio de suas falas, acessamos não apenas memórias pessoais, mas também discursos que revelam motivações, disputas simbólicas, sentidos atribuídos ao patrimônio e redes de articulação local. Essa abordagem responde diretamente ao objetivo de analisar os discursos e as ações dos agentes sociais do patrimônio rural.

A escolha dos fundadores não exclui outros sujeitos, mas privilegia, neste momento da pesquisa, aqueles que estiveram na origem do processo museal. A escuta dessas lideranças fundadoras se justifica pelo foco em compreender os caminhos da musealização do patrimônio rural, sua intencionalidade, as estratégias de coleta e curadoria, além dos valores culturais mobilizados. Outras vozes, como de moradores, visitantes, educadores e voluntários, poderão ser incorporadas em etapas futuras ou em desdobramentos da pesquisa, ampliando a escuta para além da fundação e alcançando o uso social contínuo do museu.

Cada objetivo específico da pesquisa está amparado por estratégias metodológicas coerentes. Para compreender as características dos museus, utilizou-se observação direta, análise de documentos institucionais e registros fotográficos. Para investigar os discursos dos agentes sociais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os fundadores, apoiadas em fontes orais e na análise do discurso. Já para explorar os elementos do patrimônio rural, recorreu-se à análise do acervo museológico, de narrativas locais e da paisagem cultural envolvente, permitindo uma abordagem qualitativa, interpretativa e situada.

Adotaremos também o estudo de caso como método de pesquisa, focando no patrimônio rural e suas múltiplas visões por meio dos fundadores dos museus e agentes que participaram do processo de criação e seleção dos objetos. Sendo uma pesquisa qualitativa, concordamos com Richardson (1999) ao defender que ela permite descrever a complexidade de problemas específicos e entender processos dinâmicos vividos por grupos sociais.

Os museus escolhidos para esta pesquisa – o Museu Gruppelli, em Pelotas/RS, e o Museu Histórico de Morro Redondo – foram selecionados por sua representatividade na região da Serra dos Tapes e por serem exemplos significativos de museus rurais de base comunitária. Ambos possuem trajetórias semelhantes quanto à sua criação, que envolveu a mobilização dos próprios moradores locais em prol da preservação da memória e da identidade cultural rural. Essa proximidade geográfica e histórica, aliada à sua atuação voltada para o patrimônio rural, permite que a pesquisa explore as semelhanças e especificidades desses espaços no contexto local.

Trata-se de um estudo comparativo, cujo objetivo principal é analisar e contrastar as características, os processos de patrimonialização, os agentes sociais envolvidos e as práticas museológicas dos dois museus. A comparação busca compreender como cada museu, dentro de seu contexto particular, articula os elementos do patrimônio rural, como se relaciona com a comunidade e quais estratégias utiliza para promover a museologia social. Assim, o estudo contribui para identificar padrões, divergências e aprendizagens que possam ser úteis para a reflexão sobre a gestão e valorização do patrimônio rural em contextos similares.

Este estudo visa preencher uma lacuna na pesquisa acadêmica, sobre as tipologias de bens culturais possíveis de serem consideradas patrimônio rural. Dessa forma oferecendo uma abordagem inédita e integrada sobre o patrimônio rural da região. Por meio da análise dos atores locais e suas percepções, busca-se contribuir para a temática do patrimônio, destacando a ressonância³ e o conceito nativo de patrimônio⁴.

Nesse sentido, este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado Serra dos Tapes: museus e suas características, dedico-me a explorar os museus da Serra dos Tapes, entendendo seu papel como guardiões do patrimônio rural e sua formação pela iniciativa das pessoas da região. A Serra dos Tapes é uma região com um patrimônio singular, na medida em que reflete as tradições e os modos de vida das comunidades locais. Entre as diversas formas de preservação desse

³ Esse conceito também é problematizado pelo antropólogo José Reginaldo Gonçalves (2007). Para o autor, a ressonância teria relação com o impacto que determinada referência patrimonial tem nas pessoas, como essas referências são pensadas, utilizadas e significadas.

⁴ Esse patrimônio foi circunscrito, nomeado a partir de uma visão nativa de patrimônio, ou seja, eles elencaram aquilo que deveria permanecer a longo prazo, nós apenas organizamos e sintetizamos tecnicamente essa visão de patrimônio que era anterior, que era da própria comunidade. Isso é importantíssimo para pensar patrimônio (Ribeiro, 2021).

patrimônio, os museus desempenham um papel fundamental, servindo como guardiões das memórias coletivas e como espaços de educação e reflexão (Melo, 2016).

Os museus na Serra dos Tapes, como o Museu Gruppelli em Pelotas/RS e o Museu Histórico de Morro Redondo/RS, são exemplos de iniciativas comunitárias. Esses museus foram formados e desenvolvidos por pessoas que reconheceram a importância de preservar e celebrar sua herança cultural. A criação desses museus reflete um esforço conjunto de indivíduos e grupos locais, que se mobilizaram para coletar, preservar e exibir objetos e histórias significativas para a comunidade.

Por meio de uma análise dos processos de criação e manutenção desses museus, buscarei compreender como as comunidades locais selecionam, preservam e interpretam seus patrimônios. Focarei especialmente no Museu Gruppelli, em Pelotas/RS, e no Museu Histórico de Morro Redondo/RS, examinando suas características, suas histórias de formação e o impacto que têm na valorização da cultura e identidade regional.

Ao estudar esses museus, buscamos compreender como a participação ativa da comunidade não apenas contribui para a preservação do patrimônio, mas também fortalece os laços sociais e promove um senso de pertencimento e orgulho local. Neste capítulo também abordarei a diversidade de objetos e narrativas presentes nesses museus, que refletem as múltiplas facetas do patrimônio rural da Serra dos Tapes, incluindo elementos tangíveis e intangíveis que são significativos para as comunidades locais. Por meio dessa análise, espero oferecer uma visão abrangente sobre o papel dos museus comunitários na preservação do patrimônio rural e na construção da identidade cultural da região.

No capítulo 2, Museologia e patrimônio rural, apontarei que a museologia contemporânea tem se dedicado a expandir e redefinir seus conceitos, especialmente quando aplicada ao contexto rural. Neste capítulo mostro a relação entre museologia e patrimônio rural, explorando como os museus rurais podem servir não apenas como espaços de preservação, mas também como agentes ativos na valorização e ressignificação das identidades culturais. A seguir, discutirei a museologia social, os conceitos de musealidade e patrimonialidade, e o papel do patrimônio rural agenciado pelas comunidades locais.

A museologia social enfatiza a importância de uma abordagem participativa e inclusiva na gestão e interpretação dos museus. Esse modelo destaca o papel ativo das comunidades na construção e manutenção dos acervos museológicos, promovendo uma visão dinâmica e interativa do patrimônio. Nos museus rurais da Serra dos Tapes, a museologia social se manifesta pelo envolvimento direto dos moradores locais na curadoria e programação das exposições. Este tópico abordará como essa prática contribui para a democratização do acesso ao patrimônio e para o fortalecimento dos laços comunitários.

Os conceitos de musealidade e patrimonialidade são fundamentais para entender a dinâmica de seleção, preservação e apresentação dos acervos museológicos. Este tópico explorará como esses conceitos são aplicados na prática museológica dos museus rurais da Serra dos Tapes, destacando os critérios e processos utilizados para a curadoria de seus acervos. Para esse estudo traremos os seguintes autores em musealidade: Maroevic apud Scheiner e Alves (2012), Desvallés e Mairesse (2014), Brahm (2016), e Scheiner (2005). Para a patrimonialidade utilizaremos os conceitos de Tourgeon (2010), Davallon (2014) e Rautenberg (1998 apud 2003).

O patrimônio rural, muitas vezes esquecido ou subestimado, encontra nos museus rurais um espaço de ressonância em que suas múltiplas dimensões são reconhecidas e celebradas. Este tópico discutirá como o patrimônio rural é agenciado pelas pessoas, refletindo as vivências e memórias das comunidades. Por meio de entrevistas e relatos, analisaremos como os moradores da Serra dos Tapes percebem e valorizam seu patrimônio rural por intermédio dos museus e como esse processo de agenciamento contribui para a construção de uma identidade cultural robusta e resiliente.

No capítulo 3, Patrimônio rural e suas categorias, veremos que o patrimônio rural é um campo vasto e multifacetado, compreendendo uma variedade de elementos tangíveis e intangíveis que refletem a vida e a cultura das comunidades rurais. Este capítulo se propõe a investigar as diferentes formas de patrimônio das regiões estudadas, analisando suas especificidades e a maneira como são percebidas e valorizadas pelos agentes sociais envolvidos. Serão analisados os discursos dos agentes sociais do patrimônio, e as formas que o acervo foi selecionado no contexto

da Serra dos Tapes. Neste capítulo trabalharemos com os seguintes autores: Cerqueira (2021), Betemps (2009), Melo (2009), Brahm (2022), Ribeiro (2022).

Os agentes sociais desempenham um papel crucial na identificação e valorização do patrimônio rural. Neste tópico, examinaremos os discursos dos fundadores dos museus e das pessoas envolvidas na criação e manutenção dos acervos. Analisaremos como essas narrativas refletem as percepções e prioridades dos agentes sociais, revelando as diversas perspectivas sobre o que constitui o patrimônio rural e quais elementos são considerados dignos de preservação. Por meio desses discursos, será possível entender as dinâmicas sociais e culturais que influenciam a construção do patrimônio na Serra dos Tapes.

O patrimônio rural pode ser identificado de diversas maneiras, levando em consideração aspectos materiais e imateriais. Nesta seção, identificaremos os principais bens patrimoniais presentes na Serra dos Tapes, como patrimônio gastronômico, natural, esportivo, entre outros. Analisaremos em termos de suas características específicas, importância cultural e formas de preservação. Ao final, esperamos proporcionar uma compreensão abrangente e detalhada das diferentes formas do patrimônio rural e sua relevância para as comunidades locais.

Capítulo 1 – Serra dos Tapes: museus e as suas características

Este capítulo tem como objetivo apresentar os museus localizados na região da Serra dos Tapes, com foco em suas características principais, origens, acervos e formas de organização. A importância deste tema para a pesquisa reside no fato de que esses museus rurais constituem espaços fundamentais para a preservação da memória coletiva, da identidade cultural e do patrimônio rural da região. Compreender suas especificidades permite lançar luz sobre os processos de musealização que ocorrem em contextos rurais, onde as relações entre comunidade, território e patrimônio assumem dimensões particulares.

Ao explorar as características dos museus da Serra dos Tapes, este capítulo estabelece as bases para as análises subsequentes, especialmente no que tange à atuação dos agentes sociais envolvidos, à museologia social e às práticas de patrimonialização. Assim, ele contribui diretamente para o alcance dos objetivos gerais e específicos da pesquisa, ao revelar como esses espaços articulam o passado e o presente, o material e o imaterial, promovendo o reconhecimento e a valorização do patrimônio rural.

A Serra dos Tapes está localizada na região sul do Brasil, caracterizada por ser uma ruralidade colonial⁵. Este capítulo tem por objetivo apresentar os museus da Serra dos Tapes, analisando suas características distintas e suas contribuições para a museologia e a valorização do patrimônio regional.

A paisagem cultural desta região resulta de um mosaico étnico, composto a partir das memórias e tradições destes grupos, que constantemente sofreram processos de renovação e acomodação, em um permanente processo de diálogos culturais, travados entre as etnias do espaço colonial (italianos, alemães, pomeranos, franceses), bem como com o componente afro e luso-brasileiro (Cerqueira, 2005, p. 7).

Essas interações são descritas como "permanentes diálogos culturais", sugerindo que há um intercâmbio contínuo de práticas, valores e tradições entre as diferentes etnias. Esse processo contribui para a formação de uma paisagem cultural única, que é caracterizada pela sua diversidade e pelo constante movimento de adaptação e transformação cultural.

⁵ Modos de vida e de trabalho do homem e da mulher do campo herdados das gerações passadas que colonizaram a região estudada.

Cerqueira (2005) oferece uma visão de como as influências mútuas entre diferentes grupos étnicos moldam a identidade cultural de uma região, resultando em uma paisagem cultural multifacetada. Isso reflete uma compreensão do patrimônio cultural como algo dinâmico.

Composta pelos municípios de Pelotas, Morro Redondo, Arroio do Padre, Canguçu e Turuçu, a Serra dos Tapes (Figura 1) destaca-se por suas paisagens e a vida rural. Segundo Brahm (2022, p.146), “Destacamos que essa paisagem cultural não é chancelada pelo Estado como patrimônio. Por outro lado, isso não impede que seja apropriada pelos moradores da região e pelos visitantes do espaço como tal”. Cada um desses municípios contribui com sua própria identidade e tradições, formando um mosaico cultural que reflete a história e a diversidade da região.

Figura 1: Mapa dos municípios que fazem parte da Serra dos Tapes/RS



Fonte: KMS⁶/2010

Além de suas características naturais e econômicas, a Serra dos Tapes é um território com uma herança cultural preservada. Museus como o Museu Gruppelli, em

⁶ Bases cartográficas a partir da divisão territorial de 2007 do IBGE. Divisão distrital a partir das leis municipais obtidas no site da Prefeitura Municipal de Pelotas. Retrospectiva territorial a partir de informações do site da Fundação Econômica e Estatística/RS.

Pelotas, e o Museu Histórico de Morro Redondo preservam e celebram o patrimônio rural, oferecendo aos visitantes uma conexão profunda com o passado e a cultura da região. Assim, a Serra dos Tapes se consolida como uma região única, oferecendo um espaço de convivência entre as pessoas e a natureza, e preservando o patrimônio cultural e a identidade do Rio Grande do Sul.

Figura 2: Mapa distrital de Pelotas



Fonte: Povoadores de Pelotas

Vemos que a questão ambiental e geográfica se destaca na região contribuindo a partir da produção agrícola e do solo. Isso dá a possibilidade de desenvolver o cultivo de frutas, legumes e hortaliças que valorizam o desenvolvimento econômico da região destacada neste estudo.

A análise deste capítulo oferece uma visão abrangente das características que definem os museus da Serra dos Tapes, destacando sua importância na construção e fortalecimento da identidade cultural da região. Ao longo deste capítulo, serão as diversas formas pelas quais esses museus contribuem para a valorização e a preservação do patrimônio cultural local.

1.1 Serra dos Tapes: museus e suas características

A Serra dos Tapes conta com quatro museus de acervos rurais formados a partir de um interesse da própria comunidade: Museu Gruppelli, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa, em Pelotas/RS, e Museu Histórico de Morro Redondo/RS. Cada um deles possui sua singularidade, tanto no que tange ao acervo quanto em sua origem e gestão.

No Museu Gruppelli, por exemplo, o acervo reflete a vida rural, oferecendo uma janela para a história da Colônia Municipal de Pelotas. Já o Museu Histórico de Morro Redondo, com seu foco nas histórias locais e nas contribuições dos moradores, destaca a singularidade da comunidade de Morro Redondo. Essas coleções não são apenas itens isolados, mas sim objetos que ajudam a contar a história da região e das pessoas que ali vivem.

Os fundadores e mobilizadores do Museu Histórico de Morro Redondo, como o Sr. Ervino Büttow, o Sr. Osmar Franchini e o Sr. Antônio Reinhard, veem o museu como uma ferramenta para preservar e transmitir essa identidade para as futuras gerações, destacando a importância dos objetos, das histórias e práticas sociais que são específicas de Morro Redondo.

A forma como cada museu é gerido e sua relação com a comunidade local também são aspectos importantes para entender a região. O Museu Gruppelli foi gerido pela comunidade local desde sua fundação em 1998 até 2008, quando começou o projeto de extensão Revitalização do Museu Gruppelli⁷, e o museu passou a ser um exemplo de Museu-escola para os estudantes aprenderem as práticas museológicas em campo.

A gestão do Museu Histórico de Morro Redondo ocorre de forma compartilhada por intermédio da Associação de Amigos da Cultura, que desempenham um papel ativo na coleta de itens e na organização de exposições, refletindo o engajamento da comunidade com sua própria história.

Embora esta dissertação enfoque exclusivamente em dois dos quatro museus, todos serão apresentados inicialmente, considerando que, em alguma medida, contribuem para a análise do objeto de estudo. Foram escolhidos o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo pela minha proximidade com esses dois museus e apenas eles estarem abertos ao público no momento em que a pesquisa foi

⁷ Projeto de extensão que começou em 2008 após o museu necessitar de um olhar mais técnico para o acervo.

realizada, pois gostaria de analisar os acervos com os museus abertos ao público o que não seria possível nos outros dois museus.

O Museu da Colônia Maciel iniciou como projeto de pesquisa em 2003 e entrou em funcionamento em 2006 com o projeto de extensão da UFPel. Seu acervo é formado por objetos relacionados à vida e ao trabalho dos moradores locais (Cerqueira, 2021). Ele está localizado na região da Colônia Maciel, oitavo distrito da cidade de Pelotas/RS e atualmente encontra-se fechado devido a problemas estruturais do prédio.

O Museu da Colônia Francesa, localizado no sétimo distrito de Pelotas/RS, iniciou em 2007 como um projeto de extensão universitária vinculado à UFPel⁸. O museu começou a funcionar em 2009, e seu acervo é composto por objetos relacionados à vida da comunidade da colônia francesa. Atualmente se encontra fechado para visitação. Ambos os museus têm a coordenação do professor Fábio Vergara Cerqueira.

Além destes, outros dois museus integram o cenário museológico da Serra dos Tapes, um em Pelotas (Museu Gruppelli), coordenado pelo professor José Paulo Brahm, e outro em Morro Redondo (Museu Histórico de Morro Redondo), coordenado pelo professor Diego Lemos Ribeiro. Ambos são projetos de extensão universitária vinculados à Rede de Museus da UFPel⁹. Além da curadoria e exposição das coleções preservadas nestes museus, os projetos envolvem também: atividades educativas; promoção de passeios culturais; produção de catálogos; melhoria dos sites dos museus; implantação de sistema de coleções; entre outras iniciativas.

A Serra dos Tapes revela uma diversidade de museus que desempenham papéis fundamentais na preservação e promoção da identidade local. Primeiramente, a presença dos museus na Serra dos Tapes: Museu Gruppelli, Museu da Colônia Francesa, Museu da Colônia Maciel e Museu Histórico de Morro Redondo ilustra a valorização das tradições e histórias locais. O Museu Histórico de Morro Redondo e o Museu Gruppelli, entre outros, oferecem uma visão aprofundada das vivências e das contribuições das comunidades na formação da região. Esses museus não apenas preservam objetos e documentos, mas também servem como centros de educação e reflexão sobre o passado rural e colonial.

⁸ Site oficial do Projeto de extensão do Museu da Colônia Maciel [Museu Etnográfico da Colônia Maciel – Universidade Federal de Pelotas & Prefeitura Municipal de Pelotas \(ufpel.edu.br\)](http://museuethnograficodacoloniamaciel.ufpel.edu.br)

⁹ [Rede de Museus da UFPel](http://rede.museus.ufpel.edu.br)

É importante destacar que a maioria desses museus surgiu como iniciativas comunitárias, evidenciando o engajamento ativo dos moradores na preservação do seu patrimônio. A participação dos fundadores, como os idealizadores do Museu Histórico de Morro Redondo e os mobilizadores do Museu Gruppelli, demonstra a importância da colaboração local para o sucesso e a relevância desses espaços.

1.2 Museu Etnográfico da Colônia Maciel

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel está localizado na Vila Maciel, 8º distrito do município de Pelotas, a aproximadamente 45 km do centro urbano. A ideia de criação do museu surgiu entre os anos de 2000 e 2002, por meio de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL).

A escolha de criação do Museu na Colônia Maciel se guiou por dois critérios: primeiro, por ser a mais representativa da presença italiana na região, conforme apontado por Anjos (1999); segundo, porque, apesar de ter sido implantada pelo governo imperial, nunca foi reconhecida oficialmente como tal, gerando um forte descontentamento local. Este contexto de ressentimento e desejo de reconhecimento histórico foi um fator decisivo para a criação do museu.

A partir do contato inicial com a comunidade de descendentes de imigrantes italianos na Colônia Maciel, propiciado pelo projeto de pesquisa, foi possível perceber a intenção da comunidade local em se ter um local destinado à preservação da memória de seus antepassados. (Museu da Maciel, 2017)

O desejo comunitário encontrou ressonância na expertise técnica e no apoio logístico proporcionado pela Universidade Federal de Pelotas, resultando em uma colaboração frutífera para a viabilização do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Assim, no ano de 2004, o LEPAARQ apresentou um projeto de criação do museu à Assembleia do COREDE-Sul para a votação na Consulta Popular do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Peixoto (2009, p. 71), “o projeto foi aprovado, evidenciando o amplo apoio e interesse da população na preservação de sua herança cultural”. Simultaneamente, a Prefeitura Municipal de Pelotas cedeu o prédio histórico da antiga Escola Garibaldi, construído em 1928 para abrigar a primeira escola da Colônia, inaugurada em 1929. Este edifício, carregado de simbolismo e história, foi escolhido para sediar o museu.

O Museu, que está instalado num prédio construído em 1929 para abrigar a Escola Garibaldi, antiga escola da comunidade, possui vasto acervo, constituído de aproximadamente 300 objetos, 3000 fotografias e um banco de História Oral. (Garcia, 2015, p. 5)

Com todos esses esforços combinados, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel foi oficialmente inaugurado em 04 de junho de 2006. Funcionou até o ano de 2017 quando houve a queda do telhado do prédio. O museu era mantido e operado por meio de uma parceria contínua entre a Prefeitura Municipal de Pelotas, a Universidade Federal de Pelotas e o Instituto de Memória.

As exposições do museu incluíam uma variedade de objetos do cotidiano dos imigrantes, documentos históricos, fotografias e outros itens que narram a história da comunidade italiana em Pelotas. Segundo o historiador Fabiano Neis (2014), o museu possui três tipologias de acervos: as fontes visuais, que são compostas por cerca de três mil imagens entre fotos originais e digitalizadas, provenientes de famílias da comunidade, documentos, fotos de objetos e de edificações identificados e fotografados durante a pesquisa; trinta e quatro entrevistas, nas quais foi utilizada a técnica de história oral – estas entrevistas foram realizadas com descendentes dos imigrantes italianos, bem como com moradores de descendentes de outras etnias por serem portadores de memória representativa da localidade; e as fontes materiais, compostas por 300 objetos das mais variadas utilidades, doados para comporem o acervo do museu.

A criação e a manutenção do Museu são exemplos de como a colaboração entre instituições acadêmicas e comunidades locais pode resultar em iniciativas bem-sucedidas de preservação do patrimônio cultural (Cerqueira, 2021). O museu não só preserva a memória dos imigrantes italianos, mas também serve como um ponto de encontro e de identidade para seus descendentes, perpetuando suas tradições e histórias para as futuras gerações.

1.3 Museu da Colônia Francesa

O Museu da Colônia Francesa, situado na Vila Nova, 7º distrito de Pelotas (Distrito do Quilombo), a cerca de 35km do centro do município, foi inaugurado em 04 de julho de 2009, com a exposição “Doces e Vinhos ao som da Marselhesa” e tem como sede o prédio da antiga escola Antônio José Domingues (atual E.M.E.F. Nestor

Elizeu Crochemore), datado de 1949. Integra o Circuito de Museus Étnicos da UFPel, juntamente aos museus da Maciel, do Gruppelli e do Morro Redondo.

Tem o propósito de contribuir para a preservação da memória das localidades da Vila Nova, Bachini e Colônia Francesa, situadas no distrito do Quilombo, na Serra dos Tapes, no município de Pelotas. Segundo Gehrke (2017, p. 196),

o museu busca valorizar a singularidade histórica da presença da etnia francesa na Colônia Francesa de Santo Antônio, fundada em 1880, assim como das relações interculturais entre esta etnia e os demais grupos de imigrantes que se instalaram nesta região (nomeadamente de origem teuto-germânica e italiana).

Agrega-se aos compromissos deste museu a valorização da memória e identidade do núcleo quilombola existente nesta localidade (Quilombo do Alto do Caixão), aspecto marcante que dá nome ao arroio local e ao próprio oitavo distrito de Pelotas. Para tanto, o Museu da Colônia Francesa buscava realizar exposições museológicas, atividades culturais e pesquisas que possibilidadessem a interatividade e promovessem o conhecimento por meio de ações de educação patrimonial, sempre em consonância com as relações interétnicas.

Outro incentivo para a criação do Museu da Colônia Francesa foi a existência do Museu Grupelli, criado por esta família em 1988 em um prédio antigo onde funcionava a adega da família, junto de sua pousada e demais propriedades na Colônia Municipal, a beira do arroio Quilombo, limite entre os Distritos do Quilombo e da Colônia Maciel. O objetivo da família e voluntários era de guardar e expor objetos típicos da zona rural de Pelotas e de seus colonizadores italianos, alemães e franceses. (Betemps, 2025, p.167).

Conforme Leandro Betemps (2015), o edifício tinha grande valor histórico para a comunidade, assim como sua área circundante, sendo considerado adequado para abrigar o museu. No entanto, a instalação do museu em outro prédio foi decidida devido a problemas estruturais no edifício original e à falta de recursos financeiros para as reformas necessárias. Essa decisão também foi influenciada por uma mobilização da comunidade, que, por meio de um abaixo-assinado, solicitou que o prédio destinado a sediar o museu fosse substituído (Betemps, 2015, p. 169). No documento mencionado, há uma lista de 68 objetos expostos, incluindo fotografias, quadros, documentos e materiais relacionados à produção de vinho e de doces artesanais, entre outros.

Eliana Souza (2015, p. 27) relata o depoimento do coordenador do projeto, Professor Fábio Vergara Cerqueira, que afirmou que, por razões logísticas, seria mais

fácil criar e manter o museu na localização escolhida (Vila Nova) em vez de na outra opção (Bachini)¹⁰. Leandro Betemps (2015) acrescenta que outros locais foram considerados, como uma sala no antigo prédio dos Bachini, uma sala na Fábrica dos Crochemore na Vila Nova, uma casa próxima ao Cemitério dos Franceses, ou uma das casas próximas ao obelisco dos franceses na Colônia Francesa.

Após ponderar diversos fatores, foi decidido que o museu ficaria no prédio da antiga Escola Professor José Domingues, na Vila Nova, em frente à Capela de São Pedro, pois sua localização central naquela comunidade facilitava o acesso a vários serviços disponíveis na região (Betemps, 2015, p. 169). Segundo Betemps (2015), o terreno onde o prédio está localizado foi doado à Prefeitura Municipal de Pelotas por Afonso Elizeu Chrochemore, em 22 de janeiro de 1947, com a condição de que ali fosse construída uma escola, que passou a ser denominada Escola José Domingues.

O Museu foi registrado como projeto de extensão em 2008 quando surgiu o projeto de criar um Circuito Étnico de museus na região da zona rural de Pelotas. O acervo do museu era basicamente composto de fotos coletadas em pesquisas e objetos emprestados de outros museus da região.

No dia 04/07/2009, como parte das comemorações da Semana de Pelotas, do ano França Brasil e da proximidade da data comemorativa do 14 de Julho, o poder público municipal promoveu a entrega solene do prédio para a instalação do Museu que foi aberto ao público com sua primeira exposição. Essa exposição apresentava objetos relacionados à fabricação de doces e vinhos, além de reproduções de fotos antigas. A mostra foi organizada às pressas, pois não tendo acervo e não tendo conseguido negociar o empréstimo de peças da comunidade, a opção foi expor reproduções de fotos do acervo do Sr. Lino Ribes e utilizar objetos dos acervos dos museus da Maciel e do Grupelli. (Betemps, 2015, p. 7).

Vemos que o museu não tinha acervo em si, todos eles eram emprestados por outros museus e pesquisadores da região. Segundo ainda Betemps (2015), o museu não recebeu doações por medo de extraviá-los e não ter um local seguro para guardá-los. Hoje o museu se encontra fechado devido à descontinuidade do projeto de extensão da UFPel no pós-pandemia de covid.

1.4 Museu Gruppelli

¹⁰ Bachini é uma localidade que fica no sétimo distrito de Pelotas/RS.

O Museu Gruppelli está localizado no sétimo distrito de Pelotas denominado Quilombo. A vida comunitária é centrada em instituições como o Boa Esperança, o time de futebol local que completou seu centenário em 2024. Além de sua importância nos gramados, o clube desempenha um papel crucial na vida social da comunidade. Na década de 60, por exemplo, o Boa Esperança organizou um baile para arrecadar fundos e comprar o primeiro gabinete dentário da localidade (Figura 3), mostrando seu compromisso com o bem-estar da população além do esporte.

Figura 3: Primeiro gabinete dentário da localidade



Fonte: Acervo Museu Gruppelli

Outro aspecto importante da comunidade é a barbearia do João Petit Dias (Figura 4), um estabelecimento tradicional que serve não apenas como um local para cortar o cabelo, mas também como um ponto de encontro no qual os moradores se reúnem para conversar, trocar notícias e manter viva a tradição oral.

Figura 4: Barbearia



Fonte: Acervo Museu Gruppelli

A barbearia fica na Casa Gruppelli que abriga diversas funções, sendo emblemático das pequenas comunidades rurais, onde a vida cotidiana está entrelaçada com a socialização e a troca de experiências.

A Casa Gruppelli, parte integrante do complexo museológico, possui um armazém com produtos coloniais, onde as pessoas podem comprar e vender suas mercadorias. Este espaço comercializa produtos locais, desde alimentos artesanais até itens de artesanato, permitindo uma interação econômica direta entre os produtores rurais e os consumidores, fortalecendo ainda mais a coesão comunitária e a sustentabilidade local. Além disso, a Casa Gruppelli também abriga um restaurante onde é servida uma alimentação tipicamente com produtos da região, resgatando a culinária tradicional e valorizando os ingredientes locais. (Pinheiro, 2023, p. 97).

O entorno do Museu Gruppelli também é importante em elementos culturais e históricos. Além da agricultura, a paisagem cultural inclui campos cultivados, áreas de preservação ambiental e construções antigas que narram a história da colonização da região. O museu, em si, é um reflexo dessa herança, abrigando uma coleção que inclui ferramentas agrícolas, utensílios domésticos, documentos e fotografias que retratam a vida dos colonos ao longo das décadas.

Dentro do museu, o público encontra uma narrativa visual e material que complementa a experiência externa. As exposições são cuidadosamente

organizadas para proporcionar um entendimento profundo da vida rural, desde os métodos de cultivo até as práticas sociais e culturais. O museu sempre teve o princípio de organizar frequentemente eventos e atividades que envolvem a comunidade local e visitantes, promovendo uma interação dinâmica entre o espaço expositivo, a paisagem circundante e o público. (Brahm, 2017, p. 166).

Essa integração entre museu, paisagem e público cria uma experiência única, e os visitantes não apenas observam objetos históricos, mas também vivenciam a continuidade da tradição e da vida rural no presente. O Museu Gruppelli, portanto, não é apenas um espaço de preservação, mas um ponto de convergência cultural no qual o passado e o presente se encontram e se reforçam mutuamente.

O Museu Gruppelli (Figura 5) foi inaugurado no ano de 1998 e surgiu a partir da iniciativa da comunidade local que buscava preservar as suas histórias e memórias. O Museu está localizado na zona rural de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, denominada de Colônia Municipal, sétimo distrito da cidade.

Figura 5: Fachada do Museu Gruppelli



Fonte: Acervo do Museu Gruppelli

O museu se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante” (Ferreira; Gastaud; Ribeiro, 2013, p. 58). Na Figura 6, tem-se alguns objetos do trabalho rural. Para Ricardo Gruppelli (2016), proprietário da Casa Gruppelli e um dos fundadores do Museu, a ideia da

criação do Museu Gruppelli surgiu devido a muitas pessoas que vinham relembrar sua infância na colônia, como no caso de parentes, vizinhos e veranistas.

Figura 6: Objetos do trabalho rural



Fonte: Acervo Museu Gruppelli

Com o decorrer do tempo, o acervo foi aumentando na medida em que objetos foram cedidos pela própria família Gruppelli e pelo interesse despertado na comunidade que doou ou emprestou objetos.

Como a colônia de uma fundação bem antiga, né? O pessoal despertou, valorizou (sic). O pessoal olhava uma peça no Museu, uma enxada velha lá... sabe que eu tenho um enxadão lá que pode servir para o Museu. Então despertou esse resgate. Muita gente recolheu coisas que estavam atiradas no galpão, acondicionou melhor para preservar. Despertou a ideia de preservação (Gruppelli, 2016).

Por esse entendimento, ao coletarem objetos do real para fins de representação, aqueles atores-sociais buscavam a representação dos modos de vida de um local, o que chamamos de uma “vontade de memória” (Nora, 1993). A nosso ver, o processo de seleção e valorização semântica dos referenciais de memória seria o desenvolvimento do que convencionamos chamar de musealidade¹¹ (Brahm, 2016).

É importante mencionar que esses objetos, pelo menos do ponto de vista utilitário, eram pouco valorizados por aqueles atores sociais, porém o olhar lançado sobre os objetos foi para além do valor utilitário, foi com a intenção de preservá-los e

¹¹ A musealidade seria, resumidamente, a “qualidade das coisas musealizadas” (Stransky, 1997).

difundi-los, por entenderem que eram importantes registros mnemônicos e identitários de suas histórias e da própria história da zona rural.

O trabalho da musealização leva à produção de uma imagem que é um substituto da realidade a partir do qual os objetos foram selecionados. Esse substituto complexo, ou modelo da realidade construído no seio do museu, constitui a musealidade, como um valor específico que emana das coisas musealizadas. A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constituiu, com efeito, a realidade ela mesma (Desvallés; Mairesse, 2014, p. 58).

Nesse momento, muitos desses objetos que se encontravam em final de existência ganharam uma segunda chance, uma “segunda vida” (Debary, 2010). Em outras palavras, uma vida patrimonial. Encontraram no Museu um novo futuro, uma nova casa, uma nova utilidade, incorporando novas histórias e funções. No aniversário de 10 anos do Museu, em 2008, havia uma demanda local (da professora Neiva Acosta Vieira¹² e da família) por uma qualificação técnica do Museu. Nesse período, já existia, na Universidade Federal de Pelotas, o Curso de Bacharelado em Museologia e museólogos para dar andamento a um projeto de intervenção no Museu, e já havia um movimento de criação de museus na zona rural, motivado pelo trabalho do professor Fábio Cerqueira, que chegou a ajudar no Museu. Entretanto, o Museu Gruppelli ainda não tinha tido um trabalho mais vigoroso nesse sentido.

Naquele ano foi criado por Diego Lemos Ribeiro um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que vem funcionando desde 2008 de forma ininterrupta. O Museu ganhou ainda mais qualidade com a parceria firmada com a Universidade Federal de Pelotas, que realiza um trabalho constante:

Eu classifico esse Museu AU e DU, antes da universidade e depois da universidade. Antes da universidade era um amontoado de peças. As peças eram colocadas aleatoriamente sem um projeto. Hoje não, hoje a coisa tá melhor graças a universidade né (sic) universidade, e a comunidade também que contribui, dá o seu valor (Gruppelli, 2016).

Diversas ações foram feitas desde 2008 até o momento no Museu. Uma delas é a própria qualificação das exposições, o que trouxe uma melhora à comunicabilidade, a exemplo da iluminação, do rearranjo dos objetos em nichos temáticos (trabalho rural, cozinha, esporte, vinho, entre outros) e a própria coleta de

¹² A professora Neiva Vieira trabalhava em uma escola em frente ao Museu, e a partir de um contato com seu amigo, o fotógrafo Neco Tavares, ao observarem o prédio que naquele momento era um depósito, viram a possibilidade do local se tornar um Museu.

depoimentos. A comunicação é considerada, hoje, a etapa mais importante do Museu. É na parte comunicativa que estão a exposição de longa duração, as exposições temporárias. Essas exposições temporárias temáticas são construídas com a participação de parcela da comunidade local, como no caso da exposição da costura e do futebol. Uma das últimas exposições foi sobre a enchente que assolou o Museu, em 2016¹³, com a qual se buscou também trabalhar com a comunidade local para interpretar como essa enchente¹⁴ atrapalhou não somente o Museu, mas a própria vida das pessoas que vivem nesse local.

Além disso, teve outras exposições, como a “Costurando memórias¹⁵”, em 2012, que, segundo Brahm (2022, p. 152), “teve o objetivo de retratar o estilo de vida na região da Colônia através de um ofício que, aos poucos, está se perdendo nos dias de hoje: a costura”. A prática de costurar já foi muito importante na Colônia Gruppelli e arredores, contando com várias costureiras e alguns ateliês. A confecção de roupas atendia tanto às necessidades cotidianas dos colonos quanto às ocasiões especiais, como bailes, casamentos e formaturas.

Depois tivemos em 2014 uma em homenagem aos 90 anos do clube de futebol da região. A exposição se chamou “90 anos de Boa Esperança: entre fatos causos e histórias”, com a qual se teve como objetivo retratar o futebol na zona rural de Pelotas, dando continuidade ao programa de exposições temporárias realizadas pelo Museu.

No ano de 2016 a comunidade do sétimo distrito de Pelotas foi acometida por uma enchente de proporções inéditas. Casas e comércios da região sofreram enormes perdas. Com o Museu Gruppelli não foi diferente. Segundo Brahm (2016, p. 154), “parte do acervo foi arrastado pela força da água, se perdeu ou foi danificado de forma irreversível. Entre as principais perdas do acervo está o tacho de cobre e a cadeira que ficava no cenário da barbearia”. A partir desse acontecimento, de grande impacto simbólico e material, elaboramos uma exposição temporária, intitulada “a vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”, com o objetivo de contar a história da tragédia ocorrida no Museu, por meio da visão dos objetos.

¹³ [CULTURA-2016-.pdf](#)

¹⁴ Enchente ocorrida no dia 26 de março de 2015 na região do Museu Gruppeeli, quando a água atingiu 1,20 m de altura dentro do espaço expositivo.

¹⁵ [Anais 2013 | XXXIV CIC](#)

Em 2017, uma exposição voltada para o período do Estado Novo¹⁶, denominada “Entre lembrar e esquecer: resistir é lutar”¹⁷, foi realizada em parceria com o Museu Histórico de Morro Redondo com exposições em ambos os museus e uma peça teatral sobre o tema. Em 2018, a exposição “Do plantio ao consumo: o caso da melancia de porco” tratou sobre todo o processo de produção da fruta. Destacamos que essas exposições foram feitas com a participação da comunidade local, ou seja, buscou-se fazer exposições não “para”, mas “com” as pessoas. E o Museu Gruppelli, com tendências de espaço comunitário, procura cada vez mais olhar para as pessoas e suas relações patrimoniais.

No Museu também estão sendo desenvolvidas ações educativas, sobretudo com crianças. As ações partiram de uma curiosidade, de uma dúvida, uma vez que as crianças demonstraram grande interesse pelo Museu, e gostam de visitar e brincar no local, enquanto a vida fora dele está muito mais dinâmica, tendo como fator as tecnologias. Estimamos que o dinamismo e a fluidez da vida atual sejam consequência dos “tempos líquidos” (Bauman, 2007) ou dos “tempos hipermodernos” (Lipovetsky; Charles, 2004).

Os museus, indo na contramão desse pensamento, ganharam ainda mais força e visibilidade. Podemos dizer que os sujeitos e grupos recorrem a esses espaços como uma forma de reter memórias e identidades, buscando evitar que elas se percam nos ventos do esquecimento, se desmanchando de maneira irreversível pelo ar. Tal ideia é compartilhada por Candau (2014), ao dizer que nunca se conceberam tantos museus e espaços similares de memória como na atualidade.

É importante salientar que o acervo do Museu, e o próprio prédio em que ele se situa, podem ser considerados como patrimônio. Para os bens culturais serem experienciados como tal, não precisam necessariamente serem ativados pela legislação, mas, conforme Poulot (2009, p. 28), são dotados de patrimonialidade, uma vez que eles podem sensibilizar os indivíduos para experienciar o passado em seu cotidiano, segundo o autor:

Uma primeira patrimonialidade encontra-se na relação íntima ou secreta de um proprietário ou de usufrutuários em diferentes níveis, de especialistas ou de iniciados, em nome de afinidades e convicções, assim como de

¹⁶ Exposição realizada em 2017, lembrou do período em que os imigrantes europeus sofreram repressão das forças nacionais.

¹⁷ [Artigos em Anais - Google Drive](#)

racionalizações eruditas e de condutas políticas, com determinados objetos, lugares ou monumentos.

O prédio também possui uma história. Nos anos 1930, a parte superior dele foi utilizada como hospedaria para receber viajantes e na sua parte inferior ficava localizada uma adega em que eram produzidos e guardados vinhos. Segundo Celso Gruppelli (2016), os parreirais de vinhos se localizavam onde hoje está situado o campo de futebol do time da colônia Boa Esperança. A vinicultura foi a principal fonte de renda da família Gruppelli por vários anos. Aos poucos essa atividade foi sendo substituída por outras, como, por exemplo, o comércio e o turismo.

Ao analisar as paisagens urbanas, Peixoto (2003) diz que essas não perdem seus significados anteriores, pelo contrário, com o passar do tempo, incorporam novas camadas de significados. Isso vale para a paisagem rural em que o Museu se situa. Ela, ao longo do tempo, não perdeu seus significados, mas ganhou novas (atribuíram-se) camadas.

Podemos dizer que essa paisagem também tem o potencial de ser considerada patrimônio e acervo do Museu, pois antes de ser patrimônio há patrimonialidades. É o que nos diz Poulot (2009, p. 28): “para designar a modalidade sensível de uma experiência do passado, articulada com uma organização do saber – identificação, atribuição – capaz de autenticá-lo”.

A paisagem do espaço possui elementos naturais e artificiais. No Brasil, o conceito de paisagem cultural é definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), a partir do que dispõe a portaria 127, de 30 de abril de 2009, no artigo 1, como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. Essa portaria definiu a chancela como instrumento de preservação da paisagem cultural brasileira, aplicável a porções do território nacional “tendo por finalidade atender ao interesse público e contribuir para a preservação do patrimônio cultural, complementando e integrando os instrumentos de promoção e proteção existentes, nos termos preconizados na Constituição Federal.” Os elementos naturais são vistos por meio da fauna e flora, já os elementos artificiais são compostos pelas diversas construções feitas pela ação do homem no espaço.

O reconhecimento das paisagens culturais como categoria patrimonial no Brasil, oficializado pelo IPHAN em 2009, representa um avanço significativo na forma

de compreender o patrimônio cultural. Inspirado por diretrizes da UNESCO e por uma perspectiva integradora entre cultura e natureza, o conceito de paisagem cultural pressupõe que certos territórios — com suas práticas, usos sociais, formas de ocupação e simbologias — carregam valores históricos, afetivos e identitários construídos pelas comunidades ao longo do tempo. Trata-se de reconhecer o espaço vivido como patrimônio, indo além da materialidade isolada para incorporar as relações cotidianas, os modos de vida e as dinâmicas socioculturais que constituem o território.

Esse entendimento dialoga diretamente com os princípios propostos na Carta de Québec (1984), um documento fundamental da Nova Museologia. Nela, o museu é concebido não como um edifício estanque, mas como um instrumento a serviço da comunidade e do seu território, operando como mediador entre memória, identidade e desenvolvimento local. A carta já indicava, de forma pioneira, a importância de pensar o museu inserido em seu contexto ecológico, social e cultural, valorizando os sujeitos locais como protagonistas da produção e da preservação do patrimônio.

O espírito do lugar é definido como os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistério ao lugar. (Declaração de Québec, 2008, p. 2).

Ou seja, o Museu não está isolado, pelo contrário, todos os elementos que compõem a paisagem (inclusive o próprio Museu) fazem parte do seu discurso. Quando esse discurso é reconhecido pelas pessoas que vivem no espaço, e por aqueles que o visitam, podemos falar numa alma das paisagens, ou numa “alma dos lugares” (Yázigi, 2001).

Mesmo o fato dessa paisagem cultural não ser chancelada pelo Estado como patrimônio não impede que ela seja reconhecida pelos moradores da região e pelos visitantes do espaço como tal, uma vez que o patrimônio, segundo Poulot (2009), não pertence somente ao passado ou ao futuro, pertence à sociedade no presente. Segundo Brahm (2022, p. 147), “em outras palavras, o patrimônio, para ser consolidado como tal, precisa encontrar ressonância junto às pessoas, conforme dizem Greenblatt (1991) e Gonçalves (2012)”. Para Gonçalves (2012), a ressonância teria relação com o impacto que determinada referência patrimonial tem nas pessoas, como essas referências são pensadas, utilizadas e significadas.

A patrimonialidade, entendida como o processo pelo qual determinados bens, práticas ou memórias passam a ser reconhecidos como patrimônio, não ocorre de forma neutra ou automática. Trata-se de uma construção social, coletiva e situada, permeada por escolhas, disputas e afetos. É nesse ponto que a ideia de ressonância se conecta profundamente: algo só se torna patrimônio quando reverbera na vida das pessoas, quando mobiliza memórias, identidades, sentidos de pertencimento.

A ressonância patrimonial, como propõe Gonçalves (2007), não diz respeito apenas ao valor histórico ou estético de um bem, mas ao impacto simbólico e afetivo que ele gera nas comunidades que o reconhecem como parte de si. Assim, a patrimonialidade ganha densidade quando não está apenas ancorada em critérios técnicos, mas quando é sentida, vivida e atualizada cotidianamente.

No contexto dos museus rurais da Serra dos Tapes, por exemplo, a patrimonialidade não está apenas nos objetos expostos, mas nos modos de contar suas histórias, nas relações entre os sujeitos e nos usos que o museu propõe. Um item do acervo só se torna patrimônio quando é atravessado por essa ressonância — quando faz sentido para quem o olha, quando remete a uma vivência comum ou evoca uma memória familiar. Nesse sentido, a patrimonialidade e a ressonância não são conceitos separados, mas dimensões complementares de um mesmo movimento de reconhecimento e ativação do patrimônio.

O patrimônio não é visto como uma “entidade”, mas como atividades e formas de ação:

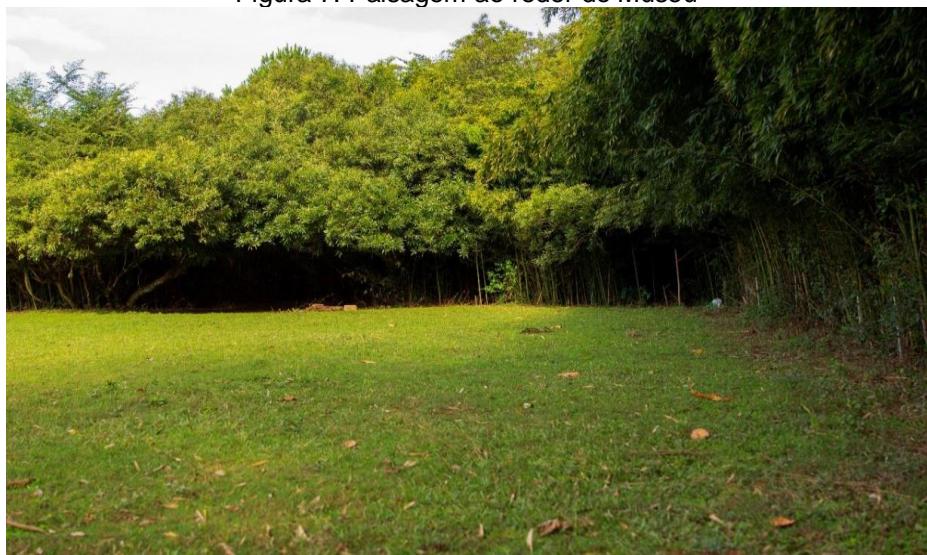
[...] um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ressonância junto a seu público (Gonçalves, 2007, p. 214-215).

O referido autor complementa: Os discursos do patrimônio cultural na atualidade parecem evidenciar “regimes de autenticidade”, em que a ênfase vem a ser colocada menos numa relação orgânica com o passado, e mais na possibilidade presente de reprodução técnica desse passado, ou seja, na transitoriedade e na reproduzibilidade dos bens culturais (Gonçalves, 2012, p. 65). Podemos citar como exemplo as pessoas que visitam o Museu.

Muitas dessas pessoas, ao compartilharem suas histórias e memórias relacionadas aos objetos que mais apreciam ou que marcaram suas vidas, não se limitam apenas aos itens expostos dentro do Museu. Pelo contrário, elas

frequentemente mencionam elementos naturais ou artificiais presentes no exterior do Museu, que fazem parte da paisagem cultural. Além disso, muitos visitantes expressam o desejo de retornar ao Museu não apenas para ver os objetos em seu interior, mas também para desfrutar da fauna e flora, nadar no arroio, acampar nas cabanas ou saborear a variada culinária oferecida no restaurante Gruppelli (Pinheiro, 2021). Na Figura 7 tem-se uma imagem do entorno do museu.

Figura 7: Paisagem ao redor do Museu



Fonte: Acervo Museu Gruppelli

Em outras palavras, esses visitantes reconhecem que o Museu é parte integrante da paisagem, compreendendo que esta contribui para a construção do discurso do lugar, como já foi mencionado anteriormente. Sob essa perspectiva, podemos nos apoiar nas ideias do antropólogo Tim Ingold (2012), que argumenta que elementos naturais, artificiais e os próprios sujeitos (que também podem ser considerados "coisas") não existem de forma isolada no mundo, mas estão entrelaçados como um "parlamento de fios". Esses fios estão interconectados, formando uma "malha" com outras coisas, ao invés de estarem simplesmente conectados.

Se utilizarmos como base o pensamento desse autor, podemos dizer que os objetos de museus não seriam apenas objetos, pelo contrário, seriam coisas, na medida em que as pessoas que se relacionam com as coisas não estão isoladas, não se prendem somente à materialidade, mas estão entrelaçadas a elas por meio de memórias, identidades, emoções. Ou seja, as coisas fazem parte dos "parlamentos

de fios", que juntos dão vida ao bem patrimonial. Podemos dizer que em uma experiência museal não experimentamos o patrimônio como objetos, mas como coisas na medida em que fazemos parte dele (Brahm, 2022). E no caso do Museu Gruppelli essa experiência acontece tanto com as coisas que estão no seu interior como com aquelas que se encontram fora dele. Nesse sentido, museu, paisagem e público se tornam um só.

1.5 Museu Histórico de Morro Redondo

Morro Redondo é um município situado na região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Localiza-se a aproximadamente 30 km de Pelotas e faz parte da Serra dos Tapes. Tem sua população constituída por aproximadamente 6.227 pessoas, distribuída em uma área de 244,64km² e apresenta densidade demográfica equivalente a 25,45 hab/km² (IBGE, 2015). Formada por diversos grupos, a população atual reúne descendentes dos índios guaranis, quilombolas, açorianos, pomeranos e italianos que se dedicam majoritariamente à agricultura familiar e indústria de beneficiamento de alimentos (Figurelli; Messias; Ribeiro, 2016, p. 138).

A economia local é predominantemente agrícola, com destaque para a produção de frutas como pêssego, uva e ameixa, além de atividades de pecuária e agroindústria.

A paisagem cultural da Serra dos Tapes, onde Morro Redondo se insere, resulta de um mosaico étnico, composto a partir das memórias e tradições destes grupos, que constantemente sofreram processos de renovação e acomodação, em um permanente processo de diálogos culturais, travados entre as etnias do espaço colonial (italianos, alemães, pomeranos, franceses), bem como com o componente afro e luso-brasileiro (Cerqueira, 2010, p. 874).

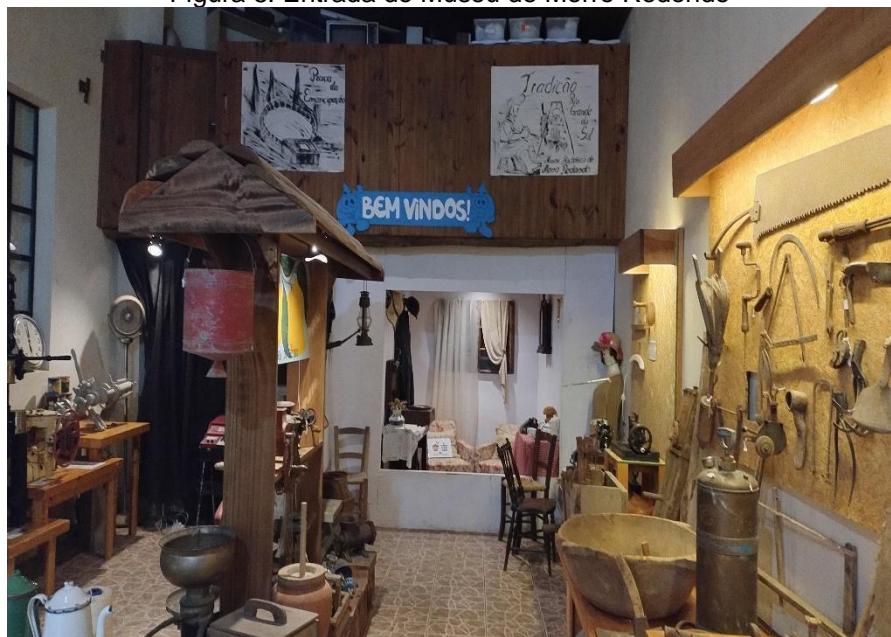
O município possui um museu chamado Museu Histórico de Morro Redondo, criado no ano de 2009, pelos moradores do município, com o intuito de preservar e relembrar as memórias locais. Nele, é desenvolvido um projeto de extensão executado pela Universidade Federal de Pelotas. A imagem da entrada do museu está disponibilizada na Figura 8.

O museu também se conecta com a comunidade por meio de parcerias com escolas, associações culturais e outras instituições locais. Essas colaborações

fortalecem o laço entre o museu e os moradores, promovendo um senso de pertencimento e continuidade histórica.

O MHMR está localizado no centro de Morro Redondo, na Avenida Jacarandá, número 1216 junto ao Centro de eventos Valdino Krause. O museu conta com diversas exposições permanentes e temporárias que narram a história do município, desde a colonização até os dias atuais. (MHMR, 2017).

Figura 8: Entrada do Museu de Morro Redondo



Fonte: Maurício Pinheiro.2024

O Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) foi criado em 2006, motivado pelo desejo de três moradores do município, Sr. Antônio Reinhard, Sr. Osmar Franchini e Sr. Ervino Büttow, em preservar a memória do município. Assume como compromisso, igualmente, a preservação e comunicação dos bens culturais sob sua guarda, enfatizando seus valores educativo, turístico, multiétnico e social. Antes das coleções, trata-se de um museu que serve às pessoas.

Os moradores desejavam criar um museu comunitário no município de Morro Redondo que pudesse exibir e salvaguardar objetos de uso cotidiano presentes no lar, no trabalho e no lazer dos indivíduos e que fossem portadores de significados para a memória histórica local (Manke, 2004).

A iniciativa desses cidadãos resultou na fundação do museu, que rapidamente se tornou um ponto de referência para a comunidade local. Sr. Osmar Franchini (2018), um dos idealizadores do museu, relata: "Eu fui um dos idealizadores do

Museu. Convidei o Ervino e o Sr. Antonio, meu tio. Assim como eu, eles gostavam muito de guardar suas coisas. A ideia surgiu quando estive no Espírito Santo e visitei um museu muito importante".

É interessante como o Sr. Osmar Franchini, um dos idealizadores, compartilhou sua experiência de visitar um museu no Espírito Santo como uma inspiração para iniciar o projeto em Morro Redondo. Essa história demonstra o poder transformador que iniciativas locais podem ter na preservação da identidade cultural e histórica de uma comunidade; são musealidades que despertam outras musealidades. O museu, ao se tornar um ponto de referência, não só preserva memórias individuais, mas também fortalece o senso de pertencimento e orgulho na história local.

Em 2006 eu fiz uma viagem ao Espírito Santo a convite de um amigo e lá a gente visitou vários museus em várias cidades, inclusive em Santa Maria do Jequitibá, a maior cidade de pomeranos do Brasil. Aí me estalou: por que não criar um museu aqui em Morro Redondo, porque nem se falava em museu por aqui (Franchini, 2018).

Este é um exemplo de como o patrimônio cultural pode ser valorizado e compartilhado com as gerações futuras. Podemos nos perguntar igual Gonçalves (2012): para que servem os patrimônios? Servem para contar para as próximas gerações como era o passado. Sr. Antônio Reinhard também falou sobre seu papel na criação do museu: "A história é tão grande que eu não consigo mais contar direito. Mas, eu fui um dos pioneiros do Museu, junto com o Büttow e o Osmar Franchini. Muita gente ajudou a juntar essas coisas aqui" (Reichow, 2018).

O segundo fundador do MHMR, Sr. Ervino Büttow (2023), ao comunicar suas narrativas memoriais sobre a criação do museu a um grupo de visitantes de Pelotas/RS, explicou: "Desde criança, eu sempre gostei de juntar coisas. Quando o Osmar me chamou, gostei da ideia e trouxe muita coisa pra cá. Sempre saí comprando coisas antigas, pedindo aos amigos e guardando tudo o que eu achava jogado por aí".

A paixão de Ervino Büttow por colecionar objetos desde criança e seu papel crucial em trazer muitos itens para o Museu Histórico de Morro Redondo mostram o quanto a iniciativa foi impulsionada por indivíduos dedicados à preservação do patrimônio local. Sr. Ervino Büttow (2018) também esclareceu:

As pessoas sabem que eu gosto de coisas antigas e costumam deixar objetos na porta da minha casa ou aqui na porta do museu também. Muitas vezes, eu nem sei quem deixou. Na minha casa, tenho muito mais objetos do que tem aqui no museu. Mas o espaço é pequeno, não dá para colocar tanta coisa linda que podia estar aqui. Fico muito

contente ao ouvir vocês apontarem para os objetos e falarem: ‘Que interessante, ver tudo isso! Voltei ao passado! Lembro que esses aqui a minha avó “tinha”’. Fico ainda mais feliz por saber que, enquanto todos vocês “tinham” o objeto, o Museu aqui “tem”.

Em 2009, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) firmou um acordo de cooperação técnica com a Associação Amigos da Cultura, com o apoio da Prefeitura Municipal, visando fortalecer a estrutura e as atividades do museu. Esse acordo levou à criação do Projeto de Extensão denominado “Museu Morro-Redondense: espaços de memórias e identidades”. O projeto conta com a participação de professores e alunos do Curso de Museologia da UFPel, que, em colaboração com as diversas comunidades da cidade, promovem uma série de atividades de caráter comunitário, alinhadas aos ideais da museologia social.

Em 2010, o Museu vinculou-se à Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) do município, com a mediação da Associação Amigos da Cultura. A formalização dessa relação ocorreu com a promulgação da Lei n. 1.570/2010, de 07 de abril de 2010. O museu encontrou um novo lar em um espaço contíguo ao Centro de Eventos da Cidade, situado na Avenida Jacarandá, número 157.

Após um período de inatividade, o Museu Histórico foi reaberto em dezembro de 2013, sob a coordenação do Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro. A missão do MHMR é promover a reflexão, observação e interação da sociedade com o patrimônio cultural do município, traduzido por suas histórias, memórias e lugares. O museu compromete-se igualmente com a preservação e comunicação dos bens culturais sob sua guarda, enfatizando seus valores educativos, turísticos, multiétnicos e sociais (MHMR, 2017).

A formação do acervo do Museu de Morro Redondo não se limitou apenas à coleção de objetos, mas envolveu um esforço comunitário que integrou a história e a identidade local. Desde o início, a campanha de arrecadação, liderada pelos fundadores e amplamente divulgada pelo radialista Sr. Osmar, teve como objetivo não apenas reunir peças físicas, mas também preservar as memórias e histórias dos moradores. Esse movimento, impulsionado pela rádio local, refletiu a missão do museu de salvaguardar e valorizar os aspectos da vida rural, garantindo que o patrimônio cultural da região fosse representado de forma abrangente e significativa.

O acervo do Museu foi inicialmente formado a partir de uma campanha de arrecadação liderada pelos fundadores. Divulgada amplamente na rádio local, especialmente pelo Sr. Osmar, então radialista, a campanha incentivou os moradores a doarem ao museu não apenas objetos, mas também memórias e histórias. Dessa forma, as coleções amealhadas representam a vida e os costumes locais, principalmente aqueles ligados à ruralidade, que é a missão do museu. (Ribeiro, 2018).

Figura 9: Acervo do Museu de Morro Redondo



Fonte: Fotografia do autor (2024)

A historiadora Lisiâne Manke (2004, p. 239), pesquisadora sobre o processo de criação do museu, explica o posicionamento adotado para a formação do atual acervo do MHMR ao ressaltar que:

O museu é o espaço coletivo onde se reúne o que é de todos para o benefício e fruição de todos. É a comunidade quem decide o que se deve e o que lhe interessa conservar, o que é importante que perdure para conhecimento das novas gerações. A partir desse princípio, o museu torna-se um instrumento provocador de mudanças com vistas ao desenvolvimento social. Organiza suas atividades baseado nos problemas e demandas da sociedade e, assim, assume a responsabilidade para com esta.

O Museu Histórico de Morro Redondo abre aos domingos e por demanda espontânea, sobretudo por meio de agendamentos de grupos. Além das exposições, a equipe do projeto promove ações educativas e culturais com diversos públicos, tanto dentro quanto fora do museu, além de realizar comunicação museológica no espaço virtual. O projeto desenvolve processos técnico-científicos e serve como laboratório

para a formação dos alunos, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Segundo Behling (2018, p. 66), “o museu vem realizando de forma continuada ações como o ‘Café com Memórias’ e atividades teatrais do Morro [EM]Cena, que envolvem idosos e escolares em atividades intergeracionais, promovendo uma rica troca de experiências e saberes”.

As ações empreendidas em Morro Redondo, especialmente a criação e manutenção do Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), revelam um movimento significativo de produção de patrimonialidades, musealidades e ressonâncias, à medida que operam diretamente na seleção, valorização e significação de referências culturais locais.

No que se refere à patrimonialidade, o processo de fundação do museu por moradores, como Antônio Reinhard, Osmar Franchini e Ervino Büttow, representa um gesto claro de apropriação de elementos do passado local — objetos do cotidiano, documentos, fotografias, utensílios — que, ao serem destacados do fluxo ordinário da vida e recolhidos ao museu, são convertidos em patrimônios. A patrimonialidade, nesse sentido, se manifesta como uma prática social e política, em que a comunidade escolhe o que merece ser salvaguardado e compartilhado como expressão de sua identidade e história.

A musealidade se evidencia não apenas na instituição do espaço físico do museu, mas também na forma como os objetos são reunidos, contextualizados e expostos. O ato de musealizar, aqui, não é técnico ou exclusivamente institucional, mas envolve uma lógica comunitária: a narrativa que se constrói em Morro Redondo é forjada por sujeitos locais que se veem como protagonistas de suas memórias. A musealidade adquire, assim, uma dimensão social, conectada ao que Mairesse (2011) chamaria de "museologia das pessoas", ou à museologia social latino-americana, em que o museu é espaço de convivência, de escuta e de construção coletiva de sentido.

A ressonância, por sua vez, aparece nas falas dos fundadores e nas práticas que o museu ainda promove. A visita a um museu no Espírito Santo que inspirou Osmar Franchini, por exemplo, é um indicativo de como uma experiência patrimonial pode gerar efeitos subjetivos, afetivos e políticos, impulsionando ações concretas de preservação em outra localidade. O museu ressoa nas pessoas porque os objetos ali presentes “fazem sentido”, evocam lembranças, emoções, orgulho e pertencimento. Isso se observa também na continuidade das atividades do museu e no engajamento

dos moradores, que reconhecem ali não apenas um repositório de coisas antigas, mas um lugar de memória viva.

A flexibilidade para agendamentos mostra um esforço para tornar o espaço acessível a diversos públicos. A realização de ações educativas e culturais, como o “Café com Memórias” e as atividades teatrais do Morro [EM]Cena, ilustra um compromisso com a promoção de intercâmbios intergeracionais e o engajamento da comunidade local. Essas iniciativas não apenas fortalecem a função educativa do museu, mas também utilizam a comunicação virtual para ampliar seu alcance e integração com o público. Além disso, o museu serve como um laboratório para a formação acadêmica, integrando processos técnico-científicos e práticas educativas, o que demonstra uma aplicação prática e dinâmica dos conhecimentos museológicos.

Capítulo 2 – Museologia e patrimônio rural

O patrimônio rural constitui uma parcela significativa da herança cultural, refletindo modos de vida, práticas produtivas e relações sociais que atravessam gerações. A museologia, enquanto disciplina dedicada à preservação, interpretação e comunicação desse patrimônio, desempenha um papel essencial na valorização e na conscientização sobre a importância dos bens culturais rurais.

Este capítulo tem como objetivo explorar a interseção entre museologia e patrimônio rural, discutindo como os museus podem contribuir para a preservação e a promoção das identidades rurais. Por meio de uma abordagem teórica e prática, serão analisados conceitos fundamentais da museologia social e suas aplicações no contexto rural, bem como os desafios e as oportunidades enfrentadas por instituições museológicas localizadas em áreas rurais.

Inicialmente, serão discutidos os princípios da museologia social e sua relevância para os museus dedicados ao patrimônio rural, destacando-se a participação comunitária e o papel dos museus como agentes de desenvolvimento local. Em seguida, serão examinados os conceitos de musealidade e patrimonialidade, buscando compreender como os objetos e as práticas rurais são selecionados e transformados em patrimônio. Por fim, será abordada a ressonância do patrimônio rural, enfatizando a agência das comunidades locais na construção e na preservação de suas narrativas culturais.

2.1 A museologia social em pauta nos museus

Duas referências fundamentais para a museologia social são a Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM). A Mesa Redonda, realizada em 1972, destacou a necessidade de os museus se tornarem instrumentos de transformação social, enquanto o MINOM, fundado em 1985, consolidou essas ideias e promoveu debates que ecoaram em diversos países, como Canadá, França, Portugal e, sobretudo, na América Latina.

A adoção da museologia social teve um impacto significativo em diferentes regiões do mundo. No Canadá, na França e em Portugal, museus começaram a implementar práticas que priorizavam a inclusão e o engajamento comunitário. Na América Latina, essa abordagem encontrou um terreno especialmente fértil, dada a rica diversidade cultural e os desafios sociais enfrentados pelas populações rurais. Museus em áreas rurais adotaram a museologia social como uma forma de promover o desenvolvimento local e fortalecer a identidade comunitária.

Os museus rurais não apenas conservam objetos, mas também se tornam espaços de diálogo intercultural e de empoderamento local, contribuindo para uma

museologia social que busca a transformação social por meio do reconhecimento e da valorização das diversidades culturais e das experiências locais.

Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a nova museologia – eco museologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa – interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos do futuro. (Declaração de Quebec, 1984, p. 223).

A partir de Santiago, acreditou-se que o Museu Integral seria aquele essencialmente voltado para a ação comunitária e, de certa forma, que qualquer museu se fundamenta numa nítida proposta social: a de aproximar o indivíduo dos processos e produtos da natureza e da cultura (Scheinner, 2012, p. 19).

A museóloga Tereza Scheinner (2012) enfatiza a essência social de qualquer museu, destacando que todos eles têm o propósito fundamental de aproximar o indivíduo dos processos e produtos da natureza e da cultura. Isso é especialmente relevante para discutir os museus rurais, no quais a conexão comunitária e a valorização do patrimônio cultural e ambiental são fundamentais.

A autora também argumenta que, apesar das diferentes abordagens, todo museu tem uma proposta social fundamental: aproximar o indivíduo dos processos e produtos da natureza e da cultura. Esta perspectiva lança luz sobre a importância dos museus rurais como espaços de encontro entre comunidades locais e seu patrimônio, promovendo uma compreensão mais profunda e significativa das conexões entre história, ambiente e identidade cultural, em contraste com visões que limitam os museus rurais à ação comunitária, sublinhando sua função vital em facilitar o diálogo intercultural e a reflexão sobre o papel das comunidades na preservação e na interpretação de seus próprios legados.

Russio (1977) ressalta a importância de a organização do museu estar integrada ao processo social como um todo. Isso é crucial para os museus, incluindo os rurais, pois destaca a necessidade de estarem engajados com as comunidades locais e suas dinâmicas sociais. Para Russio (1977), a organização do museu não pode se alienar do processo social como um todo; a falta de engajamento nessa dinâmica tem sistematicamente condenado os museus ao esquecimento. Essa visão sublinha a importância dos museus rurais em estarem enraizados nas realidades sociais das comunidades que servem.

Ao se integrarem ativamente aos contextos locais, esses museus não apenas preservam e exibem o patrimônio cultural, mas também se tornam agentes de desenvolvimento comunitário e de fortalecimento da identidade cultural. Tal visão enriquece a discussão sobre a relevância social e comunitária dos museus rurais, destacando sua necessidade de estar em sintonia com as dinâmicas sociais locais para evitar o isolamento e promover uma participação mais ampla e significativa das comunidades.

Já para Moutinho (1993, p. 7), “o conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.” Ainda, a abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida tem provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

No Museu Gruppelli, essa inserção no meio social se revela desde a sua fundação, fruto da iniciativa comunitária, especialmente de figuras como Neiva Vieira, Neco Tavares e a família Gruppelli. A museologia aqui se realiza como prática social: o museu se torna um espaço de escuta, de mobilização comunitária, de preservação de memórias coletivas e também de resistência diante das transformações do mundo rural. As atividades desenvolvidas no museu — oficinas, festas, circuitos culturais, ações educativas — respondem às demandas locais e reafirmam sua função como espaço vivo, com capacidade de agenciar o passado e o presente em diálogo com a comunidade. A presença do restaurante, da biblioteca (em fase de implantação), da reserva técnica e da ação educativa mostram que o museu se articula com múltiplas dimensões da vida social local.

Já o Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) também emerge de uma forte motivação comunitária, guiada por sujeitos como Antônio Reinhard, Ervino Büttow e Osmar Franchini, que compreenderam a importância de salvaguardar objetos e histórias do cotidiano rural antes que se perdessem. A visita de Franchini a um museu no Espírito Santo e o impacto que isso causou em sua percepção da memória local revela como experiências patrimoniais podem gerar ações museológicas enraizadas. No MHMR, o museu se organiza como uma extensão da própria comunidade: ele nasce do desejo coletivo de preservar, mas também de contar, reinterpretar e partilhar

experiências. Ao atuar como depositário de objetos cotidianos, o museu materializa a vida local, transformando o ordinário em extraordinário por meio da ação museal.

Em ambos os casos, é possível observar uma museologia que parte das pessoas, que não impõe modelos prontos, mas que se constrói com o território, com os afetos, com as memórias e os saberes locais. Esses museus não apenas “representam” suas comunidades: eles são comunidades em forma de museu, mobilizando o que Hugues de Varine (2005) chama de “patrimônio vivido”.

O alargamento da noção de patrimônio e a consequente redefinição de “objeto museológico”, a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como fator de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das “novas tecnologias” de informação e a museografia como meio autônomo de comunicação, são exemplos das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada (Moutinho, 1993, p. 8).

Para Moutinho (1993), o conceito de Museologia Social reflete um esforço significativo para adaptar as estruturas museológicas aos desafios da sociedade contemporânea. Essa abordagem não se limita à simples conservação de objetos, mas envolve a abertura do museu ao seu meio social, promovendo uma relação orgânica que necessita constantemente elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos.

No contexto dos museus rurais, essas ideias se traduzem na necessidade de integrar as comunidades locais na vida do museu, utilizando novas tecnologias e abordagens interdisciplinares para comunicar e interpretar o patrimônio cultural de forma acessível e relevante. Essas práticas não apenas fortalecem a identidade cultural das comunidades rurais, mas também enriquecem o papel dos museus como espaços dinâmicos de interação e reflexão social.

Para Wickers (2011), a perspectiva básica da Sociomuseologia, ou da Museologia Social, é a de que a sociedade deve ser o foco do processo museológico, incluindo agendas e questões acerca do desenvolvimento social das comunidades, relacionadas a uma teoria do conhecimento de base idealista, em que há uma construção conjunta do conhecimento, associada a uma teoria da aprendizagem que vê o indivíduo como agente ativo. A autora também destaca a abordagem da Sociomuseologia ou Museologia Social, em que a sociedade é central no processo

museológico. Isso implica não apenas na preservação e exposição de objetos, mas também na consideração das agendas e questões relacionadas ao desenvolvimento social das comunidades.

Nos museus rurais, essa visão se traduz em práticas que não apenas preservam o patrimônio cultural local, mas também capacitam as comunidades a se engajarem ativamente na preservação e na promoção de sua história e identidade. Essa integração da citação de Wickers (2011) proporciona uma base teórica robusta para discutir como a Museologia Social pode ser aplicada de maneira prática e relevante nos museus rurais, destacando seu potencial transformador na promoção do desenvolvimento comunitário e na valorização do patrimônio cultural local.

Para Varine (2002, p.186-187): “Um museu-território é a expressão do território, qualquer que seja a entidade que toma iniciativa e a autoridade que o controla: associação, mecenas, administração local, instituição científica, agência do desenvolvimento, programa de turismo cultural, etc. Seu objetivo é a valorização desse território e, sob esse ponto de vista, é realmente um instrumento”.

Também se destaca a ideia de museu-território como uma expressão do próprio território, independentemente da entidade que o controla. Isso sugere que qualquer iniciativa, seja de uma associação, mecenas, administração local ou outra entidade, pode ser responsável por um museu-território. Sob essa perspectiva, o museu-território não apenas preserva e promove o patrimônio cultural e natural, mas também estimula atividades econômicas, promove a coesão social e fortalece a identidade comunitária.

Nos museus rurais da região da Serra dos Tapes, essa abordagem pode ser particularmente relevante, pois enfatiza a importância de integrar as características únicas do território rural na narrativa museológica, fomentando um entendimento mais profundo e uma valorização renovada das tradições locais e dos recursos naturais. Essa integração de Varine enriquece a discussão sobre o papel dos museus rurais como museus-território, destacando sua capacidade de não apenas preservar, mas também de impulsionar o desenvolvimento sustentável e cultural das comunidades locais.

Os diferentes contextos culturais em que as pessoas vivem são, também, contextos educativos que formam e moldam os jeitos de ser e estar no mundo. Essa transmissão cultural é importante, porque tudo é aprendido por meio dos pares que

convivem nesses contextos. Dessa maneira, não somente práticas sociais e artefatos são apropriados, mas também os problemas e as situações para os quais eles foram criados. Assim, a mediação pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo (IPHAN, 2014, p. 22).

Essa integração da citação do IPHAN enriquece a discussão sobre a importância da mediação cultural nos museus rurais, destacando como esses espaços podem facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento humano por meio da valorização e da transmissão do patrimônio cultural local. Nos museus rurais, essa perspectiva pode ser aplicada ao considerar como esses espaços educativos não apenas preservam e expõem o patrimônio cultural local, mas também facilitam o entendimento e a valorização das tradições e dos modos de vida das comunidades rurais. Ao integrar essa compreensão cultural em suas práticas, os museus rurais não apenas enriquecem a experiência dos visitantes, mas também fortalecem os laços comunitários e promovem um diálogo intercultural mais profundo.

2.2 Debatendo com os conceitos de musealidade e patrimonialidade

Os museus rurais desempenham um papel fundamental na preservação e valorização da cultura e história das comunidades agrícolas e rurais. Estes espaços não apenas guardam objetos e documentos de valor histórico, mas também oferecem um vislumbre das tradições, dos modos de vida e das práticas culturais que definiram regiões inteiras ao longo dos séculos.

A musealidade se manifesta nesses espaços a partir da seleção de acervos que possuem valor histórico, social e cultural, como ferramentas agrícolas, fotografias, registros de festas comunitárias e tradições imigrantes, elementos que representam a vivência rural e suas transformações ao longo do tempo. A musealidade seria, resumidamente, a “qualidade das coisas musealizadas” (Stransky *apud* Soares Bralon, 2012, p. 70), e essa definição se aplica aos museus rurais, nos quais cada artefato carrega consigo uma questão simbólica.

Além disso, entendemos que a musealidade vem antes da musealização, sendo crucial considerar “o valor imaterial ou a significação do objeto, que nos oferece

a causa ou razão de sua musealização" (Maroevic, 1997, p. 111). A partir dessa visão de musealidade que analisamos nesta pesquisa, pois nos museus rurais, esse valor imaterial é evidente nas ferramentas agrícolas e nos utensílios domésticos que, embora possam parecer simples à primeira vista, carregam consigo histórias de gerações, modos de produção sustentáveis e uma conexão intrínseca com a terra e a natureza. Essas imaterialidades estão mais vinculadas ao campo dos sentidos. Pode ser até um objeto banal, simples, sem história de gerações e ainda assim desperta musealidades.

A seleção de objetos para musealização se baseia no valor de testemunho da realidade documentada. "A razão pela qual este objeto foi selecionado é seu valor de testemunho da realidade que documenta. [...] Esse valor é chamado 'musealidade', porque não é mais realidade" (Desvalleés; Mairesse *apud* Lima, 2013, p. 52).

Para mim, a musealidade é o movimento que transforma a memória em presença. Ela acontece quando algo do cotidiano ganha sentido coletivo, quando um objeto, uma fotografia ou um espaço rural passa a representar a história de um grupo e a conectar as pessoas em torno de lembranças comuns. A musealidade não se resume ao que está dentro do museu, mas está nas relações que se estabelecem em torno dele — nas conversas, nas doações, nas visitas e nas lembranças compartilhadas. No contexto rural, ela nasce da própria vida comunitária, das práticas simples de guardar, cuidar e transmitir saberes. Assim, comprehendo a musealidade como uma experiência afetiva e social, que faz do museu um espaço vivo, construído com e para as pessoas. É nesse encontro entre memória e cotidiano que percebo a verdadeira força do museu: a de manter viva a história enquanto ela continua sendo vivida.

Os museus rurais, como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo, apresentam características que os diferenciam de outras tipologias de museus. Essa singularidade pode ser compreendida a partir de vários aspectos, incluindo aplicar os conceitos de musealidade e patrimonialidade, bem como a relação entre os museus e as comunidades locais. Ricardo Gruppelli (2024) fala dessa raiz que essa tipologia de museu tem:

Não tem como tu fazer um trabalho desses assim se não tiver uma peculiaridade, uma raiz na colônia. Impossível hoje mesmo que tu transporte para qualquer outro lugar porque aí não vai representar a comunidade. Se formou por causa da comunidade, é da comunidade e é a história da região.

Os depoimentos orais, como os coletados nas entrevistas, são essenciais para compreender o contexto histórico e cultural dos artefatos. Muitas práticas culturais, como festivais, danças e culinária, são preservadas e celebradas nos museus rurais, fortalecendo a identidade cultural local. Os conceitos de musealidade e patrimonialidade assumem uma dimensão particular nos museus rurais devido à sua função social. Eles não apenas preservam o patrimônio, mas também o agenciam, envolvendo a comunidade na curadoria e interpretação do acervo, é o que diz Sr. Osmar Franchini, fundador do Museu de Morro Redondo.

O seu Antônio tinha uma coisa muito diferenciada nossa, eu era mais de juntar o acervo, e ele foi mais um historiador. Ele contava as histórias, por exemplo São Domingos, por que São Domingos? Ele te contava tudo. Por que Santo Amor? O Antônio sabia contar, por que tem o Passo da Reserva? O seu Antônio contava toda ela. (Franchini, 2024).

A escolha dos objetos a serem musealizados é frequentemente feita com base em sua relevância para a comunidade local, mais do que por seu valor artístico ou histórico universal. O conceito de patrimônio é dinâmico e em constante negociação com a comunidade. Os museus rurais frequentemente servem como espaços de debate e reflexão sobre o que constitui o patrimônio local e como ele deve ser preservado.

Ao explorar esses aspectos, percebe-se que os museus rurais apresentam características marcantes, que ganham uma expressão singular no contexto rural. A forte conexão com a comunidade local, a integração entre patrimônio material e imaterial, a representação do modo de vida rural e a ressonância social e a patrimonialidade destacam a importância desses museus, sem estabelecer uma hierarquia em relação a outras tipologias.

Adicionalmente, a musealidade é um atributo que assume caráter definidor e valorativo, uma “especificidade” outorgada por condição do campo da Museologia pela sua via expressiva de representação, o Museu, elemento mediador junto ao meio social da percepção do real por meio da “sua” realidade construída; assentada no elenco de bens culturais e naturais no seu espaço teórico e prático de “ser” e, ao mesmo tempo, “tratar” o patrimônio, isto é, a herança coletiva (Lima, 2013, p. 52-53). Assim, os museus rurais não são apenas repositórios de objetos, mas espaços dinâmicos de interpretação e valorização do patrimônio cultural e natural, atuando como mediadores na construção e percepção da realidade social.

Esses museus vão além da simples exposição de artefatos, servindo como mediadores ativos na construção e percepção da realidade social. Ao abranger tanto elementos materiais quanto imateriais do patrimônio rural, os museus rurais facilitam um entendimento mais profundo e abrangente das tradições, das práticas e dos modos de vida das comunidades rurais. Eles promovem o reconhecimento e a preservação das narrativas locais, muitas vezes marginalizadas em contextos urbanos, oferecendo uma plataforma para que as vozes dessas comunidades sejam ouvidas e valorizadas. É o que nos fala Ivo Maerovic(1998):

A musealidade é a característica de um objeto que, inserido numa realidade, documenta outra realidade: no tempo presente, é um documento do passado; no museu, é um documento do mundo real; dentro de um espaço, é um documento de outras relações espaciais.

Esse atributo é especialmente significativo nos museus rurais, onde os objetos transcendem suas funções originais para servir como pontes entre diferentes tempos e espaços, ligando o presente ao passado e o local ao universal.

Conforme Desvallées e Mairesse (2014, p. 58),

o trabalho da musealização leva à produção de uma imagem que é um substituto da realidade a partir do qual os objetos foram selecionados. Esse substituto complexo, ou modelo da realidade construído no seio do museu, constitui a musealidade, como um valor específico que emana das coisas musealizadas. A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constituiu, com efeito, a realidade ela mesma.

Nos museus rurais, esta visão destaca como a criação de um contexto interpretativo não apenas preserva os objetos, mas também os transforma em elementos de uma narrativa coletiva que permite a compreensão e apreciação das tradições e modos de vida locais.

Michel Rautenberg (2003, p. 88) introduz a ideia de patrimonialidade, que se refere às transformações que os patrimônios podem sofrer devido às construções sociais. Ele argumenta que “os objetos patrimoniais não são estáticos, mas sim dinâmicos, sujeitos a transitar de um estatuto para outro, como do ordinário ao erudito ou do privado ao público”.

Essa transformação também pode incluir mudanças em sua função, seja política, institucional, econômica ou reivindicativa. Rautenberg (1998) enfatiza que a qualidade patrimonial de um objeto não é determinada exclusivamente pela autoridade pública ou competência científica, mas pelo reconhecimento e

desempenho daqueles que o transmitem e o reconhecem. Isso ressalta a importância da participação da comunidade na definição do que é considerado patrimônio.

Segundo Davallon (2014, p. 14), os objetos imateriais são dinâmicos por natureza e sua patrimonialidade é moldada pelo contexto cultural e social em que estão inseridos. Isso implica que a patrimonialidade desses objetos não é fixa, mas constantemente evolui conforme as práticas e percepções culturais mudam ao longo do tempo.

Laurier Turgeon (2010) também contribui para o entendimento da patrimonialidade ao introduzir o conceito de "regime de patrimonialidade". Em sua visão, esse regime busca alcançar a imaterialidade patrimonial por meio de dinâmicas que envolvem atores locais na produção de sentidos patrimoniais. Turgeon (2010) sugere que a imaterialidade do patrimônio é resultado de um processo colaborativo e contínuo, no qual a participação ativa dos atores locais é crucial para a construção e manutenção do valor patrimonial.

Considerando as perspectivas de Rautenberg (1998), Davallon (2014) e Turgeon (2010), é possível observar que a patrimonialidade é um conceito multifacetado que abrange tanto acervos como bens patrimoniais. A transformação dos objetos patrimoniais, seja em sua função ou estatuto, reflete as dinâmicas sociais e culturais que os cercam. Além disso, a patrimonialidade não é um atributo inerente aos objetos, mas sim uma qualidade atribuída por aqueles que os reconhecem e transmitem. Isso enfatiza a importância da participação comunitária e das dinâmicas locais na definição e preservação do patrimônio cultural.

No meu ponto de vista, a patrimonialidade é o sentimento e o gesto de reconhecer valor nas coisas que nos pertencem coletivamente. Ela nasce do vínculo com o território, das memórias compartilhadas e da vontade de preservar o que representa a nossa história. No meio rural, percebo que a patrimonialidade está nas práticas do dia a dia — no cultivo da terra, nas festas, nas igrejas, nas cozinhas e nos modos de conviver. Mais do que um conceito, ela é uma atitude que envolve cuidado, pertencimento e continuidade. Entendo a patrimonialidade como um processo em que a comunidade se vê e se afirma no que decide guardar, mantendo viva a ligação entre o passado e o presente. É nesse reconhecimento mútuo, entre pessoas, lugares e memórias, que o patrimônio ganha sentido e se torna parte da própria vida.

Em museus rurais, a patrimonialidade pode ser observada na maneira como os objetos comuns do dia a dia, como ferramentas agrícolas, utensílios domésticos e vestimentas tradicionais, são transformados em itens de valor patrimonial. Esses objetos, que podem ter sido considerados ordinários, ganham novo estatuto quando são reconhecidos e exibidos em um contexto museológico.

Uma enxada usada por gerações em uma família de agricultores pode ser exibida em um museu rural, destacando não apenas seu uso prático, mas também seu papel na história e na cultura local. A transformação desse objeto do uso privado ao reconhecimento público como patrimônio cultural ilustra a patrimonialidade conforme descrita por Rautenberg (2004). Vemos que isso não depende de uma chancela de agências do Estado, pois refere-se a como as pessoas comuns atribuem valor e como estes bens os afetam, sobretudo pelo sentido identitário.

Museus rurais frequentemente enfatizam não apenas objetos tangíveis, mas também práticas imateriais, como técnicas agrícolas tradicionais, músicas folclóricas, danças e celebrações comunitárias. Vamos explorar alguns exemplos dos Museus Gruppelli e Museu Histórico de Morro Redondo que desempenham esse papel. Alguns exemplos incluem:

- O museu exibe ferramentas e equipamentos agrícolas, mas também promove workshops e eventos nos quais as técnicas tradicionais de cultivo e colheita são demonstradas e ensinadas. Isso inclui práticas de plantio, colheita e manejo, refletindo a herança agrícola das imigrações na região.

- Eventos e festivais no museu frequentemente incluem apresentações de músicas e danças tradicionais. Essas celebrações são oportunidades para a comunidade e visitantes experimentarem e participarem dessas tradições vivas.

- O museu é um ponto focal para eventos comunitários, como festas de colheita e celebrações culturais. Essas celebrações reforçam os laços comunitários e mantêm vivas as tradições culturais.

O Museu Histórico de Morro Redondo também desempenha um papel crucial na preservação das práticas imateriais. Fundado por moradores locais como Sr. Antônio Reinhard, Sr. Osmar Franchini e Sr. Ervino Büttow, o museu se dedica a capturar a vida e as tradições da comunidade rural de Morro Redondo. Os exemplos incluem:

- Embora o museu tenha uma vasta coleção de objetos históricos, ele vai além ao contar as histórias associadas a esses objetos, proporcionando um contexto mais rico e profundo. Por meio de entrevistas e gravações de depoimentos, o museu preserva a memória oral da comunidade, incluindo histórias de imigração, vida rural e tradições passadas de geração em geração.

- O museu organiza eventos culinários em que receitas tradicionais são preparadas e compartilhadas, preservando práticas alimentares e promovendo a interação comunitária.

- A patrimonialidade em museus rurais também está fortemente ligada à participação ativa da comunidade local. As narrativas e os significados atribuídos aos objetos e práticas culturais são frequentemente criados com a comunidade, respeitando e refletindo suas perspectivas e seus valores.

- A criação de exposições em um museu rural pode envolver oficinas e sessões de coleta de histórias com membros da comunidade, permitindo que os moradores locais contribuam com suas próprias histórias, memórias e interpretações dos objetos expostos. Isso não apenas enriquece a exposição, mas também fortalece a conexão entre o museu e a comunidade, promovendo um sentido de propriedade e pertencimento.

A patrimonialidade também se manifesta por meio da transformação de objetos cotidianos em itens patrimoniais, da preservação de práticas culturais imateriais e da integração ativa da comunidade local na criação e manutenção do patrimônio. Esses museus não são apenas espaços de exibição, mas também locais de dinamismo cultural, em que o passado é constantemente reinterpretado e revitalizado pelas gerações presentes. A aplicação dos conceitos de Rautenberg (1998), Davallon (2014) e Turgeon (2010) evidencia a importância de uma abordagem participativa na preservação e valorização do patrimônio cultural.

Além das transformações e das dinâmicas sociais e culturais mencionadas por Rautenberg (1998), Davallon (2014) e Turgeon (2010), Tornatore (2009, p. 13) enfatiza a necessidade da imaginação na criação e manutenção do patrimônio: “é preciso seguir na via da imaginação: sem imaginação, não há patrimônio”. Nos museus, essa imaginação é crucial para reviver e reinterpretar o passado de maneiras que ressoem com o presente e inspirem o futuro. A imaginação permite que os profissionais que atuam nos museus e a comunidade visualizem novas formas de

apresentar e interagir com objetos e práticas culturais, tornando o patrimônio não apenas uma relíquia do passado, mas uma parte viva e dinâmica da identidade cultural. Por exemplo, ao criar exposições interativas ou narrativas envolventes sobre a vida rural, os museus podem capturar a imaginação dos visitantes e estimular um entendimento mais profundo e emocional da herança cultural. Assim, a imaginação atua como um motor essencial para a patrimonialidade, permitindo que os museus rurais se tornem espaços vibrantes de aprendizagem e conexão cultural.

A musealidade e a patrimonialidade estão intrinsecamente conectadas. A musealidade, ao destacar a importância dos objetos como afetos, emoções e impactos na vida das pessoas, servindo para pensar e agir melhor no tempo e no espaço vividos, prepara o terreno para a patrimonialidade, que se manifesta por meio das transformações e contextualizações desses objetos.

As narrativas e os significados atribuídos aos objetos e às práticas culturais são frequentemente criados com a comunidade, respeitando e refletindo suas perspectivas e seus valores. Isso não apenas colabora com a exposição, mas também fortalece a conexão entre o museu e a comunidade, promovendo um sentido de propriedade e pertencimento.

A musealidade e a patrimonialidade são conceitos complementares que, quando aplicados aos museus rurais, permitem uma abordagem dinâmica na preservação e valorização do patrimônio cultural. A musealidade proporciona a base documental e histórica, enquanto a patrimonialidade garante que o patrimônio cultural permaneça relevante e significativo para as gerações atuais e futuras.

2.3 Patrimônio rural e ressonância: um patrimônio agenciado pelas pessoas

O conceito de patrimônio cultural tem evoluído significativamente ao longo dos anos, expandindo-se para além das noções tradicionais de monumentos e artefatos históricos para incluir uma vasta gama de elementos materiais e imateriais que compõem a identidade e a memória coletiva de uma sociedade. Esse processo de expansão e redefinição, muitas vezes referido por Ribeiro (2021) como o “esgarçamento da categoria de patrimônio cultural”, reflete uma crescente conscientização da importância de preservar não apenas os objetos tangíveis, mas

também as práticas, as tradições e os conhecimentos que dão sentido e continuidade às comunidades.

No contexto rural, essa ampliação é particularmente relevante. As áreas rurais, com paisagens, modos de vida específicos e tradições seculares, oferecem um acervo de patrimônio cultural que abrange desde construções e ferramentas agrícolas até festividades, saberes tradicionais e práticas comunitárias. O reconhecimento e a valorização desse patrimônio rural são essenciais não apenas para a preservação das memórias e identidades locais, mas também para o desenvolvimento sustentável e a promoção de um turismo cultural consciente e engajado. Como destaca Gonçalves (2003, p. 27), "o patrimônio é usado não somente para simbolizar, representar ou comunicar, é bom para agir". Esta citação enfatiza a dimensão prática do patrimônio, reconhecendo sua importância como um recurso ativo que pode impulsionar ações e iniciativas benéficas para as comunidades.

A Constituição Federal de 1988 define o patrimônio cultural brasileiro como "os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (Art. 216). Esta definição sublinha a diversidade e a riqueza do patrimônio cultural do país, refletindo a importância de proteger tanto os aspectos tangíveis quanto intangíveis que contribuem para a formação da identidade nacional.

Nesse contexto de expansão e redefinição, Ribeiro (2023, p. 24) observa um "esgarçamento operacional da categoria de patrimônio", em que o foco passa da concretude dos objetos materiais, como conchas, tachos e gamelas, para sua imagem e projeção sociais. Isso revela toda a potência subjetiva e imaginativa que emerge desses referenciais, transformando o patrimônio em uma experiência mais ampla e significativa.

Além disso, Ribeiro (2032, p. 25) destaca que, neste palco compreendido como o próprio território no qual são performadas essas relações, o patrimônio se torna uma experiência narrada, vivida, imaginada e clicada pelas próprias comunidades, não mais como espectadores, mas como protagonistas de suas memórias sociais e dos seus referenciais de patrimônio.

No contexto rural de Pelotas e Morro Redondo, essa ampliação ganha contornos ainda mais significativos. O patrimônio rural, nesses contextos, transcende

as construções grandiosas e elitistas para incorporar uma variedade de elementos que são essenciais à vida das pessoas e à identidade local. Áreas verdes, pontes antigas, cachoeiras e moinhos não são apenas testemunhos históricos, mas também pontos de conexão com a natureza e a história vivida pela comunidade. Além disso, percepções imateriais, como a dança e a culinária, o saber-fazer artesanal do doce de melancia e a produção do bolo na pedra, são testemunhos vivos de tradições passadas de geração em geração.

O patrimônio rural refere-se ao conjunto de bens materiais e imateriais que possuem valor histórico, cultural, social e econômico nas áreas rurais. Este patrimônio inclui desde construções e objetos, como casas de fazenda, igrejas, ferramentas agrícolas, até tradições, práticas, festividades e conhecimentos passados de geração em geração.

Podemos definir o Patrimônio Cultural Rural como "o conjunto de registros materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural" (Tognon, 2002, p. 4). O patrimônio rural é visto como "um complexo processo que envolve seleção, preservação, pesquisa, documentação, comunicação, transmissão, emoções, memórias, identidades, tradições, entre diversas outras possibilidades" (Brahm, 2022, p. 75). A ressonância, no contexto do patrimônio e da museologia social, pode ser entendida como a capacidade de certos elementos patrimoniais de evocar respostas emocionais, memórias e uma sensação de conexão nas pessoas. É um conceito que vai além da simples preservação física dos bens, enfatizando a importância das experiências pessoais e coletivas associadas a eles.

O patrimônio rural encontra profunda ressonância junto às comunidades que o vivenciam cotidianamente. Antes mesmo da chegada de pesquisadores ou de qualquer reconhecimento institucional, esse patrimônio já está selecionado, valorizado e preservado pelos próprios moradores. Trata-se de um patrimônio nativo, nascido da relação íntima entre as pessoas, a terra e a cultura local. São as práticas, os saberes, os objetos e os modos de viver que revelam uma seleção afetiva e identitária feita pela própria comunidade, demonstrando que o reconhecimento oficial muitas vezes apenas legitima algo que já é patrimônio há muito tempo na vivência coletiva. A ideia de reconhecimento pode ser, outrossim, compreendida pelo viés de

ressonância, conceito sistematizado por Stephen Greenblatt (1991, p. 42) em seu texto *“Resonance and Wonder”*:

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o espectador, o representante (apud Gonçalves, 2007, p. 215 – destaque do autor).

No caso do patrimônio rural, a ressonância se manifesta de forma evidente junto às comunidades que o produzem e preservam, os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. (Gonçalves, 2005, p.19). Antes mesmo da chegada de pesquisadores ou de processos formais de patrimonialização, esses bens já estão carregados de significados, afetos e seleções nativas. São reconhecidos internamente como parte constitutiva da identidade local, o que evidencia que a patrimonialidade, nesse contexto, antecede a institucionalização e emerge da vivência cotidiana e da memória compartilhada.

Gonçalves (2007) amplia o debate sobre ressonância ao inseri-lo no campo das práticas sociais relacionadas ao patrimônio. Para o autor, a ressonância está diretamente ligada ao impacto que determinadas referências patrimoniais exercem sobre as pessoas e às maneiras como essas referências são pensadas, utilizadas e ressignificadas nos contextos cotidianos:

[...] um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ressonância junto a seu público (Gonçalves, 2007, p. 214-215).

O patrimônio rural reúne inúmeras características dos bens patrimoniais selecionadas pelas pessoas. É o que está destacado na Carta de Baeza¹⁸ (2013):

Podemos distinguir –si seguimos la clasificación de bienes utilizada habitualmente en la normativa patrimonial– entre bienes muebles (utensilios, aperos o herramientas utilizados para la labranza, transporte, almacenaje y

¹⁸ Podemos distinguir – se seguirmos a classificação dos bens habitualmente utilizada na regulamentação do patrimônio – entre bens móveis (utensílios, alfaia ou ferramentas utilizadas para a agricultura, transporte, armazenamento e fabrico de culturas e gado, documentos e objetos bibliográficos etc.), imóveis singulares (elementos construtivos considerados individualmente: quintas, pomares, centros de transformação agrícola, espigueiros, recintos, eiras, etc.), etc.), imóveis complexos ou lineares (paisagens, assentamentos rurais, sistemas de irrigação, agroecossistemas únicos, trilhas de gado, estradas etc.), patrimônio imaterial (línguística, crenças, rituais e eventos festivos, conhecimentos, gastronomia e cultura culinária, técnicas artesanais, tesouros vivos etc.) e patrimônio natural e genético (variedades locais de culturas, raças autóctones de animais, sementes, solos, vegetação e animais selvagens etc.)

manufactura de los cultivos y el ganado, documentos y objetos bibliográficos, etc.), bienes inmuebles singulares (elementos constructivos considerados singularmente: cortijos, huertas, centros de transformación agraria, graneros, cercados, eras, etc.), bienes inmuebles de conjunto o lineales (paisajes, asentamientos rurales, sistemas de riego, agroecosistemas singulares, vías pecuarias, caminos, etc.), patrimonio inmaterial Aljibe-abrevadero. Cortijo del Fraile (Níjar, Almería). (lingüística, creencias, rituales y actos festivos, conocimientos, gastronomía y cultura culinaria, técnicas artesanales, tesoros vivos, etc.) y patrimonio natural y genético (variedades locales de cultivos, razas autóctonas de animales, semillas, suelos, vegetación y animales silvestres asociados, etc.).

Debater o conceito de patrimônio rural e a importância da ressonância envolve reconhecer as múltiplas camadas e os significados que estes termos carregam. O patrimônio rural, sendo um complexo processo que envolve várias etapas, como seleção, preservação e comunicação, requer uma abordagem multidisciplinar para ser compreendido e valorizado de forma adequada. A citação de Tognon (2002) sublinha a importância dos registros materiais e imateriais na construção desse patrimônio, destacando como práticas e costumes locais moldam a identidade rural.

Quando falamos na zona rural de Pelotas, pensamos que o patrimônio rural pode ser pensando em suas várias dimensões e podem incorporar áreas verdes, pontes, cachoeiras e moinhos. Pensamos também em percepções imateriais, como a dança e a culinária, o saber-fazer, como é o caso do doce de melancia e da produção do bolo na pedra, dentre outros. Essas características atraem os visitantes para conhecer a região, promovendo o consumo rural, ou seja, a participação de grupos que não estão presentes na paisagem. Nesse sentido, Alves (2002, p. 15) afirma:

O patrimônio rural se apresenta como um dos principais e mais 39 emblemáticos símbolos do consumo cultural e turístico das mesmas regiões e localidades rurais. São múltiplas as utilizações do património rural em prol do turismo. Quer as festas e festivais regionais, quer ainda a gastronomia, o artesanato e os sítios arqueológicos, como a transformação de castelos, solares, moinhos e quintas em complexos hoteleiros e pousadas para a juventude, todos estes sinais de reutilização do património rural para outros fins, diferentes dos originais para que alguns deles foram criados, evidenciam uma outra possibilidade de gerar riqueza local, partindo precisamente do que aí existe, dos seus recursos.

As mais diversas utilizações dadas para o patrimônio rural valorizam as atividades realizadas no campo e potencializam a criação de novos empreendimentos, com as propriedades rurais sendo um espaço não só de morada, mas local de geração de economia criativa para as famílias e de descanso e lazer para os turistas.

Alguns autores vêm trabalhando com a questão do patrimônio rural na região estudada. O professor Fábio Cerqueira emergiu como um dos pioneiros na

investigação do patrimônio rural na região, iniciando seus estudos na década de 1990. Sua participação crucial incluiu o envolvimento no processo de fundação do Museu Etnográfico da Colônia Maciel e do Museu da Colônia Francesa, onde atualmente desempenha o papel de coordenador. Além disso, ele é responsável pela organização do Tour dos Museus da Serra dos Tapes/RS.

Ele aborda diversas conceituações de patrimônio rural, explorando-o sob múltiplas perspectivas acadêmicas, econômicas e legislativas (Cerqueira, 2021). Também amplia o conceito de patrimônio rural para além do puramente material, considerando uma visão mais abrangente que engloba paisagens que sustentam modos de vida tradicionais integrados à contemporaneidade, promovendo alternativas de qualidade de vida. Destaca-se também o potencial do turismo rural como um setor próspero no cenário pós-epidemia, unindo aspectos culturais e naturais, “oferecendo uma experiência que combina turismo cultural com ecológico e de aventura, sendo fundamental para a região da Colônia” (Cerqueira, 2021, p. 95).

No contexto da imigração italiana, Cristiano Gehrke (2018) aborda em sua tese que as representações fotográficas e os depoimentos orais no Museu da Colônia Maciel oferecem insights valiosos sobre o patrimônio rural. Nas fotografias, percebem-se elementos distintivos que ajudam a identificar e valorizar esse patrimônio. Um exemplo notável é a produção de vinho, que não apenas perdura como uma prática agrícola, mas também representa um elo cultural significativo trazido pelos antepassados desde os primeiros anos da imigração. Essa tradição vinícola é mantida por diversas famílias ao longo das gerações, destacando-se como um símbolo de identidade e continuidade histórica na região.

A filha de uma das fundadoras do Museu Gruppelli, em Pelotas/RS, Margareth Vieira (2001, p. 87), está envolvida no processo de formação do acervo, e utiliza fotografias em sua dissertação para identificar “elementos característicos da região do Gruppelli”. Em sua visão sobre patrimônio rural, ela define como essencial o modo de vida colonial, destacando a estreita relação com a natureza e a comunidade local como elementos fundamentais. Essa abordagem não apenas preserva tradições ancestrais, mas também fortalece a identidade cultural e o vínculo com o ambiente natural.

Outro pesquisador, que tem se dedicado às questões dos acervos culturais na região da Colônia Francesa de Pelotas/RS, é Leandro Betemps. Em suas entrevistas

para a dissertação de mestrado em 2009, ele identificou características distintivas da região rural de Pelotas, destacando as materialidades valorizadas pelos descendentes de imigrantes franceses. Elementos como a produção de vinho, a preservação da língua francesa, a importância dos museus locais e o cultivo de plantações foram apontados como fundamentais para a identidade cultural dessa comunidade.

Luísa Maciel, em sua pesquisa de mestrado, em 2009, investigou o território rural da região, explorando as diversas atividades que se desenrolam nesse contexto, em que o ambiente rural serve como palco e suporte para essas práticas. Ela detalha as inúmeras características encontradas nesse território, destacando a tentativa de identificar o patrimônio rural por meio de métodos como cartas patrimoniais, depoimentos orais e o estudo das particularidades do mundo rural.

Por outro lado, Brahm (2022) amplia essa visão ao incluir elementos como emoções, memórias e identidades, sugerindo que o patrimônio rural não é apenas um objeto de estudo estático, mas um processo dinâmico. Este ponto é crucial para a museologia social, que busca não só preservar, mas também comunicar e transmitir esses valores para as futuras gerações. A inclusão de elementos emocionais e memoriais reforça a ideia de ressonância, e o patrimônio rural passa a ser um meio de conectar as pessoas com suas raízes e histórias, criando uma experiência cultural rica e significativa.

A discussão em torno dos significados e dos elementos subjacentes ao patrimônio rural – ou a sua percepção como tal – derivam precisamente, pelo menos em parte, de uma evidente conscientização social em torno da importância, não só memorial e simbólica, mas também agora econômica e política, de que o patrimônio rural passou a ser alvo (Alves, 2002, p. 7). Esta conscientização social destaca a crescente valorização do patrimônio rural não apenas como um repositório de memórias e tradições, mas também como um recurso com potencial para o desenvolvimento econômico e para a afirmação de identidades políticas.

No entanto, a aplicação prática desses conceitos pode enfrentar desafios. A preservação de bens materiais em áreas rurais muitas vezes esbarra na falta de recursos e infraestrutura, enquanto a transmissão de práticas imateriais depende do engajamento comunitário e da continuidade das tradições. A ressonância, nesse contexto, pode servir como um catalisador para o envolvimento comunitário, promovendo um senso de pertencimento e valorização do patrimônio local.

Capítulo 3 – Patrimônio rural: construindo um conceito diverso

Este capítulo explora o *patrimônio rural* por meio de uma análise aprofundada de seus diversos elementos, buscando ampliar e redimensionar o conceito tradicional de patrimônio. Diferente da visão clássica, que muitas vezes se limita a monumentos e edificações históricas, o patrimônio rural é aqui tratado como um campo multifacetado, que abrange uma combinação de aspectos tangíveis e intangíveis. Essas camadas – como as práticas culturais, o ambiente natural e as memórias coletivas – refletem a vida cotidiana das comunidades rurais e revelam um universo rico em significados e valores.

A investigação metodológica desta pesquisa, apresentada nas “Notas metodológicas: narrando sobre a pesquisa”, oferece um olhar sobre o processo de coleta de dados e o contato com as fontes e agentes locais. Essa narrativa traz à tona os métodos utilizados para alcançar uma compreensão detalhada do patrimônio rural, valorizando tanto as abordagens etnográficas quanto os diálogos com as pessoas que agenciam os museus. Esse diálogo constante com os moradores e com os locais de memória permite que o conceito de patrimônio rural ganhe vida por meio das vozes daqueles que o vivenciam.

Na seção “Os agentes sociais do patrimônio rural”, destacamos o papel essencial das pessoas e instituições que promovem, preservam e transformam o patrimônio rural em sua diversidade. São indivíduos e grupos que carregam o conhecimento ancestral, defendem práticas de preservação e impulsionam o reconhecimento cultural de suas comunidades. Eles atuam como protagonistas no fortalecimento da identidade rural e na manutenção dos valores e saberes associados a esse espaço.

Por fim, a seção “Patrimônio rural e seus elementos” aprofunda-se nos componentes que constituem esse patrimônio diversificado. Aqui, o capítulo investiga como os elementos culturais, naturais e sociais se inter-relacionam para formar um patrimônio vivo e significativo. A análise dos elementos como as paisagens naturais, os modos de produção artesanal e as práticas culturais permite uma compreensão ampliada e integrada do patrimônio rural, levando em consideração a relação entre as comunidades locais e seu ambiente.

Ao ampliar o conceito de patrimônio rural para abranger esses múltiplos elementos, este capítulo busca oferecer uma compreensão mais inclusiva e complexa

do que representa o “rural” como patrimônio. É justamente porque leva em conta a visão das pessoas comuns, que identificam e “produzem” patrimônios, ainda que não sejam chancelados pelo Estado como tal. É mais um patrimônio afetivo e comunal, do que propriamente um patrimônio como ato jurídico e burocrático. Dessa forma, contribui para um debate atual e relevante sobre a preservação e valorização do patrimônio cultural no contexto das áreas rurais.

3.1 Notas metodológicas: narrando sobre a pesquisa

Neste subcapítulo, apresentarei de forma detalhada as notas metodológicas que sustentam a condução desta pesquisa, cuja temática central é o patrimônio rural e suas categorias. A complexidade do tema exigiu uma abordagem metodológica diversificada e integrada, capaz de capturar as múltiplas dimensões que compõem o patrimônio rural, tanto em seus aspectos materiais quanto imateriais.

O trabalho de campo constituiu uma etapa crucial deste estudo, pautado por visitas ao Museu Gruppelli e ao Museu Histórico de Morro Redondo por duas vezes¹⁹. Durante essas visitas, realizei observações participantes e não participantes, registrando minuciosamente as características físicas dos espaços, os objetos expostos e as narrativas associadas a eles. Este processo foi complementado por entrevistas semiestruturadas com moradores locais, gestores de museus e outros atores sociais diretamente envolvidos na preservação e valorização do patrimônio rural.

Especificamente no Museu Gruppelli, foram realizadas entrevistas com três figuras chave que participaram do processo de criação do Museu: Neco Tavares, Neiva Vieira e Ricardo Gruppelli. É importante destacar que utilizamos a entrevista com Neiva Vieira concedida em 2016, por infelizmente ela ter falecido recentemente. As entrevistas com esses fundadores do museu foram fundamentais para acessar uma ampla gama de perspectivas e experiências, enriquecendo nossa compreensão sobre a significância e o uso do patrimônio rural pelas comunidades.

Neco Tavares é um artista e fotógrafo que chegou à região pelo convite da professora Neiva Vieira (*in memoriam*), que trabalhava em uma escola em frente ao museu. Sua chegada marcou o início de uma série de colaborações importantes para

¹⁹ Fui várias vezes ao Museu Gruppelli por participar do projeto de extensão desde 2015.

a preservação e divulgação do patrimônio local. Juntamente com Neiva Vieira e a família Gruppelli, Neco foi fundamental na fundação do Museu Gruppelli. Ricardo Gruppelli, proprietário da Casa Gruppelli, também desempenhou um papel crucial, sendo um dos principais mobilizadores para arrecadar o acervo na região.

A Casa Gruppelli, além de ser um ponto central de comércio de produtos coloniais, serve como um local de encontro para a comunidade. Ricardo Gruppelli não apenas administra o armazém e o restaurante, onde são servidos pratos típicos da região, mas também liderou esforços para reunir e preservar objetos históricos que compõem o acervo do museu.

No Museu Histórico de Morro Redondo, as entrevistas foram realizadas com duas pessoas: o Sr. Ervino Büttow, aposentado, morador de Morro Redondo e colecionador, que possui um pequeno museu em sua residência onde foi colocando os objetos que foi adquirindo e objetos que foram doados ao Museu de Morro Redondo, mas não tem espaço para serem guardados; e o Sr. Osmar Franchini, ex-radialista da Rádio Bom Fim, que concebeu a ideia de criação do museu a partir de uma viagem ao Espírito Santo, e aqui fez muitas propagandas em seu programa de rádio e uma campanha de arrecadação de objetos, a qual tem efeito até os dias de hoje recebendo possibilidade de doações.

Nesse estudo, a entrevista oral é a principal fonte de pesquisa, destacando a importância dessa fonte para obter narrativas e percepções valiosas sobre o processo de criação dos museus. As entrevistas foram feitas com um roteiro semiestruturado, seguindo a metodologia. O roteiro²⁰ pré-estabelecido das entrevistas garante consistência nas perguntas, permitindo uma análise mais precisa e comparativa das respostas. Ao todo foram entrevistadas cinco pessoas diretamente envolvidas na criação dos museus estudados.

Ao focar nas entrevistas com indivíduos que tiveram um papel importante na criação dos museus, buscamos capturar perspectivas e experiências únicas, o que ajudará a entender os desafios, as decisões e os sucessos nesse processo. A abordagem qualitativa das entrevistas promete trazer detalhes importantes sobre o processo criativo, enriquecendo a pesquisa.

²⁰ Os roteiros semiestruturados utilizados nas entrevistas estão disponíveis no Apêndice deste trabalho.

As pessoas selecionadas atuaram como fundadores dos museus e participaram do processo de criação. Portanto, busquei entender, do ponto de vista delas, as características, os locais, os objetos e os acervos que elas veem como patrimônio. As entrevistas aconteceram no Museu Gruppelli e no Museu Histórico de Morro Redondo, e foram gravadas em vídeo com a autorização dos respectivos entrevistados e depois transcritas pelo autor.

A História Oral é uma metodologia que comprehende a troca de conhecimentos e o protagonismo e valor dos interlocutores, que devem ser reconhecidos como participantes da pesquisa. Nesse aspecto, a historiadora Marta Rovai (2015, p.112) defende que “precisamos oferecer aos nossos entrevistados nossos olhos, nossa presença e nosso reconhecimento”. Trata-se de uma metodologia que proporciona uma escuta ativa, uma perspectiva coautoral do trabalho e da própria entrevista, à medida que a flexibilidade do roteiro semiestruturado faz de cada entrevista única e influenciada tanto pelo entrevistador quanto pelo(a) entrevistado(a).

A realização das entrevistas individualmente nos dois museus – Museu Gruppelli e Museu Histórico de Morro Redondo – é uma escolha metodológica que visa maximizar a ativação narrativa e memorial dos entrevistados. Esta abordagem considera que o contato direto com os objetos expostos nos museus pode evocar memórias específicas e detalhadas, que talvez não fossem acessadas em outro contexto. “Por meio da representação e da interpretação desses construtos simbólicos, permite-se que a informação contida nos bens patrimonializados e musealizados possa se comunicar com a sociedade através do tempo e das especificidades sociais” (Motta, 2015, p. 44).

Com as entrevistas busquei investigar como foi o processo de formação dos dois museus, como foram selecionados os objetos, os discursos criados por esses museus e o que as pessoas consideram patrimônio rural e acham importante ser preservado na região estudada.

Andrade (2002) destaca proporcionar mais informações sobre o assunto a ser investigado; facilitar a delimitação do tema de pesquisa; orientar a definição do objetivo e a formulação das hipóteses; ou descobrir um novo enfoque para o assunto.

Por fim, destacamos a importância das narrativas e dos depoimentos orais na construção de um entendimento mais profundo e contextualizado do patrimônio rural. Essas vozes, muitas vezes marginalizadas nos discursos oficiais, oferecem *insights*

valiosos sobre as vivências e os significados atribuídos ao patrimônio pelas próprias comunidades, contribuindo para uma abordagem mais inclusiva e participativa na preservação e valorização dos bens culturais rurais.

Enfatizamos que transmissão memorial vai além de simplesmente repassar informações ou objetos do passado. Envolve, sobretudo, compartilhar uma forma de estar no mundo, ou seja, um modo de vivenciar e interpretar o presente a partir das experiências e dos valores transmitidos. “Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (Candau, 2014, p. 118).

Essa perspectiva é essencial ao trabalhar com narrativas de entrevistas, pois o que está sendo coletado não é apenas um relato factual, mas uma evocação memorial, um produto da memória. Ao considerar as narrativas orais como “produtos da memória”, é importante reconhecer que elas são construções subjetivas, influenciadas por contextos emocionais, culturais e sociais do momento em que são rememoradas. Essa evocação “não é uma reprodução fiel dos acontecimentos” (Candau, 2014), mas sim uma reconstrução que revela percepções e sentidos atribuídos ao passado pelo sujeito entrevistado.

Portanto, ao analisar as entrevistas no contexto do patrimônio rural e museus comunitários, é fundamental evitar uma abordagem ingênua e carente de rigor metodológico. Isso implica considerar a memória como dinâmica e seletiva, valorizando a forma como os entrevistados escolhem narrar suas experiências e o que isso revela sobre suas identidades e vínculos com o território.

Para investigar o patrimônio rural, utilizei a metodologia da pesquisa exploratória, porque queremos ter uma visão geral da região estudada. Segundo Gil (2007), a pesquisa exploratória ajuda a gente a se aproximar e entender melhor o problema, e Andrade (2002) diz que a pesquisa descritiva se preocupa em observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos, sem interferir neles. Dessa forma, optamos pela pesquisa exploratória e descritiva para o nosso trabalho.

3.2 Os agentes sociais do patrimônio rural

A análise dos agentes sociais envolvidos no processo de criação e desenvolvimento dos Museus Gruppelli e Histórico de Morro Redondo oferece uma

perspectiva sobre a construção e a interpretação do patrimônio rural. Esses agentes sociais, incluindo fundadores, colaboradores e membros da comunidade local, desempenharam papéis cruciais na formação desses museus e na definição das narrativas patrimoniais que eles mediam.

No caso do Museu Gruppelli, a participação de indivíduos como Neco Tavares, Neiva Vieira e Ricardo Gruppelli (Figura 7) foi fundamental para a criação e a consolidação do acervo. Suas contribuições variam desde a coleta de objetos até a reorganização do prédio.

Figura 7: Abertura do Museu Gruppelli, com Ricardo Gruppelli, Neco Tavares e a saudosa Neiva Vieira



Fonte: Acervo do Museu Gruppelli

De maneira semelhante, o Museu Histórico de Morro Redondo deve muito ao trabalho dos fundadores, Sr. Antônio Reinhardt (*in memoriam*), Sr. Osmar Franchini e Sr. Ervino Büttow (estes dois últimos retratados na Figura 8).

Figura 8: Seu Ervino e Seu Osmar na entrevista para a dissertação



Fonte: Acervo pessoal

Esses senhores, que tinham interesse em preservar a história local, foram essenciais para a concepção do museu e para a elaboração de suas exposições. Suas ações e discursos não apenas ajudaram a reunir o acervo, mas também influenciaram a forma como o patrimônio local é apresentado e compreendido.

Este subcapítulo irá explorar como esses agentes sociais moldaram as narrativas e as práticas museológicas nos dois museus. Ao examinar os discursos e as contribuições desses indivíduos, buscarei entender como suas visões e experiências influenciam a percepção do patrimônio rural e a construção da identidade cultural nas exposições. Por meio desta análise, podemos obter uma visão mais profunda sobre o papel dessas pessoas na preservação e na valorização do patrimônio, bem como os desafios e as oportunidades que surgem quando diferentes perspectivas são integradas na representação do patrimônio.

No Museu Histórico de Morro Redondo, entrevistamos Ervino Büttow e Osmar Franchini, figuras essenciais para a construção do acervo do museu, com uma longa trajetória de colecionismo que antecede a criação do museu. Ambos demonstram, em seus relatos, uma valorização dos objetos que guardam, reconhecendo o valor desses itens para a memória da comunidade.

Seu Ervino (2024), ao ser questionado sobre o começo do museu, relata: "Eu tenho coisas muito velhas, coisas que só eu tenho, porque ninguém guarda mais. Eu guardo tudo organizado, bonito; uma parte até está lá embaixo". Há uma noção de preservação dos entrevistados sobre os objetos que possuem em suas casas, ainda um olhar antes do museu como colecionadores. Considerando isso, podemos destacar que possuem muitos objetos que o Museu Histórico de Morro Redondo não possui ainda, há uma organização, mesmo que "raras", as suas coleções preservam

o cotidiano e os modos de vida da região. Porém, o “museu não é mais repositório de coisas velhas, sacralizadas, ícones, mas sim lugar de memória e da preservação da história e do patrimônio, que comunica” (Bertotto, 2015, p. 56).

Osmar Franchini, por sua vez, complementa o relato ao destacar a origem do museu a partir de um movimento de preservação particular, que aos poucos tomou um caráter coletivo. Ele explica: “A gente tinha objetos guardados em casa e fomos ampliando, formando o museu” (Franchini, 2024). Essas palavras mostram como o ato de colecionar transcendeu o aspecto pessoal e se transformou em uma iniciativa que passou a envolver a comunidade. Segundo Brahm (2021, p. 285), “esse ato de colecionar pode ser tanto individual como coletivo, e é nesse último ato que as coleções contribuem para constituição e consolidação dos museus, culminando na criação de um espaço dedicado à memória local”.

Pensando sobre isso, percebe-se que há um olhar de musealidade nos entrevistados potencializando seus objetos como de museu. Janeira (2005, p. 163) diz que há, muitas vezes, uma vontade do colecionador em mostrar sua coleção e, também, de mostrar-se aos outros, seja para familiares, amigos, visitantes ou públicos diversos. Dessa forma, o Museu Histórico de Morro Redondo não apenas conserva objetos, mas também reflete a identidade coletiva, sendo que os esforços individuais de preservação se uniram para narrar a história e o cotidiano do município e de sua gente, e são as pessoas que dão sentido a eles: “os museus e os museólogos não se fazem e não subsistem longe da vida” (Guarnieri, 2010 [1986], p. 226).

Ervino Büttow destaca, em seu relato, uma postura ativa na construção do acervo do Museu Histórico de Morro Redondo, que vai além de apenas receber ou manter objetos que já possuía. Quando perguntado em relação a quantos objetos o museu possui, mostra que é também um compromisso que ele assumiu com uma visão de longo prazo.

A gente tinha, ganhava, o Antônio ganhava... Eu comprei muitas coisas na época. Aqui dentro tenho muitas coisas compradas, em casa também muitas coisas compradas. Muitas vezes paguei 150, 200 reais porque sabia que daqui um tempo não vai ter mais, é um investimento para o futuro. (BUTTOW, 2024).

Vejo que ele tem um olhar ainda monetário para o acervo, percebendo o simbolismo de cada objeto para a comunidade, investindo seu dinheiro para compra dos objetos. Porém, evita o desaparecimento de certos objetos e uma possível perda

de memória sobre a utilização de certos objetos e continuação dessas culturas no município, assim está contribuindo para a valorização e a difusão da memória local.

A "vontade de memória" no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) pode ser compreendida como o desejo coletivo de preservar, registrar e transmitir as histórias, os objetos e as experiências que configuram a identidade da comunidade local. Mencionamos, aqui, que a formação das coleções e a "vontade de memória" (Nora, 1993) são compreendidas, no campo dos museus, pelo viés da musealidade. Essa motivação é evidente desde o processo de criação do museu, impulsionado por moradores como o Sr. Antônio Reinhard, o Sr. Osmar Franchini e o Sr. Ervino Büttow, que buscaram reunir elementos significativos da história da região.

Ao adquirir peças com recursos próprios, muitas vezes pagando valores significativos, seu Ervino demonstra um sentimento de responsabilidade que passa pelo seu interesse pessoal e vai ao coletivo para não perder essas memórias. Ele vê em cada objeto um elemento indispensável para a compreensão da vida e da cultura rural da região. Assim, suas ações ressaltam a importância de um museu construído não apenas pela coletividade, mas pelo investimento direto de indivíduos que, como ele, reconhecem que alguns objetos, uma vez perdidos, não podem ser substituídos ou recuperados. Segundo Poulot (2013, p. 130), baseado em Stranský (1995), a própria Museologia pode ser entendida como o campo da musealidade, que é definida como a análise da "característica dos objetos de museu, essa parte da realidade que só podemos conhecer através de uma representação da relação entre o homem e a realidade." Esse entendimento confere ao museu um caráter de resistência cultural, em que cada item exposto é, simultaneamente, uma relíquia do passado e uma aposta no futuro da memória de Morro Redondo.

Osmar Franchini traz à tona uma realidade difícil enfrentada por muitos entusiastas da preservação: a perda de peças valiosas para o ferro-velho por falta de tempo ou espaço para armazená-las. "Muita coisa foi para o ferro velho e não deu tempo da gente pegar e não tinha lugar para a gente colocar também" (Franchini, 2024).

Voltando às questões monetárias, nota-se que esses locais de desmanche percebem e valorizam, de certa forma, o patrimônio por adquirirem e depois venderem por preços maiores. Lembro das vezes em que me procuraram nos museus rurais pessoas para saberem os sentidos simbólicos dos objetos para assim valorizarem os

preços dos objetos e terem rendas maiores. Outras vezes também pessoas que vão aos museus e querem pagar preços exorbitantes pelos objetos. Acredito que esse fenômeno está ligado à valorização dos espaços de memórias nos últimos anos, visitam-se museus e se espelham para a criação de novos, então o que era tralha hoje, vira valor para quem reconhece e valoriza os acervos.

Essa problemática dialoga com os conceitos de Alois Riegl (1987), que em sua teoria sobre os valores do patrimônio cultural destaca que o valor de antiguidade e de memória atribuído aos objetos depende de esforços de salvaguarda para evitar sua destruição. Segundo o autor, bens materiais que testemunham o passado precisam ser protegidos de forças como o tempo e o abandono, que ameaçam apagar suas narrativas históricas (Riegl, 1987). Nesse contexto, o ferro-velho simboliza a fragilidade de um patrimônio que não encontra espaço para sua preservação e acaba sendo descartado antes de ser reconhecido como tal.

Até mesmo objetos do cemitério abandonado no meio do mato foram incorporados ao acervo do Museu Histórico de Morro Redondo, revelando a amplitude e a singularidade dos itens preservados. Eles são verdadeiros guardiões da memória local, pois tiram os objetos de suas fragilidades e os deslocam para a categoria de objeto de museu, para a categoria de patrimônio museológico. Osmar Franchini (2024) relata: “Assim são objetos que se tem ali no cemitério, um museu a céu aberto, ali tem túmulos que estão caídos, fui desmanchando e pegando as placas de porcelana e fomos trazendo para cá. Então são coisas que a gente tem”.

O museu por característica tem essa intenção de não deixar se perderem objetos, e assim vemos que aconteceu com o caso do cemitério em que parte foi destruída, e antes que aterrassem sepulturas e lápides, houve essa conscientização deles em ir até o local e fazer um resgate patrimonial. Hoje, esses objetos fazem parte do circuito expositivo do museu, simbolizando o fim do ciclo de vida das pessoas e de objetos que deixam seu caráter utilitário para receberem um valor simbólico.

A decisão de recuperar objetos do cemitério, transformando-os em parte do acervo, amplia a definição de patrimônio e evidencia o museu como um verdadeiro guardião da história em suas diversas formas. Ao considerar o cemitério como um “museu a céu aberto”, Osmar sugere que a própria comunidade possui espaços de memória naturais, em que cada elemento, ainda que desgastado pelo tempo, conta uma parte importante da narrativa local. Esses objetos trazidos ao museu fortalecem

a conexão com o passado e oferecem um testemunho tangível das relações, dos valores e das lembranças que moldaram a vida em Morro Redondo, permitindo que o acervo do museu seja também um espaço de homenagem e continuidade. Percebemos que essas comunidades, ao perceberem a possível perda da memória local, recorrem aos museus como extensões de memória.

Mesmo que as capacidades memoriais estritamente humanas sejam consideráveis, o homem quase nunca está satisfeito com seu cérebro como unidade única de estocagem de informações memorizadas e, desde muito cedo, recorre a extensões de memória (Candau, 2014, p. 107).

Ao ser questionado sobre as pessoas que participaram da formação do museu, Osmar Franchini (2024) expressa sua tristeza ao observar que objetos importantes ficam ao ar livre: "Eu fico com pena daquela carroça do Geraldo que está na rua pegando chuva e não tem onde guardar". Há uma necessidade urgente de ampliação do espaço para que possa receber objetos que estão em suas casas e, principalmente, os de grande porte que sofrem com a degradação do tempo.

Em relação à figura de Antônio, que foi, além de fundador, um incentivador do museu, também pode-se interpretar sua ação a partir dos conceitos de musealidade e patrimonialidade, discutidos por Mário Chagas. Segundo Chagas (2009), o valor de um objeto ou lugar como patrimônio não está apenas em sua materialidade, mas na ressonância que ele desperta nas comunidades e nas histórias que ajuda a contar. No caso do Museu Histórico de Morro Redondo, Antônio foi mais do que um coletor: ele foi um agente social que deu vida ao patrimônio local, conectando-o às pessoas por meio de suas narrativas.

A relação entre a preservação física dos acervos e a valorização das narrativas demonstra que a gestão de um museu comunitário vai além de sua estrutura física. Ela requer um equilíbrio entre infraestrutura e ações voltadas à transmissão da memória coletiva. Esse desafio, entretanto, é ampliado pela ausência de políticas públicas consistentes, como aponta a Carta de Quebec (1984), que defende o fortalecimento de iniciativas comunitárias e a criação de condições para a preservação participativa do patrimônio.

Vemos que enquanto Osmar se dedicava à coleta de objetos e à organização do acervo, Antônio desempenhava o papel essencial de narrador e preservador das histórias que davam contexto e significado a esses objetos. Sua habilidade em contar histórias ajudou a construir uma conexão mais profunda entre os itens do acervo e os

eventos históricos que os cercavam. Antônio não só colecionava, mas também fazia a ponte entre as gerações passadas e as futuras, compartilhando as histórias das pessoas, dos lugares e dos acontecimentos que formaram a identidade de Morro Redondo. Vemos que o Museu de Morro Redondo serviu como fins terapêuticos para seu Antônio que já estava com a saúde debilitada, é o que nos diz Baudrillard (2002, p. 97):

[...] os objetos desempenham um papel regulador na vida cotidiana, neles são abolidas muitas neuroses, anuladas muitas tensões e aflições, é isto que lhes dá “alma”, é isto que os torna “nossos”, mas é também isto que faz deles o cenário de uma mitologia tenaz, cenário ideal de um equilíbrio neurótico.

É importante que os idosos compartilhem suas memórias na velhice, pois isso ajuda a preservar suas histórias e a manter viva sua identidade. Falar sobre o passado permite relembrar experiências, aprendizados e momentos importantes. Os objetos, por sua vez, podem ser grandes aliados nesse processo, pois despertam lembranças ao estarem ligados a pessoas, acontecimentos e hábitos do dia a dia, tornando as recordações mais vivas e significativas.

A participação de colaboradores e a realização de eventos, como excursões e o "Café com Memórias"²¹, foram momentos marcantes para o Museu Histórico de Morro Redondo, criando oportunidades únicas de interação entre o museu e a comunidade local, especialmente com as crianças e jovens. Osmar Franchini (2024) relembra com entusiasmo:

Uma vez fomos no Elberto Madruga, foi muito legal as crianças mexendo o tacho. Ano passado, Kamile recebeu uma turma boa do colégio aqui no museu para falar do meio ambiente, e a Edith, minha esposa, veio ajudar ela porque não dá para atender 20, 30 crianças ao mesmo tempo. Aí eles perguntam, O que é aquilo? Pra que serve aquilo?

As excursões escolares para o museu (como se pode ver no exemplo da Figura 9) proporcionam uma troca de conhecimentos, com as crianças curiosas sobre o acervo, questionando e aprendendo sobre o passado local e seu impacto no presente. Esse tipo de interação ajuda a cultivar uma nova geração de preservadores da memória cultural, que começam a entender a importância dos objetos e da história de sua região.

Figura 9: Excursão no Museu de Morro Redondo

²¹ Ação do Museu Histórico de Morro Redondo, que visa realizar um café em uma comunidade; cada pessoa leva um objeto e todos compartilham suas memórias.



Fonte: Acervo Museu de Morro Redondo

Nas excursões recebidas no museu há um encontro de gerações entre idosos e crianças, há esse papel deles como agentes do patrimônio narrarem suas memórias e emoções para as crianças como forma de mostrarem a importância e a utilidade das coisas em um tempo não tão distante. Os objetos eram mais manuais, por vezes fabricados por marceneiros e ferreiros da região que representam a evolução tecnológica na região. Antigamente chegavam revistas e jornais com anúncios e deles eram tirados os moldes para fabricar os objetos.

As crianças e os jovens moradores da cidade, com estas narrativas, têm a possibilidade de observarem de outra forma os objetos das suas residências, as culturas e a atividade de hoje em dia, que podem se tornar objetos de museu dessa relação sujeito-objeto-território valorizando o patrimônio, os modos de vida e trabalho da região.

Ao ser perguntado sobre o objetivo de criação do museu, Büttow (2024) comenta sobre o legado que deixará: “eu sempre tinha coisa antiga, sempre gostei de preservar coisas antigas, vou ficar velho, vou ter neto e bisneto para contar história de como era antigamente. E mostrar, o importante é guardar e mostrar os objetos”. Sobre a importância do patrimônio como ponte entre gerações, pode-se refletir sobre como a preservação do patrimônio contribui para a construção de uma identidade coletiva que atravessa o tempo.

Esse processo de transmissão intergeracional é essencial, pois vai além do simples ato de guardar coisas antigas; trata-se de criar um espaço de memória e

aprendizado. A preservação de objetos e histórias se transforma em um elo entre as gerações, um meio de ensinar e lembrar os mais jovens sobre a história de sua comunidade, sobre como as pessoas viviam, o que valorizavam e como essas práticas influenciam a vida atual. Essa musealidade nativa de jovens e idosos vai ao encontro de iniciativas de manter os moradores na cidade criando uma identidade local para que evitem o êxodo rural.

A musealidade é um conceito central da museologia, envolve mais do que a simples preservação de objetos. Para Mário Chagas (2009), a musealidade está vinculada à capacidade de o museu de transformar objetos e práticas culturais em símbolos vivos, que conectam passado e presente. No caso do Museu Histórico de Morro Redondo, a música e as atividades culturais descritas por Ervino Büttow são exemplos dessa musealidade em ação. A música, que antes da pandemia era uma parte fundamental das atividades do museu, não se limita ao uso de objetos históricos ou a exposições estáticas; ela se tornou uma forma de vivência cultural, contribuindo para a criação de uma atmosfera dinâmica e participativa que reforça a memória coletiva da comunidade. Como afirma Halbwachs (1990), a memória coletiva não é estática e deve ser constantemente renovada e recontada, sendo essencial para a preservação das identidades culturais locais.

Em relação à patrimonialidade, o conceito se refere ao processo pelo qual determinados bens, objetos e práticas passam a ser reconhecidos como patrimônio cultural, ou seja, como elementos fundamentais que merecem ser protegidos e transmitidos para as futuras gerações. No caso do Museu Histórico de Morro Redondo, a preservação das histórias de vida dos moradores, como as narrativas de Büttow e Franchini, se insere no que Nina Rodrigues (1996) chama de patrimônio imaterial, que se constrói a partir das memórias, tradições orais e expressões culturais vividas. As entrevistas realizadas no museu e a sua conexão com o patrimônio material ajudam a criar uma narrativa mais complexa, em que os objetos não são apenas itens isolados, mas fazem parte de um sistema de significados, construído pelas experiências vividas pela comunidade.

Além disso, a interação comunitária descrita no "Café com Memórias" (Figura 10) destaca a relevância da museologia social, conceito defendido por autores como Georges Henri Rivière (1977), que propõe que os museus devem ser espaços de participação ativa das comunidades.

Figura 10: Café com Memórias



Fonte: Acervo Museu de Morro Redondo

A dinâmica das entrevistas e a inclusão de vozes locais em ambos os museus, como o Gruppelli e o de Morro Redondo, reflete esse movimento de democratização da memória e da preservação. Em vez de serem espaços de mera conservação, os museus passam a ser centros vivos, nos quais a memória é transmitida por meio de práticas culturais dinâmicas, como as músicas e histórias compartilhadas.

Portanto, ao conectar as histórias de vida dos moradores e as atividades culturais no espaço do museu, como as músicas e os encontros comunitários, esses museus transcendem o simples conceito de depósito de objetos para se tornarem agentes vivos da memória coletiva, reforçando a identidade e a continuidade das tradições locais. Isso destaca a multidimensionalidade do patrimônio rural, que integra o material e o imaterial, o tangível e o intangível, e posiciona os museus como centros essenciais para a preservação e a interpretação cultural, como sugerido por autores como Thomas (2009), ao discutir o papel ativo dos museus na formação da memória social.

Assim como no Museu Histórico de Morro Redondo, onde as entrevistas com os fundadores ajudaram a dar vida ao acervo e a preservar as memórias locais, no Museu Gruppelli as entrevistas desempenham um papel igualmente crucial. A primeira dessas entrevistas que se destacam é a da professora Neiva Vieira, que infelizmente faleceu no ano de 2024.

Neiva foi uma das fundadoras do museu e uma figura central na construção do acervo e na mobilização da comunidade em torno da preservação da memória da Colônia Municipal. Usaremos a última entrevista concedida por ela à equipe do Museu Gruppelli (Maurício Pinheiro e José Paulo Brahm), em 16 de agosto de 2016, um depoimento precioso que obtivemos com o intuito de conhecer os fundadores do museu e obter mais informações sobre a sua criação. As informações coletadas refletem seu amor pela história local e seu compromisso com a educação e o patrimônio. A entrevista nos ofereceu uma visão única sobre o surgimento do museu e a história da região, mas também nos conecta com a trajetória de uma das grandes defensoras do patrimônio cultural rural de Pelotas.

Neiva Vieira nos contou que, ao chegar à região do Gruppelli vinda do centro da cidade para dar aula na Escola José Brusque (Figura 11), que funcionava em um prédio em frente ao local onde hoje é o museu, foi se envolvendo de maneira profunda com a história local e com a ideia de preservar as memórias da comunidade.

Figura 11: Escola José Brusque



Fonte: Acervo José Gruppelli

Ela relata que, à princípio, não imaginava que sua conexão com o Museu Gruppelli seria tão duradoura, mas, ao longo dos anos, foi ficando e se tornando uma parte fundamental do museu, trabalhando lá por mais de vinte anos (Vieira, 2016). Sua dedicação ao Museu Gruppelli reflete uma vocação pela preservação das tradições locais, e sua atuação foi essencial para que o museu se tornasse o ponto de memória que é hoje. A entrevista com ela foi de relatos e experiências, oferecendo

uma perspectiva sobre os primeiros anos do museu e a importância do envolvimento da comunidade nesse processo.

Ela também compartilhou uma história que foi crucial para o surgimento do Museu Gruppelli. Ao convidar seu amigo Neco Tavares para passar um tempo na Colônia, ambos começaram a explorar a região e, durante suas andanças, se depararam com a antiga adega de vinhos. Esse local despertou uma ideia que parecia, à primeira vista, improvável. Neiva recordou:

A gente conversava e começamos a falar sobre aquele lugar que eu achava tão interessante, tão estranho, que era a adega, e o Neco dizia: “Isso dá um bom museu”. Disse à época: “mas tu dá doido, como tu vai fazer um museu em uma coisa úmida, feia, suja?” Aí eu disse: “Vamos fazer?” Ele respondeu: “Vamos, digo, bom, tu que sabe” (Vieira, 2016).

Ela era uma pessoa entusiasmada ao falar no Gruppelli. A parceria com Neco visivelmente deu certo, o pilar central da formação do museu foi essa união com o potencial patrimonial que a localidade e o prédio ofereciam junto com a hospitalidade e referencial turístico que a família Gruppelli possui na região.

Neiva Vieira contou sobre o início prático da construção do Museu Gruppelli, quando ela e seus amigos começaram a se dedicar à organização do espaço que abrigaria o acervo:

Aí começou a botar tudo para a rua para convencer o Ricardo, porque o Ricardo dizia: “Para onde é que eu vou? Eu não tenho lugar, tenho que botar as minhas coisas no depósito aqui, minhas ferramentas aqui.” Então tocamos o Ricardo para o outro lado da casa (Vieira, 2016).

O convencimento do Ricardo Gruppelli em mover a sua oficina para outro local foi primordial para a consolidação do espaço como museu. Dessa forma, percebemos que ficaram só os objetos no local. Percebo que a família Gruppelli teve um olhar patrimonial para os objetos; segundo Ricardo Gruppelli (2024), “as pessoas queriam redescobrir um passado”. As pessoas que iam até o local queriam visitar o prédio e esses visionários levaram a ideia para frente. Aqui se vê que a vontade de memória da comunidade falou mais alto e foram organizando o espaço até então privado em público, valorizando o patrimônio local.

Dona Neiva chegou ao Gruppelli para lecionar na antiga Escola José Brusque, existente na região. Nos primeiros anos de sua permanência, desenvolveu uma forte ligação com o local, encantando-se cada vez mais pela comunidade e sua história. Anos depois, ao receber seu amigo Neco Tavares para conhecer a colônia, ele

percebeu, a partir de suas experiências com museus, o potencial de transformar o espaço em um museu comunitário. Inspirada pela ideia, Neiva aderiu ao projeto, restando apenas convencer Ricardo Gruppelli de que a reativação do prédio, agora com uma perspectiva mais voltada ao turismo, era viável. O convencimento veio quando Ricardo compreendeu a importância do projeto, percebendo o desejo da comunidade em revisitar o local e reconectar-se com seu passado.

O entusiasmo de Neiva Vieira ao longo do processo de criação do Museu Gruppelli foi um elemento fundamental para seu sucesso.

Comecei a me acostumar e a conhecer todo aquele pessoal, e eles também a me conhecerem. A gente começou a perguntar: 'Não tem algo lá que o senhor não queira mais, que seja antigo e queira nos dar para colocar no museu?' E assim foi indo, pedia daqui, pedia dali, fizemos um chamamento, uns folhetos que entregávamos no restaurante. E aí eu também comecei a me entusiasmar (Vieira, 2016).

Houve uma campanha para chamar o público a visitar o museu, as pessoas que já eram da comunidade, motivados pela vontade que tinham de darem um novo sentido para o local, de preservarem os seus passados, levaram objetos até a equipe. Com isso, a intenção maior era chamar os turistas que almoçavam no restaurante para conhecer a história da colônia por meio dos objetos. O restaurante sempre foi um lugar movimentado, como citado anteriormente, por ser uma referência turística, e o museu seguiu o mesmo destino atraindo o público de fora.

O prédio que hoje abriga o Museu Gruppelli possui uma trajetória de usos anteriores como vinícola, hospedaria, barbearia, funcionando como um depósito onde diversos objetos eram armazenados ao longo do tempo. Nele também operaram a barbearia do seu Petit, um gabinete dentário, uma hospedaria e uma vinícola, o que contribuiu para a presença de uma ampla variedade de objetos no local. Na Figura 12, tem-se uma foto, quando o espaço abrigava uma barbearia.

Figura 12 : Seu Vicente Ferrari cortando cabelo



Fonte: Acervo Museu Gruppelli

Além disso, o espaço servia como oficina de Ricardo Gruppelli, onde estavam guardados diversos equipamentos utilizados no cotidiano agrícola da família, evidenciando a diversidade de memórias e funções históricas que o edifício já desempenhou antes de sua transformação em museu.

O processo de coleta envolveu a colaboração de pessoas da comunidade, como a dona Norma Kohls, matriarca da família Gruppelli e mãe de Paulo Ricardo Gruppelli, a quem Neiva pedia objetos para enriquecer o acervo do museu: “Eu pedia para a dona Norma: ‘Dona Norma, não tem alguma coisa lá que a senhora não queira mais?’” (Vieira, 2016). Esses itens, muitas vezes simples, mas carregados de história, ajudaram a construir um acervo que refletia o cotidiano e as experiências da população local. O trabalho de juntar objetos e histórias era uma maneira de preservar as memórias da comunidade, transformando o que parecia ser apenas um fragmento perdido no tempo em parte de uma narrativa coletiva.

Neiva Vieira inicialmente percebia os objetos destinados ao museu como itens descartáveis, antigos e sem valor prático, frequentemente vistos pelas comunidades como “coisas velhas” ou sem uso, prontas para o descarte. De acordo com Octave Debary (2017) e Pierre Nora (1993), não preservamos o que realmente gostaríamos, ou desejamos, muitas vezes preservamos o que sobrou, o que restou, literalmente. Esse cenário ilustra o que Chagas (2003) aponta sobre a construção de acervos em museus de base comunitária, nos quais o sentido de musealização surge

gradativamente, a partir da valorização de memórias coletivas e da ressignificação de objetos cotidianos.

Ao ser questionada sobre a necessidade de um museu para a comunidade naquele momento, Neiva refletiu sobre a importância de preservar e divulgar o passado para as gerações mais novas e para aqueles que, muitas vezes, não tinham contato com esses objetos históricos. "Eu acho que eles precisavam divulgar porque, assim... quando a gente é moço e vê as coisas antigas, não dá importância, não sabe o porquê das coisas," relembra (Vieira, 2016).

Essa percepção se intensificou quando ela mesma, ao chegar ao local, se deparou com máquinas e objetos cuja função desconhecia. "Eu vi uma máquina e não sabia para que servia: por que isso aqui? Para que tem isso aqui? Um era para moer grão, o outro era para socar, o outro era para cortar pasto para os animais. Cada um tinha a sua função e as pessoas ficavam encantadas," conta ela.

A narrativa de Neiva sobre a importância do Museu Gruppelli e a curiosidade dos visitantes ao descobrirem a funcionalidade dos objetos antigos, cria o cenário perfeito para apresentar a contribuição de outro pilar na construção do museu: Neco Tavares, fotógrafo e amigo pessoal de Neiva Vieira. Convidado por Neiva para visitar a região, Neco foi rapidamente envolvido pelo potencial histórico e cultural do espaço e teve um papel fundamental ao ajudar a tornar o museu uma realidade. Suas respostas oferecem um olhar complementar e aprofundam a compreensão sobre a trajetória do museu, revelando detalhes únicos sobre o processo de coleta e organização do acervo, bem como sobre a ligação dele com a comunidade local. Como mencionado anteriormente, ele percebeu a potencialidade de tornar o prédio de depósito em um museu da comunidade local.

Neco Tavares descreve o Museu Gruppelli como uma criação que surgiu tanto de sua própria imaginação quanto de uma conexão com uma organização voltada ao turismo na década de 1990. "O Museu Gruppelli é filho de duas coisas," ele explica, "uma da minha imaginação e outra de uma entidade da qual fazia parte no final da década de 90 do século passado" (Tavares, 2016).

Essa associação foi fundamental para o nascimento do museu, unindo a visão de Neco com o apoio de uma rede que valorizava o turismo e o patrimônio. Combinando o olhar sensível do fotógrafo com o desejo de criar um espaço cultural

na comunidade, Neco contribuiu para transformar a ideia de um museu em uma realidade viva e acessível, que celebra e preserva a história local.

Neco Tavares relembra o papel essencial de Dona Neiva no início do Museu Gruppelli, destacando como ela já atuava ativamente no local e o convidou para participar, devido ao seu trabalho com fotografias de patrimônio: "Dona Neiva estava, já por conta do Gruppelli, e eu fui convidado a participar por conta desse meu trabalho de fotografias de patrimônio" (Tavares, 2016). A década de 1990 foi um período de intensa movimentação e esforço para a criação do museu, que, embora só tenha sido inaugurado em 1998, já vinha sendo idealizado anos antes. Neco recorda que se uniu à ONG Fitur por volta de 1993-94, época em que Dona Neiva o convidou para documentar as belezas naturais da colônia: "para fotografar as cachoeiras, alguns lugares bucólicos, fotografar a comida da colônia" (Tavares, 2016).

Dona Neiva, com seu trabalho ativo, orientava passeios e ajudava a servir, acolhendo visitantes e solidificando a base do museu, e foi essa dedicação que inspirou Neco e outros a abraçarem o projeto. Esse trabalho conjunto e a conexão de Neiva com o Gruppelli foram fundamentais para dar forma ao que se tornaria um marco cultural e histórico na colônia.

Neco Tavares relembra as primeiras visitas ao que viria a se tornar o Museu Gruppelli, recordando o ambiente improvisado da antiga adega de vinhos e como essas idas à colônia evoluíram para o início de um projeto turístico e cultural. "Fui convidado pela Dona Neiva para fazer esse trabalho na colônia, e comecei a me deslocar pra lá todos os fins de semana, e junto com o Ricardo Gruppelli que me serviu de guia, me levando aos lugares" (Tavares, 2016). Nessas excursões, Neco capturava as paisagens e os elementos característicos, como cachoeiras e galpões, com o objetivo de levantar o potencial turístico da área e organizá-lo de alguma forma. O olhar mediado pela fotografia pode ser relacionado à musealidade, especialmente quando se considera o papel da imagem na seleção, preservação e atribuição de valor ao patrimônio.

Ao descrever o antigo galpão, local onde hoje é o museu, Neco se recorda do seu aspecto desordenado, repleto de objetos variados que incluíam "garrafas de bebidas, com estoque, sacos de frutas, feijão" e até um túnel de licor, que divertidamente destaca como uma das curiosidades do espaço (Tavares, 2016). Essas memórias reforçam a transformação do galpão, de depósito improvisado a

espaço museológico, graças à visão compartilhada de um futuro que integrasse cultura e história na rotina da colônia.

Neco Tavares relembra a origem da ideia de transformar a adega antiga em um museu, ressaltando como o espaço já possuía uma vasta coleção de objetos antigos, como ferros, máquinas de costura e ferros de passar roupas que pertenciam à família Gruppelli e estavam guardados no local. Em um primeiro momento, a ideia surgiu de maneira informal: "Brincando, falei pra ele, isso dá um belo museu, já tinha muita coisa, era só arrumar, botar em disposição as peças, seria um atrativo a mais pra eles" (Tavares, 2016). Esse ambiente, inicialmente utilizado como depósito, revelava um potencial para se tornar um espaço de preservação da cultura local, transformando o que estava ocioso em um local de memória da comunidade. Foi assim que a proposta do Museu Gruppelli começou a tomar forma, impulsionada pela visão de valorizar o patrimônio da colônia. Percebemos que foi uma musealidade revelada com o tempo, adentrava-se o prédio e as várias tipologias de objetos potencializavam a criação de um museu que expusesse aquele passado vivido no prédio e a vida na colônia.

Paulo Ricardo Gruppelli é comerciante e proprietário da Casa Gruppelli, referência na região de Pelotas/RS pela valorização dos produtos coloniais e da cultura local. Além de sua atuação no comércio, Paulo teve um papel fundamental na preservação da memória da comunidade rural ao ser um dos fundadores do Museu Gruppelli. Desde o início, ele participou ativamente da criação do museu, mobilizando esforços para reunir objetos e histórias que hoje compõem o acervo. Sua trajetória reflete a importância da relação entre o patrimônio rural e as vivências locais, evidenciando o papel de agentes sociais como ele na construção de espaços de memória. Ricardo Gruppelli (2024) explica que:

O museu começou com o seguinte, como vinham muitos veranistas para cá há muito tempo tem registros de 1932 e o pessoal dormia lá em cima no prédio. Então os filhos, os netos, o mesmo pessoal que ficava hospedado na parte de cima do sobrado e eles queriam entrar lá dentro porque era um lugar meio místico, meio assombrador.

O prédio, que anteriormente funcionava como uma hospedaria, já possuía um apelo turístico natural, despertando a curiosidade do público pelo mistério em torno dos objetos que ainda permaneciam em seu interior. Esse cenário se entrelaça com o processo de musealização que ali ocorreu, pois os objetos, carregados de significados e memórias, despertaram na comunidade um olhar patrimonial. Esse potencial foi essencial para que o espaço desdobrasse e se consolidasse como museu, uma vez

que as vivências e lembranças associadas ao local, juntamente com os objetos preservados, revelaram sua musealidade.

As memórias dos veranistas e a ligação entre as gerações que frequentaram a Casa Gruppelli destacam como as experiências das pessoas podem ser fundamentais na construção de um espaço de memória, como o museu. O conceito de *memória coletiva* de Maurice Halbwachs (1990) pode ser aplicado aqui, ao sugerir que a memória não é apenas individual, mas construída socialmente e transmitida através das gerações. Nesse sentido, a Casa Gruppelli, que inicialmente funcionava como hospedaria, se transformou em um local de memória coletiva, em que as histórias e vivências de múltiplos indivíduos formam o alicerce do museu.

Além disso, o desejo de "entrar lá dentro", mencionado por Ricardo Gruppelli (2024), revela o simbolismo presente em muitos locais que carregam, em sua estrutura e ambiente, um elo profundo com o passado. A ideia de que o espaço era "místico" e "meio assombrador" não é apenas uma percepção isolada, mas sim um reflexo da construção de um imaginário coletivo, em que a história, as emoções e as memórias atribuídas ao ambiente criam um vínculo entre as pessoas e o espaço físico. Esse processo é permeado pela curiosidade, pelo mistério e pela constante busca por descobrir algo novo. No entanto, é fundamental reconhecer que esse movimento não é natural ou isento de questionamentos, mas está sempre envolvido em questões de parcialidade e discurso. Afinal, toda história que contamos, seja sobre nossa própria vivência ou sobre qualquer outro tema, está condicionada à seleção do que escolhemos revelar e o que deixamos de fora.

Por fim, a formação do acervo do Museu Gruppelli também reflete o conceito de patrimônio como construção social, proposto por autores como Laurajane Smith (2006), que defendem que o patrimônio não é um conceito fixo e imutável, mas é agenciado pelos próprios sujeitos sociais. Assim, a escolha de quais objetos e histórias preservar, como aqueles associados aos veranistas e suas memórias de hospedagem, é uma forma de afirmar e reforçar uma identidade cultural e local, a ser transmitida às futuras gerações. Ao ser questionado sobre o prédio, Ricardo Gruppelli (2024) comenta:

Pessoas pensavam que tinham fantasmas e bichos porque lá tinha muita coisa guardada, móveis velhos também, coisas em geral que tu vai guardando, resgatando e então ali começou a surgir a ideia, o pessoal vinha e queria entrar lá em baixo para relembrar.

A família Gruppelli desempenhou um papel na preservação dos itens a serem reunidos e mobilizados no edifício, realizando, ao longo do tempo, uma seleção do que deveria ser mantido no local. Esta seleção não apenas refletia as memórias associadas ao uso do edifício, mas também a história da própria família, que se dedicava à conservação desses vestígios do passado. Embora o espaço tenha inicialmente funcionado como um depósito, ele também representou o início de um museu voltado para a região, com a família assumindo a responsabilidade pela escolha e preservação das memórias locais. Vale ressaltar que esse processo de preservação era orientado por uma abordagem subjetiva sobre o que deveria ser considerado digno de preservação, com uma ênfase no raro e no antigo, que de certa maneira orientava a formação do acervo do futuro museu.

O processo de transformação do espaço da Casa Gruppelli em um museu pode ser compreendido à luz das ideias de memória coletiva e patrimônio imaterial. De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a memória não é uma construção individual, mas sim socialmente compartilhada e transmitida ao longo do tempo. Ricardo Gruppelli (2024) afirma que o objetivo inicial do museu era "satisfazer a curiosidade das pessoas" e permitir que redescobrissem o passado, destacando a importância de organizar o espaço para esse fim.

Em outras palavras, o museu atende a uma demanda crescente de curiosidade e desejo de conhecimento, que abrange não apenas os turistas e os mais jovens, mas também a própria comunidade local. É importante destacar que, embora os moradores da região do Gruppelli vivam no local. O museu, assim, se configura como um espaço vital para a preservação e divulgação dessa memória, preenchendo uma lacuna significativa na compreensão do patrimônio local que é uma categoria importante para a compreensão do patrimônio rural por uma vivência.

As pessoas, ao retornarem ao museu, procuram reviver suas experiências da juventude, conforme destaca Ricardo Gruppelli (2024): "Ficou marcado na mente das pessoas que eram crianças e vinham para cá, quando tinham 15, 20 anos voltavam e procuravam o passado." Voltar até o Gruppelli e relembrar um passado não tão distante nos demonstra um sentimento de nostalgia nas pessoas. As suas memórias vinculadas ao local, que podem ser tanto alegres ou tristes, podem orientar o que deveria ser preservado e selecionado para ser exposto no museu como hospedaria, barbearia, dentista, trabalho rural etc. Ouvir as pessoas naquele momento foi

importante no sentido de atender as demandas da comunidade e notando que essas patrimonialidades dadas aos objetos poderiam ser vistas como musealidade também ao criar um museu.

Destaco que o Museu leva o nome da família, mas é da comunidade, fica localizado na propriedade da família sendo doado para a criação do museu posteriormente. Sobre isso: “Nós não queríamos fazer um Museu da família apenas, porque isso não teria nenhum sentido... Nós sempre quisemos um Museu dessa comunidade, das histórias de todos daqui [...] É um Museu nosso, gente. É um Museu nosso!” (Gruppelli, 2011).

O museu nasce a partir de objetos que já estavam guardados, o que revela aspectos profundos sobre o conceito de musealidade. O museu não é apenas o local onde objetos são reunidos, mas sim um espaço que transforma esses itens em patrimônio, atribuindo-lhes um novo significado e contexto. A musealidade, portanto, não está na simples conservação ou exibição de objetos, mas no processo de atribuição de valor e memória a esses itens, algo que ocorre quando a sociedade os reconhece e os coloca em um espaço de preservação e reflexão. Isso nos leva a repensar o papel dos museus como agentes vivos e dinâmicos de construção de identidade e memória coletiva.

Ricardo Gruppelli (2024), quando perguntado sobre a participação da comunidade no museu hoje em dia, reflete a importância da *participação comunitária* na construção e no significado de um museu local. Ele argumenta que "tu não contas uma história sem a participação da comunidade", destacando que a relevância de um museu está diretamente relacionada ao seu vínculo com o contexto local. Essa visão se alinha com as ideias de *museologia social*, que considera os museus como espaços de construção coletiva de memória e identidade, em vez de meros repositórios de objetos e informações (Karp *et al.*, 1992). A resposta de Ricardo ainda sobre a participação da comunidade e quando fala também sobre a impossibilidade de "transportar esse museu e colocar no centro de Pelotas", ilustra como o museu ganha significado precisamente pela sua inserção no território e na vivência da comunidade. Ele enfatiza a necessidade de que o museu seja "peculiar à região", com uma "raiz na colônia", para que realmente represente a história local.

Essa perspectiva destaca a importância de se compreender o patrimônio não apenas como algo tangível, mas como algo profundamente enraizado nas práticas

culturais, nas histórias e nas experiências de vida da comunidade. Como afirmam autores já citados, como Laurajane Smith (2006), o patrimônio é uma construção social, e a participação da comunidade é o que confere autenticidade e identidade a qualquer iniciativa patrimonial. O Museu Gruppelli, portanto, não é apenas um espaço de preservação, mas um reflexo da vivência e da história da própria comunidade, algo que só poderia ser realizado com a colaboração ativa de seus membros.

Neste capítulo, exploramos o papel essencial dos agentes sociais na construção, preservação e transmissão do patrimônio rural, que vai além das instituições formais e se manifesta em ações cotidianas, narrativas pessoais e compromissos com a memória coletiva. Por meio dos exemplos de museus como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo, evidenciamos como moradores, líderes comunitários e outros indivíduos desempenham um papel ativo no reconhecimento, na valorização e na prática do patrimônio, muitas vezes com poucos recursos, mas com um forte desejo de manter vivas as tradições e histórias da região.

Esses agentes sociais, ao agenciar e interagir com os acervos, não apenas resgatam objetos e histórias do passado, mas também fortalecem o vínculo entre a comunidade e seu patrimônio, promovendo uma percepção de pertencimento e identidade. O patrimônio rural, nesse contexto, não é apenas uma coleção de artefatos, mas uma prática social constantemente reinventada pelos próprios agentes que o sustentam.

Portanto, a análise dos discursos e das práticas desses agentes revela não só a riqueza do patrimônio rural, mas também as dinâmicas de poder e pertencimento que envolvem as comunidades na construção desse patrimônio. O protagonismo da comunidade local na preservação e interpretação do patrimônio rural é, assim, um processo contínuo e colaborativo, que contribui para a valorização da memória e da identidade cultural das regiões.

3.3 Patrimônio rural e seus elementos

O conceito de patrimônio ultrapassa a ideia de algo meramente antigo ou valioso; ele é, antes de tudo, uma construção social e cultural, moldada pelas experiências, memórias e identidades de um grupo. Ao falar de patrimônio, referimo-nos a um conjunto de bens — materiais e imateriais — que são reconhecidos como

portadores de significados, histórias e valores compartilhados. Esses elementos podem variar de edifícios históricos a festas populares, de práticas agrícolas a modos de falar, cozinhar e viver.

Mais do que uma lista de objetos preservados no tempo, o patrimônio é dinâmico: ele é atualizado, reinterpretado e ressignificado constantemente pelas comunidades que o vivenciam. Compreender os elementos que compõem o patrimônio implica mergulhar nas relações afetivas, simbólicas, políticas e sociais que cercam esses bens. Essa abordagem permite refletir sobre quem escolhe o que deve ser preservado, por que e para quem, revelando o patrimônio como espaço de disputa, representação e pertencimento.

Assim, este texto propõe uma reflexão sobre o patrimônio e seus múltiplos elementos, reconhecendo suas diferentes dimensões — materiais, imateriais, naturais, simbólicas e afetivas — e destacando o papel ativo das comunidades na sua constituição, valorização e transmissão entre gerações.

O patrimônio rural reflete a essência das ruralidades, entendidas como o conjunto de práticas, saberes e formas de organização social que configuram os modos de vida no campo. Segundo Carneiro (1997), o conceito de ruralidade ultrapassa a ideia de uma oposição ao urbano, compreendendo o campo como um espaço dinâmico, no qual coexistem tradições e inovações. Nesse sentido, o patrimônio rural emerge como um elemento central na construção e manutenção das identidades locais, integrando aspectos materiais, imateriais e naturais que caracterizam as paisagens e os modos de viver rurais.

Para Hall (2006), o patrimônio cultural é um processo dinâmico, construído a partir das memórias e experiências das comunidades e continuamente reinterpretado pelas práticas contemporâneas. Esse entendimento dialoga com a perspectiva de Abramovay (2003), que argumenta que a ruralidade deve ser analisada em sua pluralidade, abrangendo as dimensões sociais, culturais e econômicas que estruturam a vida no campo. Ao integrar essas abordagens, pode-se compreender o patrimônio rural como um espaço de interseção entre bens tangíveis, como edificações e paisagens, e intangíveis, como saberes tradicionais e celebrações.

Na visão de Fonseca (2005), a noção de patrimônio inclui também os elementos imateriais que mantêm vivas as narrativas das comunidades. Isso se alinha às diretrizes da UNESCO (2003), que destaca a importância de salvaguardar as

expressões culturais intangíveis. Além disso, para Martins (2009), o campo deve ser visto como um espaço de construção de paisagens culturais que combinam a memória e o trabalho de gerações, servindo como locais de pertencimento e resistência.

Na região de Pelotas e Morro Redondo, o patrimônio rural manifesta-se em elementos como as casas coloniais, os armazéns comunitários, as práticas agrícolas tradicionais e as celebrações populares. Instituições como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo exemplificam iniciativas voltadas à salvaguarda desse patrimônio, articulando memórias e práticas contemporâneas.

Dessa forma, este subcapítulo apresenta as tipologias do patrimônio rural, organizadas em bens materiais, imateriais, naturais e gastronômicos, evidenciando a relevância do patrimônio rural na valorização das ruralidades e no fortalecimento das identidades locais.

A construção do Museu Gruppelli foi um processo coletivo, no qual a comunidade local desempenhou um papel fundamental, principalmente na reunião do acervo que hoje caracteriza o museu. Dona Neiva Vieira, uma das principais responsáveis pela criação e organização do espaço, compartilha, em sua entrevista, as dificuldades e os esforços para juntar os objetos históricos. Ela descreve como o processo de coleta se dava por meio de ações simples, mas repletas de significado para a memória da comunidade.

O trabalho de reunir objetos para o Museu Gruppelli teve início de forma espontânea e envolveu toda a comunidade local. Segundo Dona Neiva (2016), a coleta de itens começou de maneira orgânica, com os moradores compartilhando suas posses, e rapidamente se transformou em uma campanha que engajava todos, desde a divulgação nos jornais até a realização de festas e eventos para promover o museu. "E se juntar peças e vamos ir para o jornal e já começavam as festas e a propaganda do museu", relembra ela, destacando o caráter coletivo e progressivo do processo. Além de utensílios de cozinha e móveis, a busca também se estendia a objetos perdidos nas enchentes da região, que reapareciam de tempos em tempos, como "um garfo, uma faca, uma colher, um prato" (Vieira, 2016).

Primeiramente, a abordagem do trabalho de preservação e busca da memória local no Museu Gruppelli reflete a teoria de *patrimonialidade* apresentada por Rautenberg (2003), segundo a qual os objetos não possuem um valor intrínseco, mas são dotados de significado e valor histórico à medida que a comunidade os reconhece

como parte de sua identidade. O processo de "patrimonialização", como descrito por Rautenberg (2003), envolve a transição de objetos cotidianos, como utensílios de cozinha e ferramentas de trabalho, para símbolos de memória coletiva e história. No caso do Museu Gruppelli, esse processo foi dinâmico e orgânico, iniciado com a doação espontânea de objetos pelos moradores e impulsionado por um forte senso de pertencimento e coletividade.

A participação ativa da comunidade foi central para a construção do acervo, que não apenas preservou objetos, mas também contribuiu para a formação de uma narrativa sobre o modo de vida rural, as temporalidades e os desdobramentos das práticas locais.

Itens simples, mas de enorme valor simbólico para a memória da comunidade, passaram a integrar o acervo, ilustrando a história local. Dona Neiva também ressaltou a colaboração de outros moradores, como Dona Norma, que ajudava com itens como toalhas e cadeiras. "Fazíamos o fundo da cadeira", lembra, reforçando o caráter improvisado e colaborativo do trabalho. Essa rede de apoio foi fundamental para que o museu se tornasse não apenas um espaço físico, mas um símbolo da memória coletiva da região, preservando não só objetos materiais, mas também a identidade de uma comunidade unida em torno da preservação de sua história.

As doações frequentes e a participação ativa dos moradores demonstram que o museu está em constante aprendizado, refletindo a dinâmica e as transformações sociais da comunidade. Essa noção de patrimônio dinâmico, que não é um objeto congelado no tempo, mas algo que se constrói e se reconstrói ao longo do tempo, está alinhada com a perspectiva contemporânea de patrimônio, que reconhece a importância das práticas sociais e dos processos comunitários na criação de patrimônio cultural.

A dinâmica de arrecadação e troca de bens foi contínua, com o museu recebendo frequentes doações ao longo dos anos. Dona Neiva contou que as visitas ao local sempre resultavam em novas contribuições. "Nos visitava, perguntava: não tem nada para nos doar?" (Vieira, 2016). Esse engajamento constante foi essencial para que o museu crescesse, transformando-se em um verdadeiro ponto de memória, onde as tradições e a história local eram preservadas. Um exemplo dessa interação foi a doação de itens como máquinas de costura, que, além de refletirem a

modernização tecnológica da comunidade, se tornaram representações da modernização das ferramentas utilizadas pela população.

Dona Neiva lembrou que, em determinado momento, o museu chegou a ter cinco dessas máquinas, evidenciando como a comunidade local se transformava. Ela também citou a doação de um gabinete dentário, símbolo de um avanço significativo nas condições de saúde da região: "Que foi o primeiro, pedimos e ele ficou lá no museu" (Vieira, 2016). Esse processo de coleta e preservação não só fortaleceu o caráter popular do Museu Gruppelli, mas também lhe conferiu um caráter dinâmico, à medida que o acervo se expandia.

O museu não era apenas um local de exposição, mas um centro de memória que refletia as mudanças e os desafios vividos pela comunidade. Dona Neiva refletiu ainda sobre a importância do museu para a divulgação do patrimônio local, ressaltando como muitos dos objetos antigos eram incompreendidos. "Olha, eu acho que eles precisavam divulgar porque assim... quando a gente é moço e vê as coisas antigas, não dá importância, não sabe o porquê das coisas", afirmou, lembrando de sua própria falta de compreensão sobre máquinas antigas, como uma máquina de moer grãos ou de cortar pasto para os animais. "O pessoal ficava encantado, nós tínhamos coisas assim muito antigas", disse, destacando a surpresa e o fascínio de todos ao redescobrir esses objetos e seus significados históricos.

Essa busca de práticas e saberes rurais (como o de preparar um doce no tacho, demonstrado na (Figura 13), frequentemente esquecidos, foi essencial para a criação do museu. Ao recuperar e explicar o uso dos objetos, o Museu Gruppelli ajudou a preservar as tradições locais e a transmitir esse conhecimento para as gerações mais jovens, fazendo com que elas compreendessem o legado de seus antepassados.

Figura 13 : Senhor mexendo o tacho



Fonte: Acervo Museu Gruppelli

O museu, portanto, não era apenas um espaço de exibição, mas também um centro educacional, que permitia aos visitantes aprender sobre o passado e entender sua importância na formação da identidade regional. Dentre os itens resgatados, destacam-se objetos como o pilão gigante, usado para moer grãos, e o tradicional tanque para a produção de vinho, ambos ainda presentes no museu.

"Aquele pilão enorme de grande com aquele socador... sempre tinha muita coisa de moer, de espremer a uva, pra fazer o vinho", relatou Dona Neiva, lembrando a relevância desses objetos para a vida cotidiana da comunidade. Esses artefatos não são apenas peças de um museu, mas símbolos da história de um modo de vida rural que se foi, mas que permanece vivo na memória coletiva.

A memória coletiva, conceito essencial na teoria sociológica de Maurice Halbwachs, também se manifesta no trabalho de preservação realizado pela comunidade. Halbwachs (1990) argumenta que a memória não é apenas um processo individual, mas socialmente construída, sendo compartilhada e transmitida por grupos por meio de práticas cotidianas. Nesse sentido, a preservação do patrimônio cultural torna-se uma forma de manter vivas as memórias de uma comunidade, reforçando sua identidade e coesão social. O trabalho de preservação realizado pela própria comunidade, portanto, não apenas resgata objetos e tradições, mas também reforça

laços sociais e identidade cultural, criando uma continuidade entre o passado e o presente.

Conforme Rautenberg (2003) sugere, a patrimonialidade é um processo dinâmico, no qual os objetos podem transitar de simples utilidades para se tornarem símbolos de valor histórico, refletindo as transformações sociais ao longo do tempo. Esse conceito se aplica bem ao que aconteceu no Museu Gruppelli, onde itens considerados comuns se transformaram em patrimônio, à medida que a comunidade os reconhecia e os valorizava.

Além da preservação dos objetos, o museu também teve um papel social importante ao promover eventos como o Kolonatale, uma festa que unia as tradições culturais alemã e italiana da região. "Fizemos onze Kolonatales, uma festa linda, linda, linda", recordou Dona Neiva com entusiasmo. Esses eventos não apenas atraiam visitantes, mas também fortaleciam os laços comunitários e destacavam a importância do museu como um espaço de cultura e memória. Ao longo do tempo, o crescimento do acervo exigiu novos espaços de armazenamento.

Dona Neiva recordou com determinação a luta para conseguir um local para a reserva técnica, essencial para a preservação de itens duplicados ou que não podiam ser expostos. "Conseguimos aquela peça da frente, que o Ricardo não queria nos dar de jeito nenhum, mas ele teve que nos ceder...", contou, sublinhando o esforço contínuo para garantir que a memória da comunidade fosse preservada de maneira adequada.

Rautenberg (1998) ressalta que a qualidade patrimonial de um objeto não depende apenas da autoridade pública ou científica, mas também do reconhecimento e da valorização daqueles que o transmitem. No caso do Museu Gruppelli, a participação ativa da comunidade foi fundamental para a construção de um patrimônio vivo, que continua a refletir as transformações e a identidade da região.

O apoio contínuo da mídia foi fundamental para a divulgação do museu. O jornal Diário da Manhã desempenhou um papel crucial, promovendo as atividades do museu e trazendo visibilidade para os projetos e eventos realizados. Isso ajudou a criar um vínculo mais forte entre o museu e a comunidade. Como destacou Neiva Vieira (2016), "Eu fui muito no jornal Diário da Manhã, que nos deu muito apoio, ele sempre falando todas as semanas na colônia". O apoio da imprensa local foi essencial para dar

visibilidade ao trabalho desenvolvido pelo museu, promovendo a preservação da história local e criando uma conexão entre o passado e o presente da comunidade.

Segundo Davallon (2014, p. 14), a cultura material é dinâmica por natureza, e sua patrimonialidade é moldada pelo contexto cultural e social em que estão inseridos. Isso implica que a patrimonialidade desses objetos não é fixa, mas evolui constantemente, à medida que as práticas e percepções culturais mudam ao longo do tempo. Neco Tavares compartilha, em sua entrevista, o momento em que a ideia de criar o Museu Gruppelli começou a tomar forma. Ele relata que a descoberta de uma grande quantidade de objetos antigos e de valor histórico no local onde hoje funciona o museu foi o ponto de partida para a criação de um espaço dedicado à preservação da memória da região.

Tavares (2016) menciona a adega, onde era fabricado o vinho, e a presença de diversas peças antigas, como ferros, máquinas de costura e até um ferro de passar roupas. Para ele, a ideia de organizar esses objetos e transformá-los em um museu surgiu de maneira espontânea: “Eu brincando, a princípio nem se tinha a intenção, falei pra ele, isso dá um belo museu” (Tavares, 2016). Essa frase simples ilustra como o espaço e os objetos estavam ali, à disposição, esperando apenas para serem reconhecidos e valorizados como parte da história local. Inicialmente, a ideia não envolvia necessariamente a pesquisa histórica, mas sim a organização e exibição dos objetos acumulados.

A proposta de criar o museu surgiu de uma percepção prática: havia um grande volume de itens históricos que, se organizados, poderiam atrair atenção e servir como um ponto de encontro para a memória da comunidade. Neco ressalta que a intenção inicial era, antes de tudo, dar uma destinação para os objetos e transformar o espaço ocioso em algo produtivo. Como ele menciona, “A gente pensou num museu, eu acredito que surgem sempre as coisas” (Tavares, 2016). Essa visão reflete uma abordagem pragmática, mas também revela o potencial de um lugar como o Museu Gruppelli em resgatar e preservar a história local.

A fala de Neco Tavares nos lembra que, muitas vezes, a ideia de museu surge de maneira informal, por meio da observação do valor histórico presente em objetos e espaços cotidianos. Não havia uma grande estrutura de pesquisa inicialmente, mas sim uma vontade de preservar o que já estava ali, contribuindo para a valorização do patrimônio da região.

A partir dessa percepção, a criação do museu foi acontecendo de maneira orgânica, com a organização de peças e a disposição de um espaço para que a comunidade pudesse apreciar e aprender sobre sua história. Neco Tavares continua a desenvolver sua visão para o Museu Gruppelli, destacando que a criação do espaço estava ligada não apenas à preservação de objetos históricos, mas também à valorização dos costumes e à promoção do turismo local.

Ele menciona que, ao longo do processo, o museu foi sendo pensado como um centro de memória e cultura, onde a fotografia desempenhou um papel essencial no levantamento dos pontos históricos e culturais da região. “A gente fez o levantamento desses pontos todos através da fotografia, um pouco dos costumes deles também” (Tavares, 2016).

A ideia de documentar e preservar a memória da comunidade foi, assim, integrada ao processo de construção do museu, com a fotografia sendo uma maneira de registrar os aspectos visíveis e simbólicos da vida cotidiana local. Laurier Turgeon (2010) contribui para o entendimento da patrimonialidade ao introduzir o conceito de “regime de patrimonialidade”. Em sua visão, esse regime busca alcançar a imaterialidade patrimonial por meio de dinâmicas que envolvem atores locais na produção de sentidos patrimoniais. Além de ser um ponto de memória, Neco enfatiza que o museu tinha um papel mais amplo na comunidade, especialmente no que diz respeito ao turismo.

A proposta era que o museu não fosse apenas um local estático de exposição, mas também um centro que facilitasse a integração com o entorno. Como os interlocutores mencionam, muitos visitantes perguntavam sobre atrações locais, como cachoeiras e outros pontos turísticos, e o museu deveria atuar como um ponto de informações e divulgação sobre essas possibilidades. “Ele queria ser um ponto de deslocamento... as pessoas geralmente vão almoçar no Gruppelli e perguntavam pro próprio pessoal do Gruppelli o que tem pra fazer no entorno” (Tavares, 2016). Dessa forma, o museu passou a ter também a função de promoção turística, agregando à sua missão a responsabilidade de integrar a memória local com as necessidades dos visitantes.

A ideia de formar um acervo digital de memórias, conforme mencionada por Neco Tavares, reflete a importância de integrar as histórias orais com objetos materiais, ampliando a narrativa histórica do museu e garantindo a preservação da

memória coletiva. A mistura de objetos pessoais com itens históricos da comunidade, como no caso das porcelanas de Neco Tavares, reforça a ideia de que o patrimônio não se restringe apenas aos objetos diretamente relacionados à história local, mas também à forma como as pessoas se conectam emocionalmente com esses bens.

Essa troca entre objetos pessoais e itens históricos ajuda a criar uma coleção mais rica e afetiva, na qual os moradores se sentem representados e parte integrante da história preservada. A dinâmica de troca e doação de objetos, como mencionada por Ricardo Gruppelli, também é um exemplo de como o conceito de patrimonialidade se desenvolve dentro da comunidade.

Os objetos adquiridos por troca, muitas vezes sem o valor monetário imediato, revelam a maneira como as comunidades valorizam e reconhecem seus bens culturais, não apenas pelo seu uso cotidiano, mas pela importância simbólica que carregam. Esses relatos e essas práticas podem ser analisados à luz das ideias de Turgeon (2010), Rautenberg (1998) e Davallon (2014), que afirmam que a patrimonialidade vai além da simples preservação de objetos. A construção do patrimônio é um processo coletivo, em que os objetos e as memórias são atribuídos de valor pela comunidade, que se reconhece por meio deles.

A reflexão de Ricardo Gruppelli sobre o papel do museu como um espaço não só de preservação, mas de conexão entre as gerações e entre a vida rural e a memória coletiva, é essencial para entender o impacto dos museus rurais na comunidade. O museu, ao preservar objetos e práticas cotidianas, não apenas conta uma história do passado, mas também cria um espaço de vivência e aprendizagem para os visitantes, promovendo a continuidade cultural e proporcionando uma experiência imersiva na vida rural.

Esse foco no patrimônio material e imaterial, na troca de objetos e na construção de narrativas orais, fortalece a ideia de que os museus rurais desempenham um papel fundamental na valorização da história local, ao mesmo tempo em que incentivam o turismo e a valorização das práticas tradicionais. A experiência de imersão na vida rural, como mencionada por Ricardo Gruppelli, também se conecta com o crescente interesse pelo turismo rural, que oferece aos visitantes a oportunidade de vivenciar e entender melhor as raízes culturais da região.

Ervino Büttow (2024) destacou a importância da preservação de objetos antigos e a singularidade de seu acervo: "Eu tenho coisas muito velhas, coisas que só eu

tenho, porque ninguém guarda mais. Eu guardo tudo organizado, bonito, uma parte até está lá embaixo na CETAP". Sua fala reflete a visão de que a preservação dos objetos históricos vai além da simples conservação material; é um compromisso pessoal com a memória local.

Ele enfatiza a organização e o cuidado com esses itens, que, ao serem mantidos e expostos, ganham um valor adicional, tanto para a comunidade quanto para as futuras gerações, contribuindo para resgatar e valorizar o patrimônio material da região.

A aplicação dos conceitos de Rautenberg (1998), Davallon (2014) e Turgeon (2010) destaca a importância de uma abordagem participativa na preservação e valorização do patrimônio cultural. Não se trata apenas de relembrar o passado e explicar o significado de cada peça, mas de tornar os objetos parte do processo educativo e de sensibilização da comunidade.

Ervino (2024), ao refletir sobre seu objetivo, explica: "Meu interesse era guardar os acervos e mostrar para meus netos. Não estou guardando mais para mim, estou guardando para os jovens do colégio. Vai ter muitos pequenos e jovens que não vão saber mais". Essa fala revela não só seu zelo pela preservação, mas também sua visão de que os objetos históricos são instrumentos vitais para o ensino e a aprendizagem das novas gerações, garantindo que o conhecimento sobre a vida no campo e os costumes antigos não se perca com o tempo.

Osmar Franchini (2024) também descreveu o início do Museu Histórico de Morro Redondo como um processo gradual e espontâneo: "A gente tinha objetos guardados em casa e fomos ampliando, formando o museu". Essa declaração evidencia como o museu surgiu organicamente, a partir da vivência cotidiana e das experiências de seus fundadores. O acervo foi crescendo ao longo do tempo, à medida que a comunidade reconhecia a importância de preservar essas memórias.

O que começou como uma coleção pessoal foi se transformando, aos poucos, em um espaço de patrimônio coletivo e comunitário. Além das transformações sociais e culturais mencionadas por Rautenberg, Davallon e Turgeon, Tornatore (2009, p. 13) enfatiza a necessidade da imaginação na criação e manutenção do patrimônio: "É preciso seguir na via da imaginação: sem imaginação, não há patrimônio." Em museus rurais, a imaginação é fundamental para reviver e reinterpretar o passado de maneira a ressoar com o presente e inspirar o futuro.

Tanto Osmar quanto Ervino compartilharam detalhes sobre o processo de aquisição dos objetos que compõem o acervo do museu. Osmar Franchini (2024) afirmou: "Apareceu muita coisa, tem coisas que a gente nem foi buscar, como trilhadeiras, batedores de sementes, que ficaram nas casas dos colonos e nem sabemos o que eles faziam com elas, porque não temos espaço para isso".

Esse relato ilustra como muitos objetos foram encontrados ou doados sem a necessidade de uma busca ativa. Eles mobilizaram a vontade de museu, a partir da musealidade, gerando alcance e ressonância em outras pessoas da comunidade. Ervino Büttow (2024) complementou o relato, destacando como os objetos eram oferecidos à medida que as pessoas sabiam de seu interesse em preservar a história local:

Eu tava sempre correndo atrás, muita coisa apareceu lá em casa em cima do pilar, como uma balança azul, telhas e outros objetos. Quando menos esperava, olhava pro portão e tinha mais coisas. Telhas, televisão, deixavam de manhã, sabiam que eu gostava.

Ele também fez questão de reconhecer a ajuda da comunidade na formação do museu:

Temos muito a agradecer ao povo de Morro Redondo que nos ajudou a fundar o museu. Nós fomos os fundadores, mas as pessoas diziam: 'O Sr. Osmar quer as coisas antigas, não põe fora. O Ervino também'. O povo nos doou e nos ajudou a montar, não foi só nós, mas a comunidade toda (Büttow, 2024).

Esse depoimento ilustra o papel ativo da comunidade na preservação da história local, com os moradores contribuindo para a formação do acervo e o estabelecimento do museu como um espaço de memória e identidade.

A musealidade, conceito que se refere à "qualidade das coisas musealizadas" (Stransky *apud* Soares Bralon, 2012, p. 70), é fundamental para entender a importância dos museus rurais, nos quais cada artefato carrega consigo uma história profunda, não apenas material, mas também cultural e social. Ervino (2024) também ressaltou o papel central da vida rural para a economia local, especialmente a produção de pêssegos, que é fundamental para a geração de empregos na região:

A vida rural é o pé direito do município. Se não tem a vida rural, principalmente o pêssego, quando a safra é grande, emprega muitos funcionários, desde a colônia, arrancando pêssego, podando, colhendo. O que mais nos representa agora são as indústrias que, quando chega novembro e dezembro, todos têm trabalho.

Sua fala sublinha a importância da agricultura, especialmente da fruticultura, como base para a geração de emprego e a dinâmica econômica da região. As entrevistas realizadas com Ervino Büttow, Osmar Franchini, Ricardo Gruppelli, Neco Tavares e Neiva Vieira revelam uma ampla gama de bens culturais que compõem o patrimônio rural da região, refletindo a riqueza das práticas, dos saberes e objetos que fazem parte da identidade local. Por meio dessas conversas, é possível identificar diferentes tipologias de patrimônio material e imaterial que permeiam a memória da comunidade, com destaque para as contribuições de cada um dos entrevistados.

Além disso, a musealidade deve ser vista antes da musealização, pois é crucial considerar "o valor imaterial ou a significação do objeto, que nos oferece a causa ou razão de sua musealização" (Maroevic, 1997, p. 111). A seleção de objetos para musealização baseia-se no seu valor como testemunho de uma realidade documentada. "A razão pela qual este objeto foi selecionado é seu valor de testemunho da realidade que documenta. Esse valor é chamado 'musealidade', porque não é mais realidade" (Desvalleés; Mairesse *apud* Lima, 2013, p. 52).

Ervino Büttow e Osmar Franchini trazem à tona o valor dos bens móveis e funcionais, como ferramentas, utensílios de uso cotidiano e objetos que, embora possam parecer simples, têm grande significado cultural e histórico. A geladeira de madeira feita de cedro que Ervino guarda, por exemplo, não é apenas um objeto utilitário, mas também um símbolo da vida rural e da conservação de alimentos, uma prática essencial para a economia local. Da mesma forma, os instrumentos agrícolas, como a máquina de matar formiga e o picador de pasto, representam o esforço constante dos colonos em transformar a terra e garantir a subsistência de suas famílias.

Ricardo Gruppelli, por sua vez, amplia a visão sobre o patrimônio cultural da região, destacando não apenas os bens materiais, mas também a importância dos saberes imateriais e da memória coletiva. Em suas falas, ele sublinha a importância do museu como um ponto de conexão intergeracional e um espaço que, além de reunir objetos, também preserva histórias de vida, tradições culturais e práticas de trabalho, como a produção de manteiga e outros alimentos típicos da região. Ricardo destaca o museu não apenas como um repositório de objetos antigos, mas como um espaço de educação e sensibilização, em que as novas gerações podem aprender sobre os modos de vida do passado e se reconectar com suas raízes culturais. Ele também

enfatiza o papel do museu como um lugar onde os visitantes podem aprender sobre os sabores da gastronomia local, as práticas de agricultura familiar, e o modo como as pessoas se organizavam para garantir a subsistência e o sustento de suas famílias.

Além disso, Ricardo Gruppelli salienta a diversidade de bens culturais imateriais que fazem parte do patrimônio rural, como as memórias orais e as histórias de vida dos antigos moradores da região. Por meio do seu relato, fica evidente como as histórias passadas de geração em geração são parte vital da identidade cultural, sendo fundamentais para a compreensão de como o passado rural ainda influencia a vida atual. Ele aponta, por exemplo, a importância de preservar histórias de famílias, as relações de sociabilidade e como o museu serve como uma ferramenta de preservação da cultura local, não apenas por meio de objetos, mas também pela transmissão de saberes.

Já Neiva Vieira e Neco Tavares ressaltaram o papel da comunidade no processo de preservação do patrimônio, destacando a importância das doações de objetos e da participação ativa das pessoas da região na construção do museu. As ferramentas agrícolas, como as barricas de vinho e os utensílios de trabalho, além de serem representações materiais de um modo de vida, também são testemunhos de práticas sociais e culturais que moldaram a identidade local.

Em conclusão, as entrevistas realizadas com Ervino Büttow, Osmar Franchini, Ricardo Gruppelli, Neiva Vieira e Neco Tavares revelam um patrimônio cultural múltiplo e complexo, que abrange desde o patrimônio material, como objetos de uso diário e ferramentas, até o imaterial, representado por histórias, tradições e saberes transmitidos de geração em geração. O museu, como espaço de preservação e divulgação, desempenha um papel central, não apenas como um repositório de objetos, mas como um espaço de memória viva, onde o passado e o presente se encontram e se reforçam mutuamente.

Assim, é possível compreender que o patrimônio rural da região de Pelotas e Morro Redondo não se limita a um conjunto de bens materiais ou imateriais isolados, mas constitui uma rede complexa de significados, na qual a memória coletiva, as histórias de vida e as práticas comunitárias desempenham um papel fundamental na construção e preservação da identidade cultural da região.

Considerações finais

A dissertação alcançou seu objetivo de explorar e sistematizar as tipologias que definem o patrimônio rural, destacando bens culturais materiais e imateriais em suas relações culturais. Este estudo não apenas identificou os elementos que compõem o patrimônio rural da região de Pelotas e Morro Redondo, mas também analisou esses bens sob as perspectivas da musealidade e da patrimonialidade, revelando como objetos, práticas e narrativas se tornam mediadores de significados históricos, sociais e identitários.

Ao concluir esta pesquisa, comprehendo que os conceitos de musealidade e patrimonialidade se revelam não apenas como categorias teóricas, mas como práticas vividas no cotidiano das comunidades rurais da Serra dos Tapes. A musealidade aqui não se restringe ao espaço físico dos museus, mas se manifesta nas relações que as pessoas estabelecem com seus objetos, memórias e modos de vida. É o gesto de guardar, narrar e compartilhar que transforma o cotidiano em experiência museal. Nos museus rurais, como o Museu Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo, a musealidade está enraizada nas ações comunitárias — nos moradores que doam, interpretam e ressignificam os acervos a partir de suas próprias histórias.

Já a patrimonialidade aparece como um processo coletivo de reconhecimento. Ela nasce do vínculo afetivo com a terra, do sentimento de pertencimento e da vontade de preservar aquilo que se entende como parte de uma herança comum. Nesse sentido, o patrimônio rural não é apenas o conjunto de bens patrimoniais, mas o resultado das interações entre pessoas, memórias e paisagens. A patrimonialidade, portanto, não é imposta por políticas ou instituições, mas construída nas experiências cotidianas que conferem sentido e valor ao território.

No âmbito dos bens culturais, a pesquisa revelou a importância de objetos que transcendem sua funcionalidade original para se tornarem testemunhos de uma cultura viva. A partir das entrevistas e dos acervos museológicos, ferramentas agrícolas, utensílios domésticos, móveis e documentos históricos foram destacados como expressões de práticas cotidianas e da memória coletiva das comunidades rurais. Esses objetos, ao serem incorporados ao acervo de museus como o Gruppelli e o Museu Histórico de Morro Redondo, passaram a carregar consigo a ressonância

de vivências passadas, tornando-se exemplos de musealidade, ou seja, do potencial que possuem para evocar histórias e significados que vão além de sua materialidade.

A partir da compreensão de que os objetos carregam consigo a ressonância de vivências passadas, reconheço neles exemplos de musealidade — o potencial de despertar histórias e significados que ultrapassam sua materialidade. Essa percepção, amadurecida ao longo da pesquisa e da convivência com as comunidades da Serra dos Tapes, mostra que a musealidade não está apenas nos espaços formais dos museus, mas nas relações cotidianas, nos gestos de preservação e nas narrativas que as pessoas constroem em torno do que consideram valioso. No caso do Museu Gruppelli, onde também atuo como participante e pesquisador, pude observar que cada objeto guarda não só a memória de quem o doou, mas também o sentimento coletivo de pertencimento a uma história comum. A novidade que emerge dessa experiência é compreender que musealidade e patrimonialidade se realizam quando são vividas — quando o ato de preservar se confunde com o ato de existir em comunidade. Assim, no patrimônio rural, o museu deixa de ser apenas um lugar de guarda e passa a ser um espaço de continuidade cultural, onde o passado se mantém presente e ressoa nas experiências das pessoas que o fazem viver.

O Museu Gruppelli, por exemplo, instalado em um edifício que outrora abrigou uma hospedaria, é, por si só, um testemunho de práticas sociais e econômicas do passado. Sob a perspectiva da patrimonialidade, esses bens tangíveis não apenas representam o modo de vida de uma época, mas também refletem a valorização atribuída a eles pelas comunidades locais, que reconhecem nesses elementos um vínculo profundo com sua identidade e história.

Os bens culturais, por sua vez, foram amplamente reconhecidos como alicerces fundamentais do patrimônio rural. Festas comunitárias, bailes, celebrações religiosas e práticas agrícolas, como o cultivo de frutas e a produção de vinho, emergiram nas entrevistas como práticas enraizadas na tradição local. Essas manifestações, sob a ótica da patrimonialidade, destacam-se não apenas por seu valor simbólico, mas também pelo papel que desempenham na coesão social e na transmissão de saberes entre gerações. É o caso das festas religiosas e dos bailes, que, além de preservar tradições, promovem a interação comunitária e a continuidade de valores culturais.

Sob a perspectiva da musealidade, essas práticas se tornam ainda mais significativas quando incorporadas à dinâmica museológica. Nos museus estudados,

a ressignificação de objetos e a documentação de práticas culturais demonstram como o patrimônio pode ser registrado, salvaguardado e reinterpretado em diálogo com as comunidades. O uso de narrativas orais, por exemplo, não só enriquece o acervo museológico, mas também fortalece a identidade local, permitindo que as memórias pessoais e coletivas ocupem um lugar central na construção do patrimônio.

Ao investigar essas tipologias a partir das perspectivas de musealidade e patrimonialidade, a pesquisa revelou como determinados elementos do cotidiano rural são elevados ao status de bens culturais. Sob a musealidade, compreendeu-se que o ato de coletar, expor e interpretar objetos nos museus rurais transforma esses itens em mediadores da memória e da história, e principalmente a partir de atores sociais como Osmar, Ervino e Ricardo Gruppelli que fazem a interlocução com os visitantes e a comunidade. Já a patrimonialidade, por sua vez, permitiu destacar o papel das comunidades na atribuição de valor cultural a objetos e práticas, revelando como a relação das pessoas com esses bens é fundamental para sua preservação e para a consolidação do sentimento de pertencimento. As pessoas se sentem parte dos museus estudados pela visão que tem que esses são museus nossos, gente (Gruppelli,2024). Sentem que os objetos expostos em ambos os museus são extensões das memórias dos objetos que tem em suas casas.

As entrevistas realizadas com os agentes sociais que participaram da criação e gestão dos museus reforçaram essa dinâmica. Suas narrativas demonstram que o patrimônio rural não é apenas uma herança estática, mas uma construção viva, que reflete as experiências e os valores de cada época. Os esforços de coleta de acervos e as histórias pessoais relatadas por fundadores e colaboradores evidenciam que tanto os bens materiais quanto os imateriais são continuamente ressignificados pelas comunidades, em um processo dinâmico que combina memória, identidade e territorialidade.

Ao longo do estudo, foi possível observar que os dois museus analisados carregam em seus acervos e narrativas elementos fundamentais para a construção de uma noção de patrimônio rural que vai além do objeto exposto: ela envolve o território, os modos de vida, as memórias coletivas e as práticas culturais que se mantêm vivas nas relações cotidianas da população local. Tanto o Museu Gruppelli quanto o Museu Histórico de Morro Redondo se destacam por serem frutos de iniciativas da própria comunidade, reforçando os princípios da museologia social e o

papel dos museus como espaços de resistência, pertencimento e valorização da identidade rural.

Os processos de patrimonialização identificados nos museus revelam uma atuação marcada por afetos, saberes compartilhados e uma consciência coletiva da importância de preservar os traços da vida no campo, em suas múltiplas dimensões – desde a religiosidade, as festas comunitárias e o esporte local, até os instrumentos agrícolas, a arquitetura e a culinária. Esses elementos, ao serem musealizados, adquirem novas camadas de significado, tornando-se representações simbólicas da memória rural e expressões legítimas de um patrimônio que é, ao mesmo tempo, cultural, histórico e social.

A análise mostrou ainda que os conceitos de musealidade e patrimonialidade, quando aplicados ao contexto rural, ampliam a compreensão sobre o que pode ser considerado patrimônio. Eles contribuem para evidenciar que o rural não é apenas um cenário passivo de memória, mas um espaço ativo de produção cultural, onde a história é constantemente reinterpretada e vivida. Nesse sentido, os museus rurais assumem uma função estratégica de mediação entre passado, presente e futuro, reforçando a importância da preservação do patrimônio como um direito coletivo e uma prática cidadã.

Assim, conclui-se que os bens culturais presentes nos acervos dos dois museus, ao serem mobilizados sob os ângulos da musealidade e da patrimonialidade, não apenas contribuem para a construção do conceito de patrimônio rural, mas também fortalecem o protagonismo das comunidades na gestão e salvaguarda de seus próprios referenciais culturais. Ao dar voz aos agentes locais e reconhecer seus saberes, os museus da Serra dos Tapes tornam-se espaços vivos de cultura e memória, reafirmando a potência do rural como categoria patrimonial e campo fértil de pesquisa, ação e pertencimento.

Essa articulação entre os bens culturais, mediada pelas perspectivas de musealidade e patrimonialidade, foi especialmente evidente nas práticas museológicas observadas. Os museus não apenas preservam objetos e registram práticas, mas também atuam como espaços de diálogo e transformação social. A implementação dos projetos de extensão e as ações educativas no Museu Gruppelli reforçam o compromisso dessas instituições em integrar a comunidade no processo

de salvaguarda patrimonial, garantindo que o patrimônio rural seja acessível e relevante para as gerações futuras.

Conclui-se que o patrimônio rural da região de Pelotas e Morro Redondo é uma rede complexa de significados, construída a partir da interação entre território, objetos, práticas e memória. Sob as perspectivas de musealidade e patrimonialidade, foi possível compreender que o patrimônio rural não se limita a categorias fixas, mas é continuamente ressignificado pelas pessoas que o vivenciam. Essa abordagem reforça a necessidade de valorizar a participação comunitária no processo de preservação, reconhecendo que os bens culturais só se tornam patrimônio quando há um reconhecimento coletivo de seu valor.

Por fim, esta pesquisa contribui para o aprofundamento das reflexões sobre o papel do patrimônio rural na consolidação da memória e da identidade nas localidades estudadas. Ao sistematizar as tipologias e explorar as dimensões da musealidade e patrimonialidade, o trabalho aponta para a importância de estratégias integradas que conciliem preservação cultural, desenvolvimento sustentável e inclusão social. Dessa forma, o patrimônio rural não apenas preserva o passado, mas também inspira o presente e projeta futuros, consolidando-se como um recurso valioso para a valorização cultural e a qualidade de vida das comunidades.

Diante dos achados desta pesquisa, abrem-se possibilidades promissoras para investigações futuras. Um caminho relevante seria o aprofundamento na análise comparativa entre diferentes museus rurais do sul do Brasil, permitindo identificar padrões, singularidades e modos distintos de patrimonialização do rural. Também seria pertinente explorar com mais ênfase as relações entre o patrimônio rural e o turismo, especialmente no contexto do pós-pandemia, considerando as potencialidades econômicas e culturais desses territórios. Além disso, recomenda-se o desenvolvimento de estudos voltados às práticas educativas dentro dos museus rurais, bem como às estratégias de documentação e digitalização dos acervos, contribuindo para a preservação da memória e para o acesso ampliado da comunidade. Por fim, investigações futuras podem aprofundar o papel das novas gerações na continuidade das ações de preservação, observando como os processos de patrimonialização dialogam com os jovens em contextos rurais e quais os desafios para manter viva essa herança cultural.

Referências bibliográficas

- ALVES, João Emílio. Sobre o Património rural: contributos para a clarificação de um conceito, **Cidades – Comunidades e Territórios**, v. 8, p. 35-52, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BERTOTTO, Márica. Sistema museológico – contributo para as políticas públicas. *In: GUIMARÃENS, Cêça; RANGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia (Org.). Museologia social e cultural*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.
- BRAHM, José Paulo Siefert, Ribeiro, Diego Lemos, & Tavares, Davi Kiermes (2016). Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. **RELACult - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 4, p. 685-705. <https://doi.org/10.23899/relacult.v2i4.270>
- BOSI, Ecléa. **Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRASIL. **Constituição Federal**. Seção II, Artigo 216, caput, incisos, parágrafos. Brasília/DF, 1988.
- BRASIL. **Decreto Presidencial n. 3551**, agosto de 2000.
- BUTTOW, Ervino. Entrevista. Morro Redondo, 1 Ago. 2024
- CARVALHO, P. El Patrimonio y el Paisaje Rural en la (Re)construcción de las Memorias e Identidades. Reflexión entorno de algunas iniciativas e propuestas ecomuseológicas en la Cordillera Central Portuguesa. **Actas del XI Coloquio de Geografía Rural** (Los espacios rurales entre el hoy y el mañana), Santander, Universidad de Cantabria, Servicio de Publicaciones, 2002. pp. 89-100.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARVALHO, P. Património Cultural e Iniciativas de Desenvolvimento Local no Espaço Rural. *In: CAETANO, L. (coord.). Território, do Global ao Local e Trajetórias de Desenvolvimento*. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 2003. p. 199-227.
- CARVALHO, P. Turismo cultural, património e políticas públicas em contextos rurais de baixa densidade: eixos vertebradores de revitalização e de construção de novas identidades. *In: SANTOS, G. (org.). Turismo Cultural, Territórios e Identidades*. Lisboa, EdiçõesAfrontamento e Instituto Politécnico de Leiria, 2010. pp. 123-140.
- CARVALHO, P. A AIBT do Pinhal Interior e as Aldeias do Xisto: novos caminhos para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade em ambientes de montanha. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, Departamento de Geografia

(Universidade de Coimbra) e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, n. 28/29, 2009/2010. pp. 185-191.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 17 mai. 2021.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 2, 1994.

CHIVA, I. Le patrimoine rural. *In: NORA, P (dir.) Science et Conscience du Patrimoine*. Actes des Entretiens du Patrimoine, Éditions du Patrimoine, 1997. p. 226-231.

CLAVAL, P. Changing conceptions of heritage and landscape. *In: MOORE, N.; WHELAN, Y. (eds.). Heritage, Memory and the Politics of Identity. New Perspectives on the Cultural Landscape*. Aldershot, Ashgate, 2011.

CORÁ, Maria Amelia J. Políticas públicas culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 5, p. 1093-1112, set./out. 2014.

COSTA, António Firmino. **Sociedade de Bairro, Dinâmicas sociais da identidade cultural**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27- 45. Ago.-nov. 2010.

DECLARAÇÃO DE QUÉBEC: Sobre a preservação do "Spiritu loci" Assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Disponível em: . Acesso em 26 nov. 2024.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.) **Conceitos-Chave de museologia**. São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2014.

DURÁN, Francisco E. Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad. *In: Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, n. 11, p. 76-98, out. 1998.

FALCÃO, Joaquim A. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. *In: MICELI, Sergio (Org.). Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984. p. 24-55.

FARIA, A. M. B. **Sistema de custos como ferramenta de gestão para o setor público**. 2010.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; GASTAUD Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPGPMUS Unirio | MAST**, v. 6, n. 1, 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FRANCHINI, Osmar. Entrevista. Morro Redondo, 1 Ago. 2024

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p.123-126.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995. 76

GRUPPELLI, Paulo Ricardo. Entrevista realizada. Pelotas, 13 nov. 2024.

GRUPPELLI, Paulo Ricardo. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 15 mai. 2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos . **O patrimônio como categoria de pensamento**. Memória e Patrimônio Ensaios Contemporâneos. 2003. Disponível em:. Acesso em: 18 ago. 2024. 204 | A musealidade no Museu Gruppelli

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. **A Alma das Coisas**: patrimônios, materialidades e ressonâncias. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

LEADER MAGAZINE, Revista Trimestral do Programa Europeu LEADER II, n. 8, 13, 17, 22.

LEITE, Rogério P. **Contra-usos da cidade Lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Unicamp, 2007.

JANEIRA, Ana Luisa. Configurações epistêmica do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 229-245. jan./jun. 2005a.

MACIEL, L.L. Trabalho e lazer: os espaços de sociabilidade relacionados com ambientes fabris da região da colônia de Pelotas (1950-1970). In: **Anais...** Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 5. Pelotas: Editora da UFPel, 2011. p. 738-743.

MENESES, Ulpiano. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998

MICoud, André (1995), *Le Bien Communes Patrimoines*. In: **ÉCOLE NATIONALDU PATRIMOINE, Patrimoine Culturel, Patrimoine Naturel**. Paris: La Documentation Française, p. 25-38.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

POULOT, Dominique . **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI**: do monumento aos valores. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, Madrid, p. 63-76, 1998. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2023.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 21, p. 17-35, 2005. Disponível em: . Acesso em: 15 out. 2023

RIBEIRO, Diego Lemos. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 17 mai. 2021.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos sua essência e sua gênese**. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

SCHNEIDER, Maurício; MACHADO, Carmen Janaína Batista; MENASCHE, Renata. A comida na colônia e as percepções do rural: notas de pesquisa. In: **Anais eletrônicos...** Coloquio Ibérico de Estudios Rurales, 8. 2010. Cáceres (Espanha), 2010.

SOARES, Bruno Bralon. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 5 n. 2, 2012. Disponível em: . Acesso em 09 jun. 2024.

SIQUEIRA, Deise e OSÓRIO, Rafael. **O conceito de Rural. In: Una nueva ruralidade en América Latina?** Barcelona: 1999.

TOGNON, M. (org.) **Patrimônio Cultural Rural Paulista**: Espaço privilegiado para 77 pesquisa, educação e turismo. Campinas, 2012. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/06501.pdf>. Acessado em 16 mai. 2024.

TAVARES, Neco. Entrevista realizada. Pelotas, 12 dez. 2016

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, p. 7-21, jan/jul 2009.

VARINE-BOHAN, H. Museus e Desenvolvimento Local: um balanço crítico. *In: Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento*. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

VIEIRA, Margareth Acosta. **Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

VIEIRA, Neiva Acosta. Entrevista realizada. Pelotas, 12 dez. 2016

VIEIRA, Margareth Acosta. Entrevista realizada on-line. Pelotas, 16 mai. 2021.

WANDERLEY, M. N. B. A Ruralidade no Brasil Moderno. Por un pacto social 431pelo desenvolvimento rural. *In: N. Giarracca (Org.), ¿Una Nueva Ruralidad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2001. pp. 31-44

Apêndices

Apêndice 1 – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

Perfil do grupo: pessoas que participaram do processo de criação do Museu Gruppelli, Pelotas/RS e Museu Histórico de Morro Redondo/RS.

Objetivos

- Ouvir as narrativas sobre o patrimônio rural através das pessoas que participaram do processo de criação do Museu Gruppelli, Pelotas/RS e Museu Histórico de Morro Redondo/RS.
- Entender as categorias de patrimônio rural presentes na região estudada.
- Analisar quais definições de patrimônio e de museu que basearam a criação dos museus.

- Verificar quais referenciais de patrimônio ainda não estão contemplados nos respectivos museus.
- Identificar quais as possíveis semelhanças e diferenças entre os dois museus, no que tange a percepção de patrimônio rural, ainda que estejam no mesmo território.
- Compreender as visões nativas de patrimônio rural presentes na região.

QUESTIONÁRIO

1. Poderia contar um pouco sobre a época de criação desse museu?
2. Qual era o objetivo de vocês com a criação desse museu?
3. Quais eram as características desses objetos que foram reunidos?
4. O que a comunidade doou e o que vocês juntaram?
5. Como foi o processo de seleção do que seria parte do acervo?
6. Qual foi o seu papel no processo de fundação do Museu?
7. Quem mais estava envolvido nessa movimentação?
8. Como você percebe a participação da comunidade hoje no Museu?
9. O que você considera importante ser preservado no Museu e na localidade?
10. O que vocês gostariam de deixar para as crianças daqui a 50 anos? O que não se pode perder com o tempo?
11. Você acha que há alguma característica importante que mereça mais destaque no cenário do Museu?
12. Quais potencialidades poderiam ser exploradas na região?
13. Você já visitou o Museu Grupelli/ Museu Histórico de Morro Redondo?
14. Se sim, o que você achou? Reconhece alguma semelhança ou diferença entre os dois museus?
15. O que é vida rural para você?
16. Essa vida rural está dentro do museu?
17. Existe algo dessa vida rural que você acha que ainda não está no museu?

Apêndice 2 – Entrevista com Neco Tavares

Entrevistador: José Paulo Brahm e Maurício Pinheiro

Entrevistado: Neco Tavares

Data: 12/12/2016

Tudo bem, Paulo.

Meu nome Manoel Francisco Tavares dos Santos, idade hoje 60 anos. Bacharel em Artes visuais, formado pela Universidade Federal de Pelotas e sou fotografo.

Olha o Museu Gruppelli é filho de duas coisas, uma da minha imaginação e outro de uma entidade que fazia parte no final da década de 90 do século passado século XX. Para fazer parte de uma fundação particular privada de iniciativa ao turismo então era grupo de pessoas que eram ligados de alguma forma ao turismo, ou porque tinham algum tipo de negócio, e, eu com o meu trabalho de fotografo , foi ligado a área do Patrimônio Arquitetônico, então eu fui convidado a fazer parte desse grupo, se eu não me engano fui convidado pela dona Neiva Costa que já integrava essa ONG que se chamava Fitur, ainda se chama porque não foi extinta que é fundação de incentivo ao turismo .a dona Neiva estava, já por conta do Gruppelli e eu fui convidado a participar por conta desse meu trabalho de fotografias de patrimônio porque naquela época a gente estava falando , não sei te precisar a data o museu é de que ano 98 então 93, 94 eu já participava dessa ONG levamos 3 anos pra montar o museu 95,96,97 estávamos fazendo parte dessa ONG, fui convidado pela dona Neiva, para fotografar as belezas naturais da colônia, que fazia uma parte de um levantamento e eu não tinha nada sobre isso ,então fotografar as cachoeiras, alguns lugares bucólicos, fotografar a comida da colônia , a dona Neiva estava ligada diretamente ao Gruppelli, a dona Neiva fazia um trabalho ao Gruppelli ela ajudava a servir orientava os passeios, então como se buscava uma identidade em relação ao turismo de Pelotas era constituído pelo seu Patrimônio Histórico pela lagoa e pela colônia , nos tínhamos 3 ganchos sobre turismo então fui convidado pela dona Neiva para fazer esse trabalho na colônia, e comecei a me deslocarpra lá todos os fins de semana, e junto com o Ricardo Gruppelli que me serviu de guia , me levando aos lugares , e comecei a fotografar as cachoeiras , os galpões e o que tinha de atrativo na colônia pra fazer um levantamento, e tentar organizar de alguma maneira esse turismo lá e numa dessas vezes que eu fui, a gente sempre acabava ,conversando no galpão que era como se chamava, onde hoje é o museu e era um lugar de deposito deles ali do bar, com garrafas de bebidas, com estoque, sacos de frutas, feijão etc e sempre se reunia ali tinha um túnel de licor (risos). Hoje não sei se existe esse túnel que era um túnel caroço de pêssego que ele só largava cachaça, ou não sei qual o tipo de destilado que ele jogava ali e mexia era um caldeirão e a gente sempre bebericava alguma coisa e numa dessas conversas ele me contando sobre a colônia

eu olhei para o lado e disse: isso aqui é um museu. Porque na realidade era uma adega ali era fabricado vinho e eles tinham muitos objetos antigos, ferros, máquinas de costuras ferro de passar roupas eu brincando , a principio nem -se tinha a intenção, falei pra ele isso, que dá um belo museu, que já tinha muita coisa era só arrumar botar em disposição as peças, seria um atrativo a mais pra eles. Lá então foi assim que surgiu a ideia do museu do Gruppelli utilizar aquele espaço que tava ocioso, como deposito e organizar aqueles objetos que tinham ali porque nem se pensava em pesquisa primeiro a gente penso num museu eu acredito que surjam sempre as coisas, eu não tinha capacitação acadêmica nenhuma. Eu só tinha capacitação estética, de limpar, separar, pintar transformar o ambiente num ambiente bonito agradável e que contasse um pouco daquela historia através, daqueles objetos que estavam por ali, jogado então com o tempo a gente continuou com o trabalho fotográfico. Tanto é que eu fiz um bom levantamento, revelamos, cachoeiras e hoje tem a cachoeira do imigrante, que estava escondida, tava fechada ao público que é do Bento e hoje ela integra. Fomos fotografar o túnel fomos no templos das águas naquela época não tinha nem nome a ponte da Maciel a cachoeira do Arco Iris , a cachoeira do Camelato e por ai foi então eles conversando entre eles achavam interessante a idéia do museu e ai passou efetivamente a limpar , arrumar o local a esvaziar , transferiu o deposito pra outro lugar e o museu foi tomando forma e coincidiu também com o atelier que eu tava fechando eu tive um atelier durante um longo tempo na voluntários esquina Félix da cunha e eu não tinha onde colocar ai eu fui adquirindo muitos móveis esses móveis foram dando o suporte pro próprios objetos do museu e também foi uma parte de um acervo meu que eu não tinha onde guardar , como revistas esse atelier que eu fiz uma referencia agora, era um atelier de moda que eu tinha era uma fabrica de roupas então acabou que esses móveis foram completar junto com os objetos que o museu já tinha porque depois a gente saiu a campo pra buscar doações pra completar mas com o que eles tinham já deu pra criar a primeira etapa do museu, digamos, mas nesse meio tempo enquanto a gente montava i o Ricardo consegui um caminhão ,levou esses objetos, esses móveis todos pra fora e aí fomos acomodando as coisas enquanto isso se sedimentava a história da criação do museu ele foi comentando com as pessoas, as pessoas acabaram por doar alguns objetos e foi se criando essa pequena coleção , que parte eles já tinham pra completar o museu então em poucas palavras é essa a historia do

museu. Ele é filho de uma ideia de uma ONG do qual a gente fazia parte. Que foi graças, a essa ideia de ir a colônia pra fazer o levantamento fotográfico que numa dessas idas se teve a ideia de se criar o museu porque na realidade a família Gruppelli eles já tinham uma historia pra contar em 1905 a chegada deles porque eu acho que é a colonização foi a chegada das colônias 1824 por aí. A gente fez o levantamento desses pontos todos através da fotografia um pouco um pouco dos costumes deles também e ai criou-se esse museu e ai a ideia do museu, ele queria ser outras coisas também ele queria ser ele queria ser um ponto de deslocamento porque por exemplo as pessoas geralmente vão almoçar no Gruppelli e perguntavam pro próprio pessoal do Gruppelli o que tem pra fazer no entorno onde tem uma cachoeira onde tem alguma coisa então ele seria esse lugar também de divulgador da questão do turismo e também fazer os levantamentos históricos nos tínhamos a ideia de fazer entrevistas pra pessoas mais velhas de guardar isso num acervo digital de memórias e um computador que eu pedi pra eles comprar eles até então não tinham comprado o primeiro computador pra gente fazer o levantamento pra criar um banco de dados então foi isso uma ideia genial também pro desenvolvimento deles. A minha participação foi total além da ideia ter sido minha a mão de obra pra organizar o museu também foi minha na questão de pintar limpar, não restaurar mas fazer uma limpeza nos objetos porque eu não tinha essa capacidade de organizar aquele material que tinha lá, também de limpar porque tinha 7,8 cm de lama lá dentro levamos um lava jato lavamos primeiro cuidamos do espaço físico, esvaziamos todo o local limpamos pintamos e criamos um instalação elétrica que não tinha era muito precária, então na realidade ele se chamava museu mas ele era no inicio apenas um lugar organizado limpo arrumado pra aquilo ali pra pessoas poderem ser transportadas pro tempo.

Inauguração de 98 participei sim quase criou-se um pequeno escândalo (risos) porque eu levei um grupo de teatro daqui (risos). A gente fez todo um ritual era o teatro eu não lembro da onde era. Se era da universidade, era o teatro escola do Bachini, não era o Tholl era o pré Tholl porque era coisa primitiva aquela apresentação era um grupo de teatro com eles cobertos de barro então era um espetáculo bem primitivo foi uma coisa muito interessante pra colônia. Foi meio chocante porque a apresentação

visualmente era uma coisa ,não agressiva como te falei, era primitiva então nos levamos esse número pra fazer essa apresentação, criamos umas tochas tinha banda foi um evento a abertura do museu. O padre Capone, sim tava lá, tudo documentado tenho essas fotografias também se vocês precisarem só vou ter que achar no meu arquivo e esse levantamento fotográfico que eu fiz da colônia também que hoje estamos em 2016 isso foi feito em 96 já tem 20 anos. Aí uma coisa que começou a dois anos atrás foi em 96 que teve esse inicio desse levantamento fotográfico e a organização do museu foi em outubro de 98, que foi inauguração e foi uma festa. Essa era a ideia de levar essas coisas da cidade pra lá e depois houve eventos que a gente trouxe o Gruppelli pra cá, a culinária foi em 98 que eu fiz uma exposição, a gente fez uma exposição aqui na Paqueta era um aniversário de Pelotas. A gente montou um canto com uma mesa com as coisas da colônia fotografias de comidas. Então a gente foi levando junto essa questão do Gruppelli pro conhecimento geral. Hoje já é mais fácil a gente tem as mídias sociais mas antes a 20 anos atrás não tinha. As coisas funcionavam através da exposição e outros tipos de divulgação

Como foi adquirido objetos para o Gruppelli tem muita coisa minha lá que são minhas e que nem são da colônia mas que se misturam com as coisas da colônia, porcelana e algumas coisas que foi da minha mãe,minha avó, mas a gente procurou também , tinha um pequeno antiquário ali perto do Gruppelli onde a gente adquiriu algumas peças também e outras foram doadas pelas pessoas porque a colônia é meio desconfiada e muito sestroso assim de liberar essas coisas e as vezes são coisas afetivas, mas aos poucos foram vendo a verdade do museu e a verdade que a gente tava querendo levar pra colônia e para o desenvolvimento de turismo por que o turismo também era uma coisa que tava nascendo , nesse período em Pelotas se falava em turismo mas não tinha os produtos não tinha a organização o entendimento como funcionaria esse processo todo e na realidade essa criação do museu foi uma ideia pra atrair pessoas para conhecer o museu conhecer a colônia e o Gruppelli tu doou objetos primeiro os armários ,balcões , depois revistas tinha uma escrivaninha antiga lá que eu resgatei também objetos decorativos ,vasos fruteiras caixa de botões, na verdade até me perdi , o que foi pra lá só eu tanto pra identificar isso é meu, isso é meu, mas na realidade foram móveis, balcões, armários, muitos deles ainda estão lá. Um arquivo de metal verde que ta lá pra guardar coisas e aquele arquivo foi com

todo o material meu. Então parte daquele material é meus negativos, e tem parte da minha vida que ta lá.

Tem algum objeto especial pra ti especial não o único especial que tem lá tá escondido é uma placa um painel grande que tá no canto atrás do balcão sobre o balcão tem uma vitrine ali que tem uma figura do outro lado, assustadora meio diabólica que nós acabamos virando pra parede, se tu tiveres oportunidade tu dá uma olhada que ela ficou virado pra parede todo mundo que olhava aquele quadro se assustava e a gente usou o resto dele pra distribuir os cartazes. Aquele é o mais afetivo que tenho fazia parte de um bar muito famoso aqui em Pelotas a uns trinta quarenta anos e uma noite eu fui lá e arrematei o painel e o painel tava junto com a mudança que foi pro Gruppelli mas ali tem algumas coisas da minha infância, que pertenceu a minha mãe, a minha avó que ficaram lá no museu.

Sobre parcerias que o Museu Gruppelli teve com a universidade eu não participei porque quando eu me afastei do museu quem assumiu foi a Margaret que tinha acabado de se formar. Aí eu dei uma sumida de lá, e ela acabou abraçando a coisa mais como museu. Eu acho que nem museologia. A museologia chegou muito depois porque quando chegou aquele ponto eu disse não tenho condições de tratar isso aqui como museu, pois eu não tenho capacitação. Eu tinha capacitação pra arrumar, limpar, organizar e preparar pra continuidade dele.

Depois a Margarete passou um pouco ali, a dona Neiva assumiu um pouco mais. Assumiu a coisa pronta e depois quando começou o museu o Fábio Cerqueira quando fez dez anos o Fábio Cerqueira fez uma pequena homenagem pra mim, e o Fábio tava lá fazendo parte então da UFPel. Foi assumindo não sei se ele cuida ou não, se é um estágio ou uma extensão, mas a ideia era essa. Pois a minha ideia era limitada o que eu tinha capacidade de arrumar era aquilo e organizar e expor as peças pela prática que eu tinha. Mas a ideia para desenvolver o museu era bem interessante. Obrigada pela oportunidade também de ficar registrado e pra história e como pra continuidade de como surgiu isso tudo. E vamos continuar vai fazer 20. E a questão

da gente tá navegando no seco, mas tudo bem. Eu acho que as coisas assim levam um bom tempo para sedimentar pra acontecer, é como tem que acontecer. Obrigado!

Apêndice 3 – Entrevista com Neiva Vieira

Entrevistador: José Paulo Brahm e Maurício Pinheiro

Entrevistada: Neiva Vieira

Data: 12/12/2016

José Paulo Brahm: boa tarde, tudo bem?

Neiva Vieira: boa tarde, tudo bem.

José Paulo: e um prazer entrevistá-la

Neiva Vieira: muito obrigada pelo convite

José Paulo: inicialmente eu gostaria de saber o teu nome, idade e profissão.

Neiva Vieira: meu nome é Neiva Acosta Vieira, tenho 83 anos, nesse tempo todo eu fui conhecer o Gruppelli quando fiquei viúva já fazer vinte e quatro anos e passei uma

época assim de não sair de não conhecer nada não conhecer o Gruppelli não conhecer ninguém, aconteceu que tinha uns amigos que começaram a incentivar vamos , vamos , seu Leonel que era o que fazia excursão La para fora, vamos por que vamos precisa sair me levou cheguei La fora conhecer amor a primeira vista adorei todo o mundo fui muito bem recebida comecei a me entrosar e logo em seguida comecei a visitar passar a visitar semanalmente e assim se passaram vinte anos eu La no gruppeli, passamos por muitas fazes muitas coisas boas e assim foi ficando quando e u já conhecia o Neco, já de muitos anos e conversando com ele contei ele estava em uma fase muito triste porque havia perdido a mãe, não o pai havia perdido o pai! E estava assim sem saber para que rumo dar na vida dele digo, Neco vamos La para fora passar ums dias tu vai melhorar tu vai gostar dito e feito ele foi comigo também se apaixonou foi ficando foi ficando e acabou acho que ficando mais de um ano por La e ali a gente conversava todas as semanas por que ia sempre aos sábados e voltava domingo de tarde e a gente conversava e começamos a falar sobre aquele lugar que eu achava tão interessante tão estranho que era a adega e o Neco dizia isso da um bom Museu mas tu da "doido" mas como tu vai fazer um museu em uma coisa úmida feia suja, vamos fazer? Vamos... Digo bom tu que sabe. Ai começou a botar tudo para a rua para convencer o Ricardo por que o Ricardo para aonde e que eu vou eu não tenho lugar e tenho que botar as minhas coisas no deposito aqui, minhas ferramentas aqui e minha vida tocamos o Ricardo para o outro lado da casa. Ai começamos a tirar as coisas, saia cobras e lagartos, o Neco muito entusiasmado pegou os guris La que ajudam que também começaram a ficar entusiasmado começaram a limpeza a limpar, limpar ate que aquilo foi tomando um jeito foi indo a gente começou a se entusiasmar a gente começou a conversar com as pessoas que a li nos queríamos abrir um museu por que achava que era um lugar que poderia mostrar a colônia e como eu goto muito de festa e trabalho com festa eu já comecei fazendo festa de natal festa de aniversários festa de... Tudo era festa são João páscoa tudo saia dali e assim foi indo o Neco procurando também com os amigos na venda no armazém na tardinha conversava com aquelas pessoas toda e a gente foi começando a se entrosar por que eu também comecei a me acostumar e a conhecer todo aquele pessoal e eles também a me conhecerem , a gente começou não vamos abrir o senhor não que ajudar não tem alguma coisa La que não queira mais que seja antigo e queira nos dar para colocar no museu e assim foi indo junta daqui pedi e fizemos um chamamento uns folhetos entregava no restaurante e ai eu também comecei a me entusiasmar procurar saber como a gente fazia as coisas por que também não sabia de nada e entrei para a fetur naquele tempo ainda não era fetur ainda , para o desenvolvimento da colônia, o conhecimento da colônia e eu comecei a participar por que o Ricardo não podia ninguém lá na colônia podia então a pessoa disponível lá era eu então vinha nas reuniões tomava nota contava as historias e foi assim foi andando foi andando aos trancos e barrancos foi andando ate que as coisas começaram a criar mais volume e se juntar peças e vamos e vamos e a ir para o jornal e já começava as festas e a propaganda do museu e assim foi indo fomos de boca em boca convencendo pedindo não e? Achando coisas que a gente descobria muitas vezes a gente caminhando me lembro de assim de ir pelo caminho por que as

enches carregam muita coisa depois com o empo aquilo vai aparece então toco em alguma coisa vai ver era um garfo era uma faca era uma colher era prato era uma coisa que ninguém conhecia vai para o museu e ia tudo para o museu e assim nos fomos juntando a coisa e pedia para a dona Norma – dona Norma não tem... Precisa de uma toalha não tem uma toalha para bota r na mesa tinha cadeira, mas não tinha fundo nos fazíamos o fundo da cadeira e assim foi indo as coisas iam com muita dificuldade, mas com muito amor muita vontade de ver eu sempre dizia para a dona Norma à coisa que eu mais desejo e ver isso aqui crescer que a gente possa fazer festa e seja conhecido e eu comecei em tudo que era reunião participava da fenadoce distribuía folhetos levava fotografias ficava nos corredores da fenadoce naquela época com fotos para mostrar o gruppelli e o Ricardo fazia os mapas e eu mostrava como se chegava lá as pessoas foram aumentando o restaurante mesmo foi ficando mais conhecido, mas participação do pessoal e assim foi indo eu batalhando quando carreguei o Neco foi aquela coisa toda sempre fomos muito amigos juntos então pruramos fazer tudo que ... a principio foi assim muito difícil

José Paulo: tu falou que foram doar... Pedir na casa das pessoas

Neiva Vieira: nos visitava perguntava não tem nada para nos doar? Chegamos um época tínhamos 5 máquinas de costura as coisa ficavam modernas e iam trocando aquele gabinete dentário mesmo que foi o primeiro pedimos e ele ficou lá no museu

José Paulo :Te lembra com quem vocês conseguiram aquele gabinete dentário?

Neiva Vieira : Ah ali teve muita gente o Ricardo e aquela coisa assim fala como fulano fala com o beltrano, mas eu não me lembro de se foi da família do Ricardo mesmo que doou aquele gabinete dentário sei que foi o primeiro, mas estava muito guardado muito cuidado assim por que não sabia o que fazer com aquilo já tinham um novo e ai que conseguiu aquele material tudo que usavam no gabinete ate os frascos com os remédios tudo foi doado ai fizemos um peça para o gabinete dentário outra peça nos fizemos uma cozinha era fogareiro era tudo que coisas. As pessoas davam.

José Paulo: e as pessoas eram receptivas?

Neiva Vieira: Inclusive ate hoje eu tenho uns bomba de agua que um parente da dona Norma que mora em frente nos doou, mas nunca foram buscar porque não se tinha lugar nunca se tinha lugar para colocar e ficou lá aquelas formas de se fazer tijolo andava solto e nos fomos recolhendo recolhemos tijolos que tinha a marca gruppelli tinha tijolos enormes tudo a gente estava sempre juntando guardando acumulando tem uma lâmpada la na entrada do museu que nos encontramos também perdido era uma lâmpada muito bonita tem um prato grande assim fica bem na porta aquilo ali a gente foi juntando tudo

José Paulo: Tudo?

Neiva Vieira : O Ricardo há pouco tempo ganhou uma carroça e a minha briga pela carroça que em quanto ele não botou a carroça lá dentro de colônia ele não sossegou queria que ele fizesse uma parte ao lado para poder enfiar a carroça enquanto ela não botou a carroça e a Vania queria a carroça para o jardim que era para encher de flores e o Ricardo não queria dar por que iria estragar a carroça, tinha um túnel por que eles faziam doce naquela época bem no princípio então tinha aqueles tachos enormes e eu vi os tachos no jardim cheio de flores e enquanto eu não fiz terminar com aquilo limpar aquele tacho coisas grandes as pás eram enormes está tudo lá ainda carreguei para o museu olhei e disse isso ao deve ser muito antigo ahh, mas isso ai não presta e isso ai que eu quero. As vezes pediram emprestado coisa assim eu já andava atrás por que pediam para fazer exposição das peças do gruppelli em outro lugar eu digo o museu não pode fazer isso não pode por que depois a gente acaba perdendo as coisas aos domingos eu chegava lá depois que a gente organizou o museu mesmo não tinha quem cuidasse o Neco com o tempo teve que vir embora ficava fechado passava a semana inteira fechado chegava lá varria tirava pó corria e ajudava no restaurante e corria para levar as pessoas convidava as pessoas colocamos placa mostrando o caminho do museu flechas mostrando o caminho para as pessoas visitarem eu ficava ali cuidando o museu arrumando sempre organizando depois foi feito esse convenio com a universidade por que... qual o nome daquele menino... aquele que foi candidato agora a... como e Fabio o Fabio visita por que tinha o filho pequeno e ele ia muito la visitava e começou a levar o pessoal da universidade o pessoal estava conhecendo a colônia procurando fazer um desenvolvimento da colônia então o Fabio levou uma porção de pessoas da universidade aonde foi parar o Diego e o Diego chegou e ahh esse moço vai vir morar aqui ele e do rio e veio morar aqui e ele vai ajudar no museu ele vai ajudar aqui e eu já me identifiquei já te peguei do pé não vou te largar mais não larguei tudo que eu precisava eu ligava para o Diego , Diego que e que vai assumir quem e que vai cuidar eu não posso tenho que fazer tal coisa sempre escalando aquelas meninas ficavam... foi maravilhoso por que tinha meninas que não sei se ainda tem ate musica colocaram uma vez chegou la musica suave eu disse dá onde e que vem as meninas ah não sei elas tinham escondido as caixinhas de som por baixo das coisas e a coisa mais linda ate que se conseguiu a parte de cima que se fez o dormitório quando se chegava na parte do dormitório tinha musica assim para dormir elas fizeram muita coisa bonita trabalharam bastante todos os domingos de manha e a tardinha la pelas três quatro horas mais ou menos que ai já não tinha nenhum movimento a camionete da universidade ia buscar levava e trazia, andava por toda a colônia por que tinha outros museus ali da Maciel tinha o museu da colônia francesa e ali também ia se buscar as meninas que também trabalharam bastante e ai com o tempo eu velha já com a dificuldade de ir todas as semanas fui deixando mas a universidade assumiu muito bem muito bem foi muito bom .

José Paulo: Por que tu acha que naquele momento a comunidade ali precisava de um museu?

Neiva Vieira: olha eu acho que eles precisavam divulgar por que assim... quando a gente é moço e vê as coisas antigas não da importância não sabe o por que das coisas quando eu cheguei lá e vi uma máquina não sabia o por que por que serve isso aqui? Por que tem isso aqui? Um era para moer grão o outro era para socar o outro era para cortar pasto para os animais cada um tinha a sua função e as pessoas ficavam encantadas nos tínhamos coisas assim muito antigas como, por exemplo, máquinas de encher linguiça, de cortar, de picar linguiça, tinha vários furos e o pessoal não conhecia, então ficava olhando facas feitas por eles, tem um ainda de socar grão que foi encontrado, ele era dos escravos ainda, tava lá no Morro do, onde eles fugiam ,não me lembro, muita coisa foi encontrado, lembra Margareth? Quinogongo, no Quinogongo ,nunca ouvisse falar no Quinogongo? E de lá veio algumas coisas, que foram encontrados ,foram doados, e aquele pilão enorme de grande com aquele socador, então sempre tinha muita coisa de moer, de espremer a uva, pra fazer o vinho, tudo as fases que tinham, desde aquele de socar com os pés, aquele tanque que ainda tem lá, tem que sobe a escada, eles subiam com os cestos jogavam a uva naquele tanque e lá a uva era socada e curtida, e do outro lado da parede tinha os canos onde saia o vinho e tinha a Adega, todos os lugares pra colocar as garrafas, todas com os vinhos, então o pessoal não conhecia aquelas pás imensas, pra que serve aquelas enormes pás, só pra puxar o doce,aquilo é bonito tanto para os próprios, o moço que não chegaram à conhecer, e as pessoas que vão pra cidade ficam encantadas com a beleza das coisas que nós tínhamos, de ver aquela cadeira de barbeiro feita perfeito com tudo direitinho, até para descansar a cabeça, tinha tudo, tudo, tudo, cadeira ,mesa onde guardava as coisas tudo, gabinete dentário mesmo antigo né?muita coisa e assim a gente foi criando, e já tinha tanta coisa que não dava pra ficar tudo, então tivemos que ter um lugar especial pra guardar, então conseguimos aquela peça da frente, que o Ricardo não queria nos dar de jeito nenhum, mas ele teve que nos ceder, enfim por que ali era uma loja na frente, tanto nós incomodamos que ganhamos aquela loja pra servir de reserva técnica, por que assim quando a pessoa ganhasse 3,4 coisas iguais botava 1 e guardava os outros, máquina acho que devia ter 5 máquinas de costura, então muita coisa assim de tudo, começou a vir era televisão bem antiga ,era geladeira antiga tudo, a gente começou a visitar e fomos ganhando e assim foi indo e hoje tá no que tá, o Museu fez muitas festas, fizemos onze Kolonatales, uma festa linda, linda ,linda, tinha o nome de Kolonatale, por Kolo de alemão, natale de italiano, kolonatale que vinha aqui da cidade bandas,tudo ,corais, o Gonzaga desfilou,a Escola Técnica, várias escolas desfilou, isso tudo levava pessoal pra colônia, e eu visitando sempre que pude mostrando, eu fui muito no jornal Diário da Manhã, que nos deu muito apoio, ele sempre falando todas semanas na colônia, sempre tinha alguma coisa.

José Paulo: Ajudou a divulgar o Museu

Neiva Vieira: É sempre ajudou muito, a Elisete Jeskes, ela foi presidente da Fitur, mas antes mesmo quando ela começou ela me ajudou muito também, ela gostava muito, trabalhou muito, também pelo Museu, ela tem uma casa de café colonial nas Três

Vendas e ajudou bastante, muita gente depois se interessou, foi duro ,não foi fácil mas nós vencemos(risos). Quando chegou o dia da inauguração, aquilo parecia um sonho, uma noite maravilhosa, aquele monte de gente foi ônibus e ônibus pra festa, tudo convidados da cidade, e tudo aquilo que ia pela primeira vez continuava depois, e todos os anos me cobravam Kolonatale, quando chegou o último que eu fiz era cobrança, até hoje o Padre Capone, quando eu fiz 80 anos ele foi no meu aniversário, e disse não acredito que a senhora vai desistir, Padre Capone eu tô muito velha, que nada vamos pedir apoio, vamos trabalhar, vamos trazer esse pessoal da cidade, eles tem que vir conhecer, realmente hoje em dia o Restaurante é uma beleza, ele sempre foi bom, sempre a comida maravilhosa, eles maravilhosos, Dona Norma uma pessoa incrível, o Ricardo muito atencioso com as pessoas, tudo muito bom, adorei pelo menos, é uma segunda família que eu considero, hoje mesmo a Dona Norma disse, Dona Neiva eu tenho uma saudade, eu também tenho muita saudade de fazer todas aquelas loucuras que nós fazíamos, vai chegar Natal e eu não tenho nada pra decorar dentro do salão tudo, rua, luz, a Dona Norma falou não sei o que vou fazer com tanta luz (risos) , mas bah foi um período muito gostoso, mas não dá ,nem sempre a gente pode fazer, e é isso aí.

José Paulo: Nesse dia da inauguração tu falou que veio tanto pessoas da colônia, quanto de fora?

Neiva Vieira: Da cidade foram excursões

José Paulo: Foi uma festa grande?

Neiva Vieira: Foi uma festa muito grande, muito bonito, tá tudo fotografado, o Padre cortando a fita, a banda da Brigada participou, muitas autoridades, por exemplo que eu me lembre assim vinha muito e que nos ajudava era o Nelson Harter, que era muito amigo deles, pessoal da Prefeitura mesmo nos ajudava muito, e muita gente fora isso, o do Hotel o seu Samir Halal, seu Samir era incrível, chegava na Segunda Feira, me ligava às 7 horas da manhã pra me dar parabéns pela festa, pelo jantar que tinha acontecido, por qualquer coisa, muito casamento, muita festa de aniversário, muita festa tem tido lá, e isso me enche de alegria por que eu vi aquilo lá crescer cada vez mais e mais, mas não pelo trabalho, mas não por isso, mas de ver todas as pessoas que iam uma vez, uma segunda e ficavam fregueses de sempre estarem lá, muita gente, já teve que se aumentar a cabana, mais casas e falta não tem lugar, muita gente querendo ir e não tem lugar, por que são muito bem recebidos, tudo muito em ordem e é isso aí e essa foi minha participação.

José Paulo: Pra ti o que tu acha que o Museu Gruppelli representa?

Neiva Vieira: Olha aquilo lá é uma vida não é??eu senti ele crescer,nascer e crescer, e hoje ele tá o que ele é embalado,, todo mundo já conhece, já visitou, e é isso que eu queria, que a colônia fosse conhecida na cidade e que a cidade fosse pra colônia e que a gente conseguiu.

José Paulo: É um sonho realizado?

Neiva Vieira: É um sonho realizado, quanto eu batalhei, era reunião ,era festa, era Fenadoce ,não tinha o que me trancasse, que eu pudesse,tivesse a oportunidade, uma vez criado na Fenadoce, quando apareceu aquele xerox aumentado, que tirava folhas grandes né e que eles começaram a mostrar eu cheguei e perguntei dá pra fazer uma foto do Gruppelli, ué se a senhora me trouxer eu faço, e não é que ele me fez um quadro imenso que tá lá no salão do Restaurante pode ver, um quadro imenso, custeio a trazer não sabia como carregar pra fora, e o ônibus não queria levar e eu queria levar de qualquer maneira (risos). Eu não tinha vergonha de pedir, de mostrar de falar, de incentivar e até hoje, você conhece o Gruppelli? Você conhece o Gruppelli? Até meu motorista, todo mundo eu levei pro Gruppelli, toda minha família conhece, a Dona Norma às vezes peegunta, o dona Neiva não tem uma semana que alguém não pergunte pela senhora, não posso, não tenho condições de ir toda semana, mas é minha vida, eu revivi assim depois de passar aquele tempo assim fechada, não fazer nada, comecei com aquilo, enviei na cabeça e aquilo foi pra frente e faço até hoje, às vez que posso falar sobre o Gruppelli eu falo, por que é maravilhoso, as pessoas lá, até o pessoal do balcão, aqueles que frequentam o balcão eu mando beijos e abraços pra eles, hoje mesmo mandei pra turma toda, é sempre uma festa quando eu chego(risos) mas é muito bom, muito, muito,muito gostoso ,eu gosto muito deles todos, todo mundo me conhece, de tanto eu badalar, o Ricardo saía, quer ir comigo? Aí eu ia pra colônia ,lá pro interior, pra conhecer, pra falar.

José Paulo: A senhora chegou a doar algum objeto pro Museu?

Neiva Vieira: Ah o que eu doeи pro Museu? Eu não doeи ,eu só pedi, todos os objetos foram pedidos(risos) ,por que eu não me lembro de ter doado, tudo que eu consegui meu Deus do céu, fotografias então ,fizemos uma exposição de fotografias de casamento, então pedi,pedi,pedi, que hoje tem uma grande quantidade e a Margareth que guarda tudo isso, esse acervo todo foi pedido, Dona Norma desconfiou de muita coisa, mas ali por diante muita coisa, a Margareth sabe muito mais do que eu, se entrevistasse ela sabe muito mais, ela conhece a história de ponta à ponta, e assim vai e isso aí.

José Paulo: Tu queria deixar algum comentário, falar de algum fato que acha importante para repartir com a gente?

Neiva Vieira: Não, a vontade é que todos conheçam, visitem, que todos vejam como a colônia é gostosa, como hoje em dia são todos bem recebidos, bem vindos na colônia e é isso que eu espero que cada vez as coisas se tornem mais fácil, até a comunicação, por que as estradas estão melhores, que não tem dificuldade no mau tempo, quando eu ia ,não sabia se eu voltava, eu tenho foto de eu dentro da água (risos) Lá quando enche é rapidinho, é muito rápido é, uma vez nós estávamos almoçando e eu disse vou lá ver como tá a água, quando eu voltei a água voltava atrás de mim, que eu entrei dentro de casa, Dona Norma a água ta chegando aqui na

porta, aí nós trancamos a porta e a água começou a subir muito rápido, não deixa de ser gostoso, até isso era gostoso (risos) .

José Paulo: São boas recordações?

Neiva Vieira: Tenho muito boas recordações, eu sempre digo que as crianças são meus netos, por que me querem muito bem graças à Deus, quer dizer que uma excursão que fui sem conhecer ninguém, até seu Leonel, com aquela pracinha, o Ricardo não gostava muito dele, mas ele era muito meu amigo, muito incentivador também e vamos fazer e vamos levar e vamos fazer a festa, me ajudava fazia baile de carnaval, festa de Natal, Páscoa então com a Caça ao Ninho, era tudo muito gostoso e muita coisa continua, até um dia eu ficar velha (risos) e é isso aí, posso te dizer que eu me lembre.

José Paulo: Muito obrigado pela entrevista.

Neiva Vieira: Não tem nada que agradecer, fico muito orgulhosa de poder contar um pouquinho de tudo aquilo que eu conheci e que amei e que continuo amando, faz parte da minha vida.

José Paulo: Muito obrigado!

Neiva Vieira: Eu que agradeço!

Apêndice 4 – Entrevista com Ervino Munchow e Osmar Franchini

Maurício: Como tudo começou? Como foi o início do museu?

Osmar: Tudo começou em 2006, eu fiz um passeio para o Espírito Santo com um pastor que nós tinha aqui o Leomar, me convidou para viajar junto com ele. Chegando lá nós visitamos várias coisas lá, inclusive museus que eu nunca tive a oportunidade de entrar em um museu e ver o que tinha lá. A cidade se chama Santa Maria do Jequitibá, a cidade mais pomerana do Brasil, lá tem três museus que são casas antigas onde as famílias doaram e ali criaram tudo o que tem em uma casa: sala, cozinha, quarto, tudo como era antigamente. Tudo está ali, coberto de pena, sofá bem antigo tudo bem assim então me encantei por aquilo ali. Eu visitei aqueles três e me encantei por aquilo, aí eu pensei Morro Redondo não tem nenhum museu e pensei vou criar isso lá. Eu tinha um programa de rádio na Bom Fim, aí convidei o Ervino e o seu Antônio e nós criamos o museu e isso começou a aparecer objetos e de tudo um pouco sendo que o Ervino é campeão na arrecadação dessas coisas (risos) e assim nós criamos o museu.

Ervino: Eu tenho coisas muito velha, tenho coisas que só eu tenho por que ninguém guarda mais. Eu guardo, tudo organizado, bonito, uma parte até está lá embaixo na CETAP.

Osmar: Uma parte está lá para ser ajuntado com o que está aqui.

Ervino: A gente já esteve em três lugares, só que foi chegando tanto acervo e então se falou com o prefeito e conseguimos essa peça, mas já está pequena.

Osmar: Isso está para ser construído um aumento aqui nessa peça, aumentando essa parede.

Maurício: Esse acervo do Museu do Imigrante consegue ser inserido neste prédio com o aumento.

Ervino: Com certeza porque lá também fomos os fundadores, começamos colocando as primeiras peças lá. A gente está guardando muitas coisas em casa, o que chega eu vou receber, eu vou guardar.

Maurício: Qual o objetivo que vocês tinham com a criação do museu?

Ervino: eu sempre tinha coisa antiga, sempre gostei de preservar coisas antigas, vou ficar velho, vou ter neto e bisneto para contar história de como era antigamente. E mostrar, o importante é guardar e mostrar os objetos. Não só relembrar o passado, falar sobre a peça isso é para isso e isso é para aquilo. Por exemplo essa máquina é de matar formiga e as pessoas perguntam, mas como?

Meu interesse era de guardar os acervos e mostrar para meus netos, não estou guardando mais para mim, estou guardando para os jovens do colégio. Vai ter muitos pequenos e jovens que não vão saber mais. Se tu contares vai entrar numa orelha e sair na outra, mas se tu tiver um acervo tu pode tocar, olhar, admirar, só não pode levar(risos).

Seu Osmar: A gente tinha objetos guardados em casa e fomos ampliando, formando o museu.

Maurício: No começo do museu vocês lembram quantos objetos tinham mais ou menos naquela época?

Osmar: A gente não tem nem ideia.

Ervino: A gente tinha, ganhava, o Antônio ganhava... Eu comprei muitas coisas na época. Aqui dentro tenho muitas coisas compradas, em casa também muitas coisas compradas. Muitas vezes paguei 150, 200 reais porque sabia que daqui um tempo não vai ter mais, é um investimento para o futuro.

Certa vez cheguei em um cara do ferro velho, seu nome é Leomar, tinha uma serra que só corta pra frente, aí pedi pra me vender, mas já estava vendida para um cara fazer faca, paguei na hora o dobro e fiquei com a serra grande.

Maurício: Esses objetos eles tinham alguma característica para a seleção deles ou eles eram reunidos de forma aleatória? Vocês buscavam determinados objetos por exemplo, ou se viam um objeto e compravam?

Ervino: Eu só comprava quando via que não ia existir mais, hoje eu via que ali tem, e daqui um tempo não ia ter mais e então comprava. Às vezes tinham uns que doavam pra cá, vou deixar aqui pro meu filho, pro meu neto ver.

Maurício: Então os objetos eram selecionados de uma forma para que se evitasse de se perder com o tempo esses objetos, haveria uma perda de memórias?

Ervino: Nossos filhos e netos não iam ver mais.

Osmar: Muita coisa foi para o ferro velho e não deu tempo da gente pegar e não tinha lugar para a gente colocar também.

Maurício: Vocês comentaram que juntaram muitos objetos, e aí o seu Osmar falou que foi feito uma propaganda na rádio e aí apareceram muitos objetos com essas propagandas?

Osmar: Apareceu muita coisa, tem coisas que a gente nem foi buscar que eram coisas grandes, como trilhadeira, batedor de sementes, que ficaram na casa do colono que nem sabemos o que eles fizeram, por que não temos espaço para isso.

Ervino: Eu tenho uma geladeira de madeira guardada inteira que não está no museu, mas está guardada para nós feita toda de cedro que era usada para guardar manteiga, essa que era comprada dos colonos.

Maurício: Vocês fizeram a propaganda na rádio, por quanto tempo foi falado sobre a criação do museu?

Osmar: Eu trabalhei muito tempo na rádio, foi falado por bastante tempo. Só parei depois que me acidentei, se não estava sempre trabalhando lá.

Maurício: E sempre foi aparecendo novas doações então?

Osmar: Sim, sempre foi aparecendo novas coisas e o Ervino sempre correndo atrás, eu não era tanto.

Ervino: Eu tava sempre correndo atrás, muita coisa apareceu lá em casa em cima do pilar como uma balança azul, telha e mais uns outros objetos. Quando menos esperava, olhava pro portão tinha coisa. Telhas, televisão, deixavam de manhã, sabiam que eu gostava.

Maurício: Então o senhor ia buscar por todo Morro Redondo? Também vinha de outras cidades?

Ervino: Também vinha de Pelotas de uns parentes meus. Tem um rádio, tem uma máquina de cortar queijo e tem muita coisa.

Osmar: Assim são objetos que se tem ali no cemitério, um museu a céu aberto, ali tem túmulos que estão caídos, fui desmanchando e pegando as placas de porcelana e fomos trazendo para cá. Então são coisas que a gente tem.

Maurício: Foi uma excelente forma de não se perder.

Osmar: Se deixasse lá ia se perder para o aterro.

Ervino: A primeira que achei foi no mato lá e trouxe, depois o Osmar foi lá e trouxe mais um monte.

Maurício: Vocês trouxeram essas placas pra cá, os parentes dessas pessoas viram essas placas aqui no Museu?

Ervino: Sim, inclusive nós tinha uma gaita ponto e nós recebia excursão, aí tinha uma família Thiel, tinha uma Caroline Thiel só que era tão velho de 1910 que ele não lembra é uma bem grande com flores em alto relevo, imagina o dinheiro que isso sairia hoje em dia.

Osmar: Era fabricado essas placas na Alemanha, e inclusive embaixo de algumas está escrito ali que foi fabricado na Alemanha.

Maurício: E o caixão aquele ali?

Ervino: Foi o seguinte, chegou uma professora aqui de Porto Alegre, e falou que estava muito lindo o museu, mas sempre se acha um defeito né(risos), tá muito lindo o museu, tem os índios, a água... o que o senhor é do museu? Aí respondi sou um fundador, aí ela disse que tinha alguma coisa errada que estava faltando final da vida. Aí eu disse se tá faltando caixão eu tenho 30 em casa, na próxima vez tem. Eu tenho caixões de cedro, não pode vender de cedro aí tenho lá e coloco ração para os cachorros e ovelha. Tenho um caixão que tem 72 anos que está lá na minha casa inclusive. Bom, sempre recomendo entrar pela direita onde está os índios e faz toda volta e a pessoa vê até a morte tem.

Maurício: Quem mais estava envolvido nessa movimentação para formar o museu? Além de vocês e o seu Antônio mais alguém participou?

Ervino: Temos muito a agradecer ao povo de Morro Redondo que nos ajudou a fundar o museu. Nós fomos os fundadores, mas as pessoas diziam o seu Osmar quer as coisas antigas não põe fora, o Ervino também. O povo nos doou e nos ajudou a montar, não foi só nós, mas a comunidade toda que nos ajudou a montar o museu.

Aquilo vinha tralha e coisa, até carroça e jardineira, mas não tem onde guardar, quando tem festa no município o pessoal coloca lá pra frente e enfeita.

Osmar: Eu fico com pena daquela carroça do Geraldo que está na rua pegando chuva e não tem onde guardar

Ervino: Aqui nós precisávamos de um mini ginásio para guardar tudo, uma coisa maior. Só na minha casa em uma peça não perca para o que está aqui, vou comprando e vou guardando.

Maurício: A intenção do senhor é doar esses objetos aqui para o museu e também manter o seu museu?

Até então 50%, meus filhos e netos querem meus objetos, até algumas coisas que tem aqui que vai ficar como empréstimo para o museu, de repente eles nunca mais vão pegar. Tem um bule que era da minha mãe, tem três peças pequenas aí que vão ficar como empréstimo, claro que eu acho que nunca mais vou tirar. Minha esposa não pode nem ver eu chegar em casa mais com coisas(risos).

Maurício: O seu Osmar teve a ideia de criar o museu e anunciar na rádio, o seu Ervino ficou mais na parte de buscar os objetos, o seu Antônio tinha um papel de buscar os objetos também?

Osmar: Nós íamos sempre juntos buscar os objetos, buscamos um pé de mesa na colônia Reserva, a gente teve lá na Vila Freire em uma casa toda de pedra lá dos tempos das guerras. O seu Antônio tinha uma coisa muito diferenciada nossa, eu era mais de juntar o acervo, e ele foi mais um historiador. Ele contava as histórias, por exemplo São Domingos, por que São Domingos? Ele te contava tudo. Por que Santo Amor? O Antônio sabia contar, por que tem o Passo da Reserva? O seu Antônio contava toda ela.

Osmar: Por que Açoita Cavalo? Isso tudo ele sabia

Maurício: Como vocês veem a participação da comunidade hoje em dia aqui no Museu?

Ervino: Sim, inclusive ontem invés da comunidade vir até o Museu, o Museu foi até a comunidade foi o Café com Memórias .

O Café com Memórias é uma forma de aproximar a comunidade do Museu, antes da pandemia

Osmar: Uma vez fomos no Elberto Madruga, foi muito legal as crianças mexendo o tacho. Ano passado Kamile recebeu uma turma boa do colégio aqui no museu para falar do meio ambiente, e a Edith minha esposa veio ajudar ela por que não da pra atender 20, 30 crianças ao mesmo tempo. Aí eles perguntam o eu é aquilo? Pra que serve aquilo?

Milena: É muito importante a gente ter agora a Kamile aqui no museu, antes a gente não tinha uma pessoa que pudesse realmente vir aqui voluntário, nem sempre a gente tem disponibilidade de vir até aqui.

Ervino: A gente teve uma época muito boa antes da pandemia, a gente tocava e tinha o Vilson, Valdo, Osmar, quando encostava o ônibus nós já saía com a gaita tocando

e nós ia encontrar eles com música. O pessoal já descia dançando, era a coisa mais linda do mundo e nós tocando música de bandinha, mas veio a pandemia e aí parou.

Milena: Aí a gente teve a perda da dona Elda e perdeu bastante idosos.

Ervino: A gente aproveitou o momento, cada ano teve um momento bom. Estamos dando um pontapé inicial de novo no Café com Memórias, aquele dia teve gente que levou coisas antigas mas deixou no carro por que não deu tempo.

Maurício: O que vocês consideram importante ser preservado no museu e em Morro Redondo?

Ervino: Os objetos, as histórias tu conta e daqui a 50 anos talvez as pessoas não vão acreditar. E o acervo, e os objetos estão guardados e está catalogado, tem o registro ali. Se está registrado tu pode mostrar ali o objeto. E dentro do Morro Redondo o que mais gosto é a amizade, essa sociabilidade, de cumprimentar as pessoas de conversar.

Maurício: Na opinião de vocês o que gostariam de deixar para as crianças daqui a 50 anos?

Osmar: Eu creio que os objetos do museu, isso aí é o legado maior que podemos deixar para no futuro as crianças verem no museu o que tem aí. Que nós como povo nos doou e está aqui dentro para ser visto coisas antigas que muita gente nem sabe para o que serve. Então isso as crianças daqui 50 anos vão perguntar para o que serve isso e vai ter alguém para dizer que isso serve para isso e aquilo e é interessante isso aí.

Ervino: Daqui 50 anos vão falar que bom eu o falecido guardou. A realidade é essa.

Então daqui a 50 anos quando as crianças chegarem aqui muita coisa que se tem hoje em dia vai deixar de existir, mais coisas, mais objetos.

Não vamos muito longe olha as televisões de antigamente e olha hoje, celular mesmo era o tijolão.

Maurício: O que não se pode perder com o tempo?

Osmar: Os objetos por causa dos materiais, principalmente os de ferro pela ferrugem que destrói eles.

Ervino: E não vai levar nem 50 anos do jeito que as coisas estão hoje em dia, daqui 10, 20 anos hoje já tem tanta coisa nova diferente. Antigamente a gente pensava tomara a gente ter um rádio, aí eu falava vocês ainda vão ver um dia um rádio e vai ter gente falando lá dentro, não levou 20 anos apareceu a televisão. A primeira e a segunda televisão de Morro Redondo eu tenho. Então ia aparecer um rádio que tu ia enxergar a pessoa lá dentro. Agora tem um celular que a gente se enxerga lá dentro. É tão rápido que não dá mais para falar em 50 anos.

Maurício: O que vocês gostariam que não se perdesse para as novas gerações?

Ervino: Uma coisa que está se perdendo já, que as novas gerações não sabem por exemplo é por que se chama Morro Redondo. Porque quando minha mãe era solteira tinha um cerro grande lá em cima e bem redondo o que aconteceu foi que o oitavo distrito aqui, o sub prefeito começou a tirar cascalho do cerro e assim terminaram com o cerro. Ficou só a metade, eles tiraram para tapar os buracos da estrada, assim então destruíram a origem do Morro Redondo, ele não tinha um graveto nem nada, era bem limpo. Até poderiam fazer uma preservação na volta cercando e dizendo aqui é o começo do Morro Redondo.

Osmar: Por que a história é a seguinte, vinha um carreteiro de Pelotas e lá no alto do Santo Amor, aí o guri perguntou pro pai onde iam pousar à noite então o pai respondeu que vendo aquele cerro redondo, aquele morro redondo lá iriam dormir aquela noite. Isso lá por 1908 o pessoal que estava por ali ouviu e começou a falar aquele Morro Redondo, Morro Redondo e assim ficou. Me lembro que antes chamavam ali de Encruzilhada São Domingos.

Ervino: O centro do município é lá no Sicredi, lá começou tudo. Hotel Fiss também desde pequeno nós dizíamos vamos lá no Hotel Fiss que agora virou uma agropecuária.

Maurício: Vocês acham que essa nova geração daqui uns tempos não vai saber o que significa Morro Redondo então?

Ervino: Não vai muito longe não, tem muita criança que não sabe o por que e nem onde nasceu o Morro Redondo nem os pais falam também. Outra coisa as histórias ninguém conta mais, ninguém conta mais e as histórias vão morrendo.

Maurício: Qual característica merece mais destaque aqui no museu?

Osmar: A usina hidrelétrica de Morro Redondo, aqui tivemos essa usina antes da CEEE do seu Henrique Nornberg, depois seu Arnoldo tomou conta e era aqui na cachoeira que funcionava.

Ervino: A energia aqui era própria, só que janeiro e fevereiro tinham um problema aqui que faltava água na barragem e tinha pouca pressão para tocar a turbina. Mas também dava para contar as casas que se tinha naquela época, no máximo 100 casas. Em 1951 foi isso, dos Fiss até os Bertoldi foi espichada a linha de água.

Osmar: Eu tenho um relógio de quando começou, tinha que comprar esse relógio e tenho ali esse relógio pendurado ainda.

Maurício: Em que ano entrou a CEEE em Morro Redondo?

Osmar: Quando eu morava com meu tio nós tínhamos leitaria, aí a CEEE trouxe a luz até a represa, aí nós fizemos um abaixo assinado saímos de casa em casa que viesse pra cá e aí a CEEE atendeu lá por 1975.

Osmar: E o que mantém Morro Redondo é as indústrias de conservas, eram 5e agora são 4 por que uma se transformou em água mineral. São a Neumann, Minuano, Bertoldi e Citral. A que virou água mineral é o seguinte, eles já tinham a água e conseguiram um poço. A marca da água é Lazuli, e só fazem garrafas de 20 litros.

Maurício: Quais as potências poderiam ser mais exploradas aqui em Morro Redondo? O que poderia ser mais explorado?

Osmar: É o turismo

Ervino: É o que eu ia falar o turismo, está bastante espalhado dentro do município, muita gente tem áreas boas para serem exploradas. Tem arroios, tem rios e tal e que ainda não estão no roteiro por que isso envolve dinheiro, tem investimento. Mas o turismo aqui eu acho que vai ficar muito bom dentro do município.

Maurício: Principalmente na zona rural?

Ervino: Sim na zona rural

Osmar: A gente tinha uma grande empresa aqui que era a Cosulati, mas infelizmente não dá nem pra comentar o que aconteceu com ela.

Fornecia mais ou menos 300 empregos indiretos, quantos criadores de frangos tinha aqui. Agora está surgindo uma nova empresa que poderá sair, mas parece que o problema está na FEEPAN.

Maurício: Que tipos de estabelecimentos vocês veem surgindo em Morro Redondo?

Ervino: Mais é pousada e cachoeiras, tem alguns arroios pequenos também.

Osmar: Tem o castelo nos Valdez que estão construindo no alto do Santo Amor, ali se enxerga toda cidade de Pelotas, se enxerga Rio Grande, a ponte do São Gonçalo.

Ervino: Lá tem uma visão bárbara, se enxerga toda Pelotas e Capão do Leão.

Vocês já visitaram outro museu com as mesmas características daqui e do Museu Gruppelli?

Osmar: Eu não cheguei a conhecer

Ervino: Eu conheci o Museu Gruppelli, lá tem uma cadeira de dentista. Conheço bem lá. Conheço o de Piratini muito lindo está todo reformado agora. Só o nosso está meio triste tem muito acervo para colocar aí.

Osmar: Agora já ficou bem melhor com essa iluminação.

Ervino: Se não fosse a Andrea, Carliston, Diego e mais uma gurizada mais aí da UFPel estava fechado. Esteve aí o Corpo de Bombeiros e estamos com várias coisas pendentes no prédio.

Maurício: O senhor achou alguma semelhança ou diferença do Museu Gruppelli em relação ao Museu de Morro Redondo?

Ervino: Achei bem interessante a questão da barbearia e a cadeira de dentista Em quantidade de acervo que eu lembro aqui tem bem mais, bem mais histórias também. Mas lá tem um piso para cima né?

Sim, a parte de baixo era uma vinícola onde se fazia vinho, e a parte de cima era um hotel, uma hospedaria onde se hospedava muita gente.

Ervino: O que tinha lá, a gente tem aqui e muito mais.

Maurício: Não cheguei a conhecer o museu quando ele era em outro prédio, quando que ele passou para cá?

Osmar: A inauguração foi em 2012, mas nós já tínhamos museu 5,10 anos antes. Só que nós tínhamos no salão, no CETAP, e tal. Naquela época era a Associação dos Amigos da Cultura.

Maurício: O museu antes disso funcionou então em outros locais?

Ervino: Em dois lugares, no salão do Martin Lutero e depois foi no CETAP em uma peça bem ao lado. Daquele lugar a gente voltou pra cima e depois viemos para cá. Era muito úmido lá, era um porão e as fotos mesmo ficavam amareladas.

O que significa a vida rural para vocês?

Ervino: A vida rural é o pé direito do município, se não tem a vida rural principalmente o pêssego quando a safra é grande, emprega muitos funcionários desde a colônia arrancando pêssego, podando pêssego, colhendo. Então o que mais nos representa agora é as indústrias que tem uma safra, quando chega novembro, dezembro todo mundo tem trabalho.

Maurício: Vem de outros municípios pessoas trabalharem aqui?

Ervino: Agora vem por que está ficando pouco, todo mundo estuda ou trabalha então vem de Canguçu, Coxilha dos Campos, Cerrito. Não se encontra mais gente parada , se precisa cortar uma grama não tem, se está parado é por que não sabe nem pegar uma enxada.

Maurício: Está diminuindo a população de Morro Redondo então?

Ervino: Os trabalhadores estão, os que trabalham para fora sim, até um pedreiro não se encontra mais. Morro Redondo está ficando uma cidade de velho aposentado.

Maurício: Vocês veem que falta oportunidade de trabalho aqui?

Ervino: Sim, por que falta indústria, uma outra fábrica grande que se instale aqui dentro.

Maurício: Na opinião de vocês então faltam possibilidades de emprego na cidade?

Osmar: Sim, o que nós tinha de bom aqui foi a Cosulati e depois deu pra trás.

Maurício: Vocês acham que essa vida rural, essas características da vida rural estão expostas no museu através dos objetos? Acham que falta objetos que representem a vida rural?

Ervino: Para mim é bem fácil de responder essa pergunta, nós temos objetos de 50, 100 anos atrás, hoje o trator tomou conta. Ninguém mais tem um cavalo, um arado, sua plantadeira de milho, sua grade.

Osmar: Olha, foi da água para o vinho, por que os objetos que eles usavam hoje em dia está aqui no museu.

A

Ervino: A vida rural está tão moderna hoje em dia...mas o que falta não inda existe algo dessa vida rural que não está no museu? Algum objeto que falta aqui no museu? cabe aqui dentro como um trator

Osmar: Uma trilhadeira, limpador de semente picador de pasto.

Ervino: Tudo isso é muito grande, nos falta espaço. Hoje as pessoas tem um trator e se faz silagem em uma lavoura de milho. Antigamente nós tinha que colocar dentro de uma caixinha e empurrar a manivela para picar o pasto.

Osmar: Lá em casa era com um malacate por que era puxado com um cavalo e ia uma transmissão que ia lá dentro para tocar a máquina.

Ervino: Do meu vô é assim tocava os cavalos na volta e tinha umas engrenagens grandes que cortava lá dentro do galpão.

Maurício: As olarias também eram assim, né?

Osmar: Também eram assim.

Ervino: A prova está ali dentro do museu nos tijolos pois cada olaria tinha a sua marca.

Osmar: Igual as indústrias de pêssego, agora o Alcyr me disse que Pelotas teve 147 indústrias de pêssego desde as pequenas até as grandes e hoje em dia só se tem 1 ou duas grandes ainda.

Ervino: Pessoal, eu e o Osmar agradecemos pela entrevista, foi muito importante esse papo com vocês e quando precisar de mais alguma coisa nos procurem.

Maurício: Agradeço a disponibilidade de vocês virem até aqui, de responderem também as perguntas em relação ao Museu de Morro Redondo. E gostaria de perguntar se posso utilizar as informações para o trabalho.

Ervino: Sim, a gente não vai cobrar nada, pode passar adiante as informações(risos).

Apêndice 5 – Entrevista com Paulo Ricardo Gruppelli

Transcrição Paulo Ricardo Gruppelli

Maurício: Conte como foi a época de criação do museu, como tudo começou.

Ricardo: O museu começou com o seguinte, como vinham muitos veranistas para cá há muito tempo tem registros de 1932 e o pessoal dormia lá em cima no prédio. Então os filhos, os netos, o mesmo pessoal que ficava hospedado na parte de cima do sobrado e eles queriam entrar lá dentro porque era um lugar meio místico, meio assombrador. Quando eles eram crianças tinham medo de entrar sozinhos e isso aí atraiu a atenção deles ficando mais corajosos, as pessoas pensavam que tinham fantasmas e bichos porque lá tinha muita coisa guardada, móveis velhos também, coisas em geral que tu vai guardando, resgatando e então ali começou a surgir a ideia o pessoal vinha e queria entrar lá em baixo para relembrar. Mas geralmente eram pessoas que se hospedavam aqui quando tinham 5,6 anos e naquele momento retornavam com os pais e queriam entrar lá e aí começou a surgir com o pessoal relembrando

Maurício: Qual era o objetivo de vocês com a criação desse museu?

Ricardo: O objetivo era satisfazer a curiosidade das pessoas, porque o pessoal vinha no intuito das pessoas redescobrir o passado, era organizar o espaço para isso. As pessoas chegavam e falavam: que lugar fresquinho, dá até para ficar aqui. O Dr. Pedro Marchesi fazia umas terapias no prédio antes porque era fresquinho então começamos a abrir o prédio. As pessoas chegavam e diziam: pode levar isso aqui e aquilo ali? Aí a gente dizia não pode, não pode.

Então as pessoas queriam entrar ali, quando eram crianças de noite era pouca luz, se deligava o gerador às 10h da noite e com pouca vela também ficava uma escuridão. Então ficou marcado na mente das pessoas que eram crianças e vinham para cá, quando tinham 15, 20 voltavam e procuravam o passado.

Maurício: Tu te lembras as características dos primeiros objetos que foram reunidos?

Ricardo: A gente não chegou a ir nas casas das pessoas buscar os objetos, elas traziam e alguns a gente foi adquirindo por exemplo vamos trocar esse paneleiro por um botijão de gás, esse objeto é interessante e me serve. Tu fazia uma troca sempre, uma ferramenta velha por outra coisa, foram muitas trocas de objetos. Não era uma aquisição monetária, por que as pessoas não davam muita importância para este tipo de coisa ainda.

Maurício: Tu te lembra de quais objetos foram doados para cá pela comunidade?

Ricardo: O picador de pasto , a barbearia também foi doada, o gabinete dentário foi doado pelas Comunidades Reunidas Hermógenes Gruppelli, enxó de fazer gamela, os barris e objetos de fazer vinho como a prensa de uva e o moedor.

Maurício: Tudo o que estava dentro do prédio foi usado como objeto para o museu ou alguma coisa foi retirada também?

Ricardo: Grande parte que estava útil, alguma coisa foi restaurada também que não estava totalmente inviável que se dava para recuperar coisas. Eram coisas que eram dignas de museu, vieram algumas telhas do Crochemore, algumas moedas, máquina de fazer waffle, debulhador de milho, tudo foi doado. Alguma coisa foi se buscando em tapera velha.

Maurício: Dizem que o pilão foi encontrado em uma tapera velha

Ricardo: Sim, ele foi encontrado abaixo do cerro do knogongo até fui eu que trouxe e avisei o cara que eu ia levar esse pilão em uma comunidade quilombola, aí perguntei para o cara e ele falou que poderia levar porque ali estava se estragando.

Maurício: Qual foi o teu papel no processo de fundação do museu? Tu ajudou a selecionar os objetos como tu falou em alguns lugares ...

Ricardo: O cara estava ali na volta, ajeitando uma instalação para um lado e para outro. O papel era de faz aquilo aqui outra lá, juntando objetos também. Mas claro, já tinha muita coisa porque na verdade já era um depósito com objetos. Mas o papel foi o seguinte: passar uma tinta na parede, incentivar as pessoas, meter pilha vamos fazer tal coisa e o papel foi esse o que se tinha para fazer fomos fazendo e fomos organizando o museu.

Você se lembra além do Neco Tavares e da Neiva Vieira, quem mais esteve envolvido neste processo?

Ricardo: Uma época o João barbeiro trabalhava ali dentro cortando cabelo, a gente já recebia pessoas antes da abertura, eles entravam lá dentro, aí a professora Neiva falava: quem sabe vamos fazer um museu e tal. O pessoal já perguntava se podia entrar lá dentro e tal e aí surgiu a ideia do museu do Neco Tavares, da Neiva...Aí falaram em institucionalizar e pensamos em abrir como museu, mas o pessoal já entrava lá dentro, circulam, iam redescobrir o passado, redescobrir o rural.

Maurício: Então o prédio já era aberto, só não era oficialmente museu.

Ricardo: O pessoal adorava entrar lá dentro, olhava pelas frestas e dizia o que tem lá dentro, tem bicho e fantasma, tem aranha, tem cobra.... Tem muita gente que não entrava porque achava que ia ter cobra, ter monstro...

Maurício: E já tinha aquela conversa do fantasma do parafuso que era um guardião do prédio.

Ricardo: o finado do parafuso era um guardião sim, por que tinha uma gurizada e ali se fabricava bastante vinho e o que acontecia era que iam os guris lá e roubavam vinho, então o que o meu avô fez colocavam os vinhos mais azedos próximos das janelas. E naquela ânsia eles pulavam as janelas e pegavam os vinhos bem da frente e o que acontecia é que eles pegavam os vinhos que estavam azedos, e então dizíamos que claro por que o finado do parafuso azedava os vinhos porque eles pegavam, e também era assim com jurupinga, vinho de laranja então eles faziam era isso colocavam próximo das janelas os vinhos azedos.

Mauricio: Como tu percebe a participação da comunidade hoje no museu?

Ricardo: A participação da comunidade é imprescindível, porque tu não contas uma história sem a participação da comunidade, é a mesma coisa que tu transportar esse museu e colocar no centro de Pelotas, não tem um porque, não existe porque ele tem que estar inserido no contexto de participação da comunidade. Tem uma importância muito grande, e o museu tem que ser peculiar a região. Não adianta tu colocar o museu da geladeira na Antártida, não tem porque não existiu geladeira lá. Então hoje não tem como tu fazer um trabalho desses assim se não tiver uma peculiaridade, uma raiz na colônia. Impossível hoje mesmo que tu transporte para qualquer outro lugar porque aí não vai representar a comunidade. Se formou por causa da comunidade, é da comunidade e é a história da região.

Maurício: O que tu acha importante ser preservado no museu e aqui na localidade?

Ricardo: Tem bastante coisa, a cultura, produção, a despensa, a gastronomia mesmo que se sofra uma intervenção de algumas coisas que estão sendo extintas por uma nova cultura. Porque um museu desses aí te remete a fazer uma manteiga, recordar um passado, preservar os costumes, o produto... Na verdade ele não tem um objetivo único, mas bem espalhado porque as pessoas vem no museu buscar um passado, um produto do passado, uma história do passado, procuram parentes aqui na região para fazer uma dupla cidadania, vem aqui na região procurar um parente, um antepassado porque não tem informação, então te remete a um contexto e não uma única coisa. Ainda mais uma ferramenta que te desperta um método de produção e traz uma saudade as pessoas se identificam e levam também essa identificação para um descendente não desaparece esse sentimento, tu vai passando essa educação.

Maurício: O que você gostaria de deixar para as crianças daqui 50 anos?

Ricardo: Que eles saibam que aqui existiu uma história e que muitos descendentes deles viveram aqui eles não saíram de um saco de batata, eles tiveram uma mãe, pai, avô que produziu, que capinou. Claro, houve um êxodo rural, mas que saibam das suas origens, hoje o ser humano busca origem. Que tenham esse básico de onde saíram. Está existindo uma recolonização até pelos meios de transporte, mas que tu saiba mais ou menos da tua origem, tu sai aí pra fora os caras te perguntam da onde tu é, e é importante tu dizer sou de Pelotas, do interior de Pelotas... Tu vê que até os sobrenomes tem uma conotação de onde saiu né.

Maurício: Quais as potencialidades que poderiam ser exploradas na região?

Ricardo: Na matéria de turismo a natureza né, observatórios ornitológicos, tentar ativar esse parque farroupilha ali próximo a Maciel, a gente tem o arroio que tem o título de patrimônio natural e cultural de Pelotas que é o Arroio Pelotas com o decreto do Bernardo de Souza que deu esse status à esse arroio que é um parque cercado de dois arroios, o Arroio Caneleira com uma área verde muito interessante com uma região que dá para explorar. É procurar ver mais o patrimônio natural e cultural da região que vai se descobrindo novas possibilidades entre esse meio. Eu acho que dentro da colônia um observatório ornitológico, a gente faz parte de Pelotas e eu acho que estamos perdendo tempo em não explorar o Arroio Pelotas com esse título, esse status que ele tem e é reconhecido nacionalmente e é uma área com recursos hídricos excelentes, eu acho que isso a gente deveria preservar e divulgar as nossas áreas.